

ANO IV N. 161

15

JULHO

1944

PREÇO AVULSO

ESC. 1\$50

Objet.
-O. NOV. 1998

VEJA NESTE NÚMERO:

A história da inv

Um documento sensa

CPAS II
Mr. Jm
Maço n.º 64-A-
Z



**VIDA
MUNDIAL**

INAUGUROU-SE O ESTÁDIO NACIONAL (ver nas páginas 16 e 17
uma notável reportagem gráfica)

ILUSTRADA

SEMÁRIO GRÁFICO DE ACTUALIDADES

Como na tela...

AQUI defronte da minha casa, num postigo estreito e florido, mora a Gaby — uma estouvada garôta de quinze anos, que é a namorada n.º 1, do meu bairro. Começou cedo, na sua cabecita tonta de alvóola, o sonho de precoce amor. Tinha doze anos quando a mãe, a austera D. Mafalda, contrabandista de roupa feita, se benzeu de pasmo ao topar no livro do liceu com uma carta perfumada e pétalas de rosas em que um «crairão» jurava e rejurava que a «sua» paixão seria eterna... A mãe não esteve pelos ajustes — e a Gaby apanhou umas chineladas mestradas, que o corpo ficou negro como o carvão. A garôta, porém, não se emendou. Aquilo de falar com este e aquele estava-lhe no sangue, ardente e moço. Já, nesse tempo, o peccadinho do «baton» entrava a fazer das suas. Diante do espelho fazia «poses» à Betty Grable, revirava os olhos numa impaciência romântica a quem tarda o mensageiro da felicidade, e, de bluzita e saia de raderes, tóda se debruçava da janela, como a carochinha que queria casar. Gaby não é feia — tem os olhos azuis como o céu e a pele morena de quem correu sempre ao sol, na liberdade dos prados. De manhãzinha, mal o sol desponta, é a sua voz cristalina que dá, na rua, os «bons dias». E então é um enlévo vê-la de chinelada, a perna nua, o calcanhar vermelho, pôr o calrote à porta, agitar-se na tarefa de dona de casa. Sendo frívola — não é inútil; trabalha, ajuda a mãe — e, aqui para nós, é justo que as horas que lhe sobram as passe de qualquer maneira. E como as passa Gaby? Namorando. Gaby é um símbolo da menina do bairro que se julga bonita e que, nefastamente, faz brotar paixões funestas. Ainda há por aí — nesta época de materialismo de que a sociedade enferma, quem julgue que o amor mata e que a paixão faz desgraçados.

O sal-de-azedas, as cabeças de fósforos, o remédio das formigas, que tantas inocentes lavagens de estômago ocasionaram foram sempre o produto dum despeito e duma dor amorosa que os páldios românticos não souberam recalcar. Gaby tem a escola do cinema. Ama como na tela — e quer que um desgraçado João que é serralleiro na oficina do «espanhol» seja herói como o Garat, que é um mariola apaixonado, capaz de tudo... na «fitas». De modo que lhe acontece? Vai namorando. Que eu desse fé só este ano, desde Janeiro, vai no décimo quinto. Altos, magros, esgroviados e pesados, louros e morenos, tudo passa pelo estreito postigo numa ofensiva, que a linha «Maginot» do seu coração parece saber resguardar. Lá está ela, agora mesmo. A mãe saiu, Gaby, tóda dengosa, faz uma boquinha, a um louro rapaz, de quatro solas, grande casaco, cabelo frisado, que assobia um «swing», com um ar de americano da Rua da Graça. Ela está bonita. Mesmo mais bonita que o costume. Tem o cabelo como a Marlène, os olhos como a Lamour, o sorriso da Davis — e uma maneira de meter o dedo no nariz que é um exclusivo muito seu; está cantarolando, baixo; percebe que está nervosa, impaciente. O rapazinho, no passeio defronte, faz tenir o «jazz-band» dos sapatos; repuxa fumaças duma boquilha, olha o céu, as núvens... — e não diz nada.

Há um olhar que se cruza. Gaby entende e, com os dedos, dá uns ligeiros toques no postigo. Que irá sair dali?

O rapaz chega junto da janela — e, oh! céus! — quando os seus lábios iam murmurar qualquer coisa, cai-lhe em cima um balde cheio de água, que o deixa num pingo. Percebi, então. Foi a Rosa, vizinha de cima, que há três dias, coitada, sonhava com aquele moço. Sem nunca namorar ela supunha que tivesse chegado a sua vez — tanto mais que a Gaby namorava alguns três naquela altura...

Enganou-se. O moço era ainda para a namorada. Então vingou-se. E o desfecho foi de cinema...

MANUEL MARTINHO



Quando no D. Maria II se representava a "Judith"

«Judith», essa magnífica tragédia de Giacometti, que fez chorar tantas lágrimas aos nossos bisavós, foi representada entre nós pela famosa actriz Adelaide Ristori, que arrebatou Lisboa de então.

Enchia-se o teatro de um público escolhido. Dos camarotes, em noites de glória, a grande trágica italiana ouvia os maiores aplausos duma assistência enlevada pela sua arte inconfundível.

A história de «Judith» é dos tempos bíblicos. Viúva de Manassés, da tribo de Simeão, aquela formosa mulher conseguiu livrar a cidade de Bethunia, sua pátria, das mãos de Holofernes, general do exército de Nabucodonosor, rei de Assíria. O caso passou-se assim: pelos anos 600, antes da vinda de Cristo, o temível Nabucodonosor conquistou toda a Judéia; os seus exércitos aguerriados arrasaram Jerusalém, delatando fogo ao templo de Salomão — e levaram à frente das balonetas os judeus para a Babilónia. O general Holofernes cercou, ao mesmo tempo, a cidade de Bethulia, onde residia Judith, viúva, riquíssima e a mais nobre formosura do reino dos judeus. Por muito tempo, a cidade resistiu — mas o tirânico general mandou cortar as águas que a abasteciam, e os sitiados estavam prestes a morrer à sede. Sempre lutando, o governo da cidade de Judithe via já caindo mortos muitos compatriotas, de lábios ressequidos da febre e do calor — e, reúnido, resolveu render-se.

A deshonra, a derrota, pairavam sobre a pequena cidade. Foi então que Judith, que era amada por todo o povo, pela sua rara beleza e por ser muito temente a Deus, procurou Osiás, governador, e, de joelhos, lhe pediu que não se rendessem, que ela, com astúcia, saberia convencer Holofernes a levantar o cerco.

Acede o governo — e logo ela despe o cilício de que andava tóda coberta; enxuga os olhos das lágrimas com que orava ao céu, manda vir cheiros, jóias, galas, espelhos; veste, compõe, enriquece, esmalta os cabelos, a garganta, o peito, as mãos, os braços e até os pés, não de todo cobertos (que assim o nota a escritura); e feita Judith um tesouro de cobiça, um pasmo de formosura, e mil laços de apetite, sai, confiadamente pelas portas da cidade, com sua criada atrás (com sua ancla, diz o texto), salta o fosso, passa as sentinelas, entra no meio do exército inimigo, e vai direita à própria tenda de Holofernes.

O terrível general ficou encantado. Nunca tinha visto uma mulher tão linda! Ofereceu-lhe a mão de esposa. Mandou preparar um banquete onde a apresentou a todos os oficiais. Espumavam os vinhos nas taças — Holofernes, junto de Judith, e já embriagado, fazia dar grandes vivas à noiva. Foi preciso levá-lo em braços para a sua tenda. Então aí, Judith, num rasgo de audácia, com a própria espada do general que tantas vezes tinha entrado triunfante em perigosas lutas donde saía vitorioso, dum só golpe, um golpe certo cortou-lhe a cabeça. Depois, com ela, fugiu para a sua cidade a relatar o acontecido. O exército invasor, perdido o seu chefe, perdeu o ânimo — e Judith, a bela judia, viu salva, na alegria do seu povo, a linda cidade de Bethulia...

Era esta a maravilhosa tragédia a que a cidade de Lisboa assistia, em teatro, representada por uma grande companhia italiana.

Foi tal o êxito que Mendes Leal Júnior traduziu para português a peça e fê-la representar no D. Maria II, por Emília das Neves e J. Tasso.

Emília das Neves era uma gloriosa actriz — de rara formosura, e J. Tasso um dos maiores actores que a cena portuguesa evoca sentidamente.

Durante quinze noites consecutivas, o D. Maria II foi pequeno para conter as colossais enchentes. Os bilhetes eram disputadíssimos.

Parte da crítica, porém, não gostou da actuação das nossas duas primeiras figuras da arte de representar. Com certa independência, dizia que não tinham escola, nem fôlego para uma tragédia de tão altas responsabilidades. E um crítico chegou mesmo a verberar o procedimento de Emília das Neves — que tinha dotes de formosura mas que representava por intuição — por querer fazer um papel que só Ristori era capaz de desempenhar.

Enfim, fazia-se zaragata — mas nem por isso o crítico deixava de cumprir a sua missão imparcial. E criticavam-se Emília das Neves e a Tasso — duas figuras inconfundíveis da cena portuguesa.

UM INQUÉRITO RELAMPAGO

Como passa o domingo?

DEPOIS duma semana de trabalho, o homem guarda o domingo para descanso. E o dia de tóda a gente.

Enche-se a cidade duma multidão pasmada que olha as montras, pachorrenamente, dá duas voltinhas ao Parque Mayer, enfia pelas esplanadas, bebe o seu refresco e volta para casa, com o tédio de «nada ter feito». Outros, então, aproveitam esse dia para, sobretudo no verão, se esgueirarem com a família, a matar saudades do campo. E é vê-los, pela auto-estrada, nas caminhetas pelos arrabaldes ou assaltando os barcos para a Costa de Caparica e Cacilhas onde já não há os burros. Este inquérito — onde passa os seus domingos? — é só feito com trabalhadores — que, pela lei do trabalho, têm o seu domingo — porque jornalistas, intelectuais, médicos e advogados folgam quando calha e, às vezes, é nesse dia da semana aquele que mais intensamente trabalham.

GOSTO DE DORMIR EM CIMA DO ALMOÇO!

Mestre João Lemos, velho tipógrafo com quasi 40 anos de serviço, numa oficina do Bairro Alto, mas rijo e desempenado, responde logo:

— Os domingos, para mim, são felizes! Os netos moem-me o juízo com perguntas, mas, olhe... sabe-me bem aquilo!

Nunca saio à rua — e durmo sempre em cima do almoço!

ESTÁ DE ACORDO COM ISTO?

Hesito. Não sei se é à sua secção de reclamações que devo dirigir-me se, afinal, a uma entidade oficial. Mas, a verdade, é que não sei a qual entidade devo dirigir o meu reparo. E, assim, certo de que não haverá quem deixe de compreender as razões desse reparo e o verdadeiro fim que tenho em vista, sempre me resolvo a expor os factos: de vez em quando, aparecem nas ruas de Lisboa crianças que são exploradas por adultos e que, de pandeirata ou de bandolins desafinados, percorrem a cidade, cantando o que calha — às vezes, até, letras pouco edificantes. Confrange-me, francamente, ver cidadãos de palmo e meio desviados da escola, do officio ou de qualquer principio de vida honesto, para encetar uma profissão de vadiagem que nunca mais deixará de lhes acenar pela vida fora. Sr. Redactor: eu sei que há leis que proíbem esse mercantilismo, essa exploração de menores. Mas também sei que, não obstante os esforços de quem de direito, esse mal existe, com carácter mais ou menos ás claras. Às vezes, esses garotos de 10 e 12 anos juntam-se aos dois e três; outras vezes, são acompanhados por um «respeitável ancião».

Até que ponto há honestidade nesta indústria? Os que passam, os que ouvem das suas janelas, mesmo quando contribuem com alguns tostões, protestam pública ou intimamente. A verdade é que tudo isto tem um ar anti-pático que poderia desaparecer. Bastaria que os verdadeiramente necessitados — um velho que tem por amparo uma criança, por exemplo — fôsem munidos de uma licença para exhibir as suas tristes habilidades publicamente. Ainda se pode compreender que quem não tem possibilidades já de ganhar a vida lance mãos de processos confrangedores para ter que comer. Mas os outros? Os que não querem trabalhar e preferem andar de rua em rua com a «música de cegos», auxiliados por crianças de vontade fraca? Para esses não deveria existir a cadeia?

Submeto ao seu critério e juízo este aspecto da nossa assistência pública e de amparo moral à sociedade. Se entender que esta carta deve ser publicada — compreenderei que está de acordo comigo e que pretende, assim, chamar a atenção de quem de direito, para um dos magnos problemas da nossa terra.

NATÉRCIA DE ANDRADE — Rua S. Filipe Nery — Lisboa.

Não será possível criar uma nova carreira de «auto-cars» ou, pelo menos, reaver aquela que já existe? Porque se nota este facto curioso: são precisamente as carreiras menos concorridas aquelas que possuem «auto-cars». Para se verificar isto, basta ver como elles passam quasi vazios durante quasi todo o dia.

Dá-me a idéa de que a Companhia Carris apenas quis pôr os carros a funcionar por uma questão de brio e nunca em obediência às necessidades do público?

Porque não há «auto-cars» para a Estrêla, para a Graça, para Almirante Reis?

RODRIGUES GUERREIRO

Eu sei que temos organismos capazes de vigiar pela saúde pública e pela bolsa dos pobres. Mas nem a tóda a parte chega, com certeza, a acção dos bem intencionados. Por isso o público está a ser constantemente defraudado como acontece agora, por exemplo, com a farinha de grão ou grão moído que apareceu nas mercearias. Por que teria, de facto, desaparecido o grão de bico que tanta falta faz nas cozinhas, agora que outros produtos escasseiam — como o feijão, a batata, mesmo, e o arroz?

A resposta tive-a ontem, quando fui comprar a tal farinha de grão para fazer sopa... e verifiquei que, afinal, tinha levado para casa quasi exclusivamente milho moído! Como os senhores devem compreender, está encontrada a razão por que os comerciantes, fraudulentos e pouco escrupulosos, fizeram desaparecer o grão: o milho não é pouco e é mais barato. Vendido a 8\$50 cada quilo sempre rende mais...

AURORA CARDIM, uma dona de casa afilada.

PORTUGAL DESCEU À CIDADE...



PORTUGAL desceu inteirinho à cidade. Veio a Lisboa, todo enfeitado, colorido, «galeto» como o bom povo português. E foi vê-lo, na Feira-Exposição que se realizou na Tapada da Ajuda, muito engraçado e ingénuo, com boizinhos azues e galos encarnados, músicos barrigudos de grande bigodada, frutas de loja das Caldas, bilhinhas de Estremoz, lanternas beirões, tapetes de Vila-de-Moinhos, rendas de Peniche e bordados de Viana!...

Portugal inteirinho, sim, desceu à cidade — e só foi pena que durasse tão pouco tempo esse certame de coisas engraçadas como as raparigas que as vendiam e que caíam sob a objectiva de Seródio, como se prova com as fotos juntas...

Para o carrascão com sardinha assada...



Quanto tempo?

Há quatro anos, por esta data, a campanha da França tocava o seu termo. Paris já tinha cedido sem combate, o gabinete Reynaud sofria assaltos de hora a hora, a psique da capitulação, inoculada por mil meios, alastrava e corria a resistências, os exércitos, sem engenhos... nem engenho, dissolviam-se na fadiga dolorosa da derrota. A 15 de Junho, fôra a chegada a Bordeus; a 16, Paul Reynaud era apeado e substituído por Pétain; a 17, o pedido de armistício oficialmente formulado por intermédio de Madrid — onde Pétain servira como embaixador junto do seu antigo aluno, general Franco — e o começo do ataque italiano; a 22, o armistício estava assinado, no evocador cenário da clareira de Compiègne; mas faltava ainda regular o caso com a Itália e a dolorosa peregrinação dos emissários franceses só terminou dois dias depois, com a posição de duas assinaturas na convenção de armistício franco-italiano: o marechal de Itália, Pietro Badoglio, e o general francês, Huntziger. Ao romper do dia 25, tinham cessado os combates.

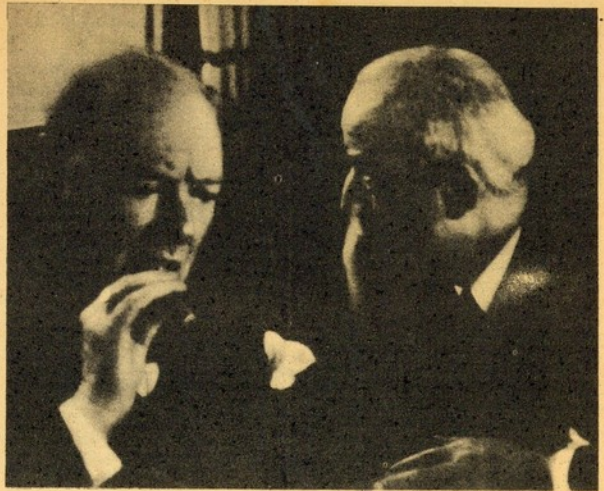
A França ia mergulhar numa treva de luto, de meditação, de arrependimento; o cativoiro dá para isto tudo; e também, principalmente, para meditar na liberdade perdida: a liberdade das pátrias chama-se — independência.

Ao longo destes quatro anos, a França tem conhecido toda a escala de sofrimentos: das privações dos meios necessários de vida, a fragmentação da unidade imperial, a elasticidade sucessivamente atribuída às condições de armistício, as tentativas oficiais de resistência e as necessidades de uma sucessiva colaboração com o vencedor, as feridas dolorosamente abertas pelo aliado da véspera, o espectro e a própria realidade da guerra civil. Que mais se pode inscrever no calendário de um povo, cuja actividade mental era o verdadeiro farol do mundo?

Agora, quatro anos passados, de novo a terra francesa se transforma em campo de combates. Dos restos desarmados do British Expeditionary Corps, que o general Lord Gort comandou na retirada desmantelada de Dunkerque, foi possível criar a célula que se corporizou numa força militar de primeira grandeza mundial. Escolhendo a zona entre o Havre e Cherburgo para local dos primeiros desembarques no continente europeu, o comando aliado visa, nitidamente, romper caminho para Paris, atingir o coração da França, fazer desfraldar de novo sobre ela o pavilhão tricolor. A batalha ferre-se raiosamente a oeste, do mesmo passo que, no sul, Alexander faz avançar a ritmo apressado os seus exércitos e, a leste, a ameaça de uma nova ofensiva se considera latente. O comando alemão sente-se, deste modo, apertado por três lados — cada um dos quais se pode subdividir na necessidade de sucessivos esforços.

Quanto tempo durará ainda a oscilação do pêndulo? Quanto tempo durará ainda, para os povos da Europa, o angustiante pesadelo? Quanto tempo restará ainda para se alinharem pontos de interrogação?

J. R. S.



Churchill e o Presidente Inonu, durante a conferência de Ankara, fumam enquanto conversam.

TURQUIA

Um paradoxo na política da guerra

A Turquia, como se sabe, resolveu, sob a pressão Aliada, suspender as remessas de cromo para a Alemanha. Isto foi a 21 de Abril último e representa um grave problema para o Reich. Nada menos que 150 mil toneladas daquele precioso metal havia sido prometido e negociado com a Alemanha, em fins de 1943, estando a ser remetido para aquele país em cargas de 9 mil toneladas por mês.

Como primeira consequência da boa vontade turca, perante o problema posto pelas Nações Unidas, pode apontar-se a chegada, à Turquia, de uma missão militar britânica que vai retomar com o Estado-Maior turco, o fio da conversa, começado no dia seguinte à conferência do Cairo, e suspensa, por falta de bons resultados, em 3 de Fevereiro último.

Um jornal francês, comentando os acontecimentos políticos, refere-se à posição singular da Turquia, aliada mas neutra, orientando-se mais nitidamente para uma aliança activa — o que pode constituir índice iminente da proximidade da invasão. Porque, entre outros defeitos que não podem atribuir-se ao Presidente Inonu nem a Sarad Jogli, um mau sentido de realidades servido pela melhor das informações.

Von Papen teve, em face dos factos, de ser chamado a Berlim e expor as razões do seu fracasso. E, certamente, para que o golpe seja atenuado, alguma nova razão há-de ter sido encontrada para levar a Turquia a respeitar o pacto de amizade germano-turco.

Donde vem, então, este paradoxo político criado pela Turquia perante o actual conflito? Em boa verdade, se quiséssemos fazer a história desse paradoxo, precisaríamos de muito espaço — e muito ficaria por dizer. Entretanto, poderemos começar por 1939, quando os turcos e ingleses assinaram um tratado de aliança que, acima de tudo, tinha carácter defensivo, em relação à Europa oriental de então, em guerra desde 1 de Setembro desse ano. Os Aliados, por esse tratado, prontificavam-se ao fornecimento de armamento, para modernizar o exército turco. Mas, menos de um ano mais tarde — oito meses depois, a 8 de Junho de 1940 — a Turquia assinava com a Alemanha um pacto de amizade a que não faltavam «anexos» económicos.

Então, perante o mundo aliado inquieto, a Turquia comunicou à Imprensa:

— Nada mudou. Continuamos aliados leais da Grã-Bretanha.

Mas, no decorrer de 1943, assistiamos a mudanças espantosas nas directrizes da política turca.

Por quê? Seria apenas o desejo de

não entrar na guerra? Mas se a Turquia se propôs o modelo das nações do Próximo Oriente, a sua entrada na guerra, para a vitória, não lhe daria credenciais particulares?

A verdade, porém, é que a Turquia tem os olhos postos nos Balcans, onde dominou e onde desejaria exercer pelo menos uma certa hegemonia. E, para tal, não há como considerar-se forte e fresca para quando vier a paz.

Enfim, que se teria passado na conferência de Ankara, quando Roosevelt, Churchill e o embaixador da U. R. S. S. se encontraram com o Presidente Inonu? Toda a gente julgou que o objecto imediato da guerra era a entrada da Turquia na guerra, para a invasão da Europa pelos Balcans — mas a Imprensa turca, alguns dias mais tarde informava: nenhum país entra na guerra sem consultar os seus interesses...

A verdade é que os alemães tinham ainda nos Balcans 40 ou 50 divisões. Inclinado sobre os mapas, o governo achou que ainda não estava suficientemente forte para lhes resistir, e que talvez os reforços do Médio Oriente não chegassem tão depressa como era seu desejo. A conquista das ilhas de Kos, Leros e Samos ameaçava directamente Constantinopla e Smirna... E um jornalista suco consequência revelou: a Turquia dispõe apenas de milhão e meio de soldados, ou seja 35 divisões de infantaria, 5 de cavalaria, 3 brigadas de montanha, 500 carros blindados e outros tantos aviões; um couraçado antigo, 2 cruzadores ligeiros, 8 «destroyers» e cerca de 30 submarinos — o que não era muito para incutir confiança, mesmo pensando que as remessas de material de guerra continuavam a fazer-se e que os instrutores aliados não descuravam a sua missão...

Dentro de pouco tempo, a Turquia podia consentir que os Aliados atacassem a Bulgária e o Dodecanezo com a ajuda dos seus homens e dos seus aeródromos. Mas von Papen fazia por demonstrar e ampliar os perigos que a Turquia corria. Entretanto, os exércitos russos avançavam no Mar Negro. Os turcos estavam cercados de Aliados. Poderiam eles consentir nas remessas de cromo? Se no Cairo tinham feito planos em que eram incluídos os aeródromos turcos, era natural que a atitude negativa da Turquia os prejudicasse. Nos fins de Janeiro último, as remessas de material de guerra foram suspensas. Os E. U. dizem que não é um pressão, mas porque lhes é mais rendoso, mas os franceses e iugoslavos. A Imprensa britânica fala sob reticências, a turca insiste que a sua neutralidade lhes é mais favorável — e o duelo diplomático continua em Ankara.

ARGÉLIA

O QUE SERÁ A EUROPA DE AMANHÃ?

HAROLD Nicholson, deputado nos Comuns, governador da B.B.C. e antigo ministro, está actualmente hospedado em casa de Duff Cooper, em Argel, onde foi efectuar algumas conferências, muitas das quais ficaram na memória de todos. Num entrevista concedida a «Tam», Nicholson expôs assim o problema da Europa política de amanhã e o que supõe ser a sua solução:

— Não há dúvida que é de desejar uma cooperação estreita entre os países da Europa ocidental. Mas: considero-a certa. Sem dúvida, poderão conservar-se as barreiras aduaneiras, como as havemos conhecido. Mas, num plano mais elevado, será preciso saber distinguir «Nação» de «Estado».

E, falando da França:

— Os franceses conhecerão um nacionalismo mais intenso que esse

outro anterior à guerra. Pensarão «francésmente». Mas, em compensação, os povos ficarão com a certeza de que será mais justa a distribuição das riquezas e uma necessidade de segurança colectiva há-de obrigá-los a dirigir a política estrangeira para uma fórmula federativa. Sem ser pela força, mas docemente. Teremos depois da convalescença por que todos teremos de passar, uma aliança militar mais forte; será elaborada uma política estrangeira e económica e uma aliança financeira — comuns, no que diz respeito à Inglaterra e França, que poderão estender-se a outros países. Esse espírito de cooperação existe já tão arraigado no povo inglês que, quando numa reunião de eleitores perguntei se estavam dispostos, depois da guerra, a suportar o racionamento por mais dois anos, para auxiliar melhor a Europa, nem um só se ergueu em protesto!

— E os neutros? Que papel terão na paz e na reorganização da Europa?

— Todos os responsáveis sabem que devem participar na renovação europeia. Em Versailles, houve um erro, quando os não chamaram para os trabalhos da paz. Nos planos aliados, eles serão convidados a colaborar na obra comum. Porque, desta vez, não haverá uma conferência Internacional de paz, à volta de uma mesa, onde tudo se resolvesse. A paz e as suas decisões virão por graus sucessivos.

— E a Alemanha?

— Precisamos, principalmente, de lhe tirar possibilidades de se tornar ameaçadora... e... infeliz...

Tal qual tem sido anunciado através das palavras dos chefes de Estado e do Governo — Salazar assim o afirmou também — os países prepararam-se para uma colaboração mais íntima. A cooperação, o espírito de auxílio mútuo vai traduzir-se por factos. Estamos, pois, em presença de uma nova Europa?





Randolph Churchill, filho do Primeiro Ministro britânico, marca, com a sua presença na Jugoslávia, a importância dos factos que ali estão a desenrolar-se.



O rei Alexandre, da Jugoslávia, e Barthou, ministro dos Negócios Estrangeiros da França, ambos assassinados em Marselha, em 1935



Maclean, o brigadeiro misterioso que um dia desapareceu de Londres e foi cair na Jugoslávia, para levar as forças de libertação e o auxílio material dos Aliados.



O general Simovitch, que abandonou as funções de Primeiro Ministro em 1942, foi um dos grandes aproximadores de iugoslavos e ingleses, depois do golpe de Estado, por ele chefiado em 1941, acompanhando o rei Pedro no exílio.

YUGOSLÁVIA

Uma política de aproximação

O Rei Pedro II da Iugoslávia decidiu resolver, por uma forma inesperada, a crise que há alguns meses vinha atravessando o seu governo. Certamente por indicação dos aliados do seu país, o soberano decidiu-se a estabelecer contacto com o general Tito, chefe do exército de libertação, esforçando-se por chegar a um acordo que, uma vez terminadas as hostilidades, evite ao seu país novos e mais graves desastres.

O governo iugoslavo era constituído por altos funcionários e presidido pelo sr. Pourich. Depois de ter permanecido em Londres alguns anos, transferira a sua sede para o Cairo, quando as operações militares na área do Mediterrâneo se intensificaram e foi necessário estabelecer um contacto mais íntimo com as forças de resistência que actuavam no interior do país. Mas nem mesmo assim a sua constituição se modificou nem as suas características gerais se alteraram.

SÉRVIOS E CROATAS

Depois da última guerra nunca foi possível estabelecer um acordo perfeito e sincero entre sérvios e croatas. Os primeiros, invocando os títulos ganhos em 1914-18 na sua luta pela libertação, exerceram, durante vinte anos, de 1920 a 1940, um domínio quasi total simbolizado pela personalidade vigorosa do rei Alexandre. Em seguida ao atentado de Marselha o regente Paulo esforçou-se por atenuar as divergências entre os dois povos e chegou mesmo a entender-se com o chefe do partido camponês croata, dr. Matchek.

A intervenção da Iugoslávia no actual conflito veio lançar por terra as esperanças que por toda a parte se tinham depositado numa evolução pacífica da situação iugoslava. O golpe de Estado do general Simovitch alinhou novamente a nação iugoslava ao lado dos seus aliados tradicionais, mas a ocupação alemã foi o motivo que fez ressurgir todas as razões de ressentimento e hostilidade que, durante duas dezenas de anos, haviam cavado um abismo entre os povos sérvio e croata. Desde esse momento, a luta contra os ocupantes foi acompanhada numa luta, porventura mais feroz ainda, entre os grupos desaviados de iugoslavos irreconciliáveis e perturbados por uma apreciação pouco realista da situação.

MIHALOVITCH E TITO

Cada um dos povos irreconciliáveis encontrou um campeão para as suas aspirações. Os sérvios colocaram-se às ordens do general Draza Mihalovitch que passou a comandar os guerrilheiros «chetniks». Os croatas apareceram chefiados por um

antigo operário, de nome Josip Broz, que adoptou o nome de guerra de Tito. Os dois movimentos de resistência iam ter, porém, uma sorte bastante diversa, embora a sua evolução fôsse igualmente agitada.

Os «chetniks» eram, na sua quasi totalidade, sérvios e o seu chefe era um servidor da realeza dos Karageorgévich. Os «partidários», assim se chamaram inicialmente os ele-

mentos acudilhados por Tito, eram na maioria croatas. Os primeiros defendiam o critério duma Iugoslávia unificada sob a direcção do elemento sérvio. Os segundos praticavam uma doutrina federalista em que a Sérvia, a Croácia e a Eslovénia deviam encontrar, com a igualdade de direitos, uma base sólida para a sua vida em comum.

LEIPZIG, capital da economia alemã

ALEMANHA

Não sabemos se os jornais noticiaram: há pouco, o Dr. Funk, por causa dos intrusos e constantes bombardeamentos aéreos, resolveu transferir o ministério da Economia para Leipzig. E, se isto se fez, é que o Dr. Funk, ministro da Economia e presidente do Reichsbank, sabia mais que ninguém, quanto essa medida iria beneficiar os serviços de distribuição e de racionamento do Reich — e, em especial, dos exércitos, pois, àquela departamento incumbe tão importante tarefa. Vejamos, agora, quais teriam sido as razões que levaram o Dr. Funk a escolher Leipzig e não outra cidade, para capital da Economia do Reich.

Foi em Leipzig que, como se sabe, Napoleão sofreu uma derrota decisiva. Na sua origem, deve ter sido uma pequena colónia eslava que figura pela primeira vez na história, cerca do ano 1000, sob o nome de Lipa (a tilia). No decorrer dos séculos, Leipzig tornou-se uma grande cidade que, antes da guerra, tinha uma população de 700.000 habitantes. De centro intelectual e literário que era outrora — Goethe chamava-lhe «Pequeno Paris» — transformou-se em uma cidade quasi exclusivamente comercial e industrial, figurando como tal nas estatísticas, logo depois de Berlim e de Hamburgo.

Hoje, Leipzig é uma cidade vulgar, mas para os nazis é particularmente interessante por causa da sua produção de guerra. Os alemães, e sobretudo os nacionais-socialistas, gostam de lhe chamar «a vitória da Alemanha».

* * *

As grandes feiras, nas quais, duas vezes por ano, a Alemanha costumava expor os produtos das suas indústrias, realizavam-se em Leipzig. Os nazis fizeram todo o possível para a converter em centro de propaganda de primeira grandeza. E, de algum modo, pode dizer-se que tal desígnio foi obtido, em grande parte, pela maneira como os serviços de hospedagem estavam montados, fiscalizados pelo Estado que, por sua vez, e para que o cognome de «vitrina da Alemanha» tivesse razão de ser, fazia de Leipzig um verdadeiro mostruário. As mercadorias expostas e, em grande parte produzidas em Leipzig, eram oferecidas em troca de matérias-primas, das quais o Reich tinha urgente precisão, nos últimos anos do seu rearmamento secreto. Leipzig servia freqüentemente de pretexto ao dr. Schacht, ao seu sucessor Dr. Funk e ao Dr. Goebbels, para pronunciar os seus discursos tendentes a influenciar a opinião mundial.

Depois da queda dos Países Baixos, da Bélgica e da França, Leipzig tornou-se de novo o centro de propaganda em favor da chamada «Nova ordem económica da Europa» com vistas aos países europeus e sul-americanos.

A visita intempestiva da R. A. F. durante uma das suas feiras interrompeu o jogo barato — não tanto talvez por motivos estratégicos mas, principalmente, para que os representantes económicos, políticos e diplomáticos da Europa do Sueste e dos países neutros pudessem ver que a Grã-Bretanha tinha os braços compridos...

Leipzig foi sempre um dos grandes mercados de peles — dessas peles tão preciosas para os exércitos empenhados na frente leste. De facto, o comércio e a indústria de peles em Leipzig funcionavam quasi exclusivamente para os exércitos.

Como se sabe, a cidade foi noutros tempos um dos centros mais importantes do mundo para a imprensa e para a indústria do livro. E, ainda hoje, Leipzig está sempre muito ocupada com a impressão de mapas, principalmente do Estado-Maior.

Nos arredores, existem minas de carvão e de lenhite, elementos altamente portadores do progresso, na cidade e suas cercanias de certo número de indústrias, instalações eléctricas, fábricas de produtos químicos, estaleiros para construção de peças de navios, fábricas de ferramentas e de produtos têxteis — tudo a trabalhar unicamente para os exércitos e para a guerra.

Por outro lado, Leipzig é um grande centro de comunicações. Possui uma das maiores «gares» do mundo e grande número de vias férreas que partem em todas as direcções. Em virtude das dificuldades bem conhecidas dos transportes alemães, este pormenor tem especial importância.

Tal é hoje, a cidade de Leipzig, onde o Dr. Funk está refugiado e donde espera dirigir os negócios do seu Ministério, mesmo quando vier a Paz.

A YUGOSLAVIA E OS ALIADOS

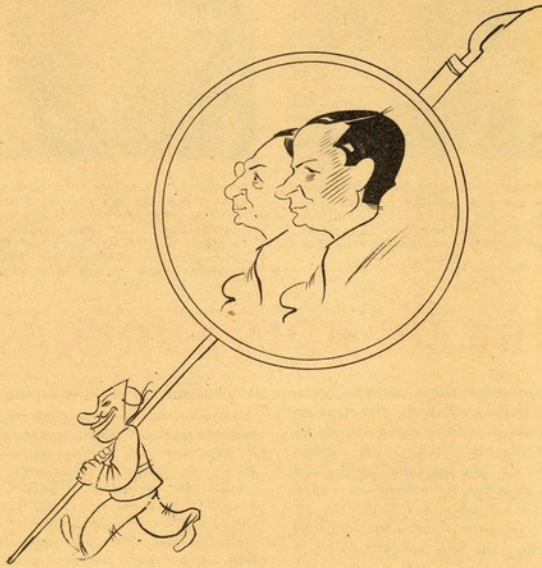
Além da sua projecção interna, o êxito de qualquer destes movimentos ia depender, em grande parte, do apoio que viessem a prestar-lhe os aliados da Iugoslávia. Destes aliados, a U. R. S. S., tinha pelo movimento de Tito uma simpatia que provinha da sua identidade ideológica. Mas os soviets não enviaram à Iugoslávia qualquer representante ou missão diplomática antes que os ingleses o fizessem. Como o governo de Londres apolara, até certa altura, o rei Pedro e o general Mihalovitch, a sua decisão final revestia-se de grande importância para o caso.

Enviando uma missão especial chefiada pelo brigadeiro Mac Lean e depois uma outra chefiada por seu próprio filho, o capitão Randolph Churchill, o Primeiro ministro da Grã-Bretanha reuniu os elementos necessários para tomar posição no caso iugoslavo. Num dos seus recentes discursos o sr. Churchill declarou que a Grã-Bretanha apoiaria o movimento de Tito por considerar que era aquele que mais eficazmente se opunha às forças alemãs de ocupação. Esta declaração provocou a crise do governo do Cairo e a decisão do Rei de se esforçar por chegar a um acordo com aquele chefe de resistência na Iugoslávia. O novo governo iugoslavo deve traduzir esta orientação, ou terão de se abandonar definitivamente todas as esperanças de estabelecer um acordo duradouro entre sérvios e croatas.

O FUTURO DA IUGOSLAVIA

Para dar cumprimento aos seus planos, o rei Pedro encarregou um croata, o dr. Subacich, de formar esse governo. A missão do dr. Subacich consiste, essencialmente, em conseguir a inclusão dum representante de Tito no seu governo, ao qual seria atribuída a categoria de vice-presidente, e de encontrar uma plataforma que permita preparar a junção das forças de «chetniks» e partidários. A tarefa é de difícil realização.

Em Bari que se desenrolarão as primeiras conversações, não se sabendo, por enquanto, se Tito irá pessoalmente a esta cidade ou se enviará um representante seu que bem podem ser o general Velebit que ainda recentemente esteve em Londres. Tudo indica que, em qualquer caso, os croatas encaram a possibilidade de se constituir, uma vez terminadas as hostilidades, uma federação dos eslavos do sul que incluiria sérvios, croatas, eslovenos e búlgaros. Esta solução teria o apoio de alguns dos países aliados da Iugoslávia, embora outros não tenham mostrado por ela uma excessiva simpatia.



OS IRMÃOS UNIDOS

A Espanha teve, durante muitos anos, firmando peças: «Os Irmãos Quinteros». Nós temos «Os irmãos Galhardos». Sem dúvida que a farsa dos Quinteros é, teatralmente, superior à dos Galhardos — mas a Espanha, temos de recolhê-lo, também é maior do que Portugal. Tudo está em proporção.

Os «Irmãos Galhardos» pode dizer-se que nasceram no teatro. Filhos de Luiz Galhardo — autor ilustre e empresário activíssimo — cêdo, muito cêdo mesmo, Arlequin os tentou, com o mais colorido dos sorrisos. José e Luis — assim é a graça dos simpáticos manos — aos três meses, segundo reza a História, já escreviam peças e as pregavam... nas calças do pai. Depois ambos cresceram; espigaram; o Luis deltou monóculo e enfiou para a burocracia de escritório; o José comprou o Código Civil, e deltou toga de cauda e fêz-se advogado; mas nem um, nem outro renunciaram ao teatro. Com frequência, os seus nomes aparecem nos cartazes, e o sucesso das suas peças irradia galhardamente com a sonoridade dos seus próprios nomes. Com estes «Irmãos Galhardos» verifica-se um fenómeno curioso e cremos que único no mundo: são, teatralmente, gémeos — e não nasceram os dois na mesma ocasião...

À maneira de Nunes Claro

Morre o sol sobre o ar leve e macio.
É tarde. Passa o vento devagar.
E o povo dos pinheiros, junto ao rio,
Fecha os olhos e queda-se a cismar.

Tristemente as coisas, já com frio,
Guardam restos de luz inda no ar.
E a sombra pelo solo êrmo e bravo
Sorolenta, começa a bocejar.

No ocase um rude monte, perfilado,
Despede-se do sol, já queimado,
Num adeus brando e doce que insinua,

E numa velha trapeira, frente ao espaço,
Um poeta olha o céu, estende o braço,
E principia a namorar a lua...

SANTO ANTÓNIO



No dia 13 deste mês fêz anos Santo António. Porque mais vale tarde do que nunca, daqui lhe enviamos hoje, com afectuosos parabens, um molho de cravos vermelhos...

Se preguntarem à Lisboa popular qual é o seu santo devoto, a resposta não demora um momento: — Santo António!

No seu dia, por toda a cidade, quantos Sant'Antóninhos capuchos não sorriem, nas suas pequeninas imagens de barro, sob um docel de côres, entre minúsculos tocheiros, relicários e custódias? Nem todos lhe resarão um Padre-Nosso, nem todos ajoelharão à sua volta — mas não haverá uma única rapariga solteira que lhe não erga uma súplica para que êle a case cêdo.

— Porque casas tu tanta gente? — preguntou-lhe, um dia, o venerável São Pedro.

Logo Santo António, sorrindo no seu burel que um fio de sol iluminava: — Porque apenas sofrendo, se ganha o céu!



O POVO ESCULTOR



Ao visitar, há pouco o Mercado Regional, temporariamente instalado na Tapada das Necessidades, ao debruchar-me sobre aquela pequena revoadada de maravilhas, produto da nossa risonha e característica arte popular; ao examinar, entre tantos outros objectos curiosíssimos, os típicos bonecos de Barcelos e de Estremoz — e os ingénuos presépios do Minho, — mais uma vez pensei que o povo, humus vivo da raça, não é apenas, em Portugal, o nosso melhor poeta: é também, o nosso melhor escultor.



SCHWALBACH



Eduardo Schwalbach acaba de publicar as suas memórias, que intitulou «A lareira do Passado». Nenhum título definiria melhor este volume, longa e sugestiva conversa a uma lareira em que o fogo crepita, como oiro vivo. Mas este livro de memórias não constitue apenas a história dum homem. Constitue a história dum época. Através de algumas centenas de páginas, passam, evocados pela impecável luva branca de Schwalbach, cinquenta anos de vida literária, política, teatral e mundana.

Está ali tudo. A cada passo, tiramos o chapéu a pessoas conhecidas. Este livro, sendo a lição dum vida, é ao mesmo tempo um manual de filosofia amável e sorridente. Ao fechá-lo não podemos, entretanto, deixar de preguntar, pensando em Schwalbach:

— Como é que sabe tanta coisa este rapaz de vinte anos?



IMPOSTO SOBRE OS SOLTEIRÕES



Correu, há tempos, a notícia de que ia, entre nós, ser lançado um imposto sobre os celibatários. Não sei se esta notícia tem qualquer fundamento oficial; jurídico e porventura moral julgo que tem. Desde que a nossa sociedade tem por base a família — evidentemente a família legítima — o homem que se obstina em não constituir família falta de certo modo aos seus deveres convencionais para com a sociedade em que vive. Compete-lhe, jurídica e moralmente, redimir, tanto quanto possível, essa falta. Como? Satisfazendo uma contribuição.

Eu não admito, confesso, a existência do celibatário. De resto nunca conseguí explicar à minha curiosidade porque é que os solteirões batendo-se, em regra, com as mulheres dos outros — não se querem bater com as suas próprias mulheres!



CASAMENTOS



Foi agora publicado o Anuário Demográfico relativo a 1942. Dizia certo estadista inglês que havia três formas de mentir: a mentira propriamente dita, o perjúrio — e a estatística. Pelo que diz respeito à estatística, quaisquer que sejam os seus defeitos de origem, é fora de dúvida que nos oferece aspectos de alto imprevisto.

O anuário publicado agora, mostra-nos, por exemplo, que nunca houve em Portugal tantos casamentos como em 1942: 58.664. É assombroso. — «É de entupir!» — diria o João da Ega. Mas seja quais forem as

causas desta acentuada vertigem de nupcialidade há uma que domina todas as outras: a facilidade com que se pronuncia a palavra *sim*. Já o afirmava um fino espírito: a palavra *sim* que forma os casamentos é tão rápida que não dá tempo a reflexões!



Algumas fotos dos membros de uma companhia de Iliupitanos, no intervalo dos seus trabalhos como artistas de circo. Os pequenos actores jogam as cartas, cozem, tocam e conversam amigavelmente. As senhoras andas são excelentes donas de casa. Parecem, todos eles, crianças de oito a dez anos, mas, na verdade, o mais novo desses anões, tem trinta e cinco anos. Não parece, pois não?...

Um médico transformou a sua mulher em cobaia

ESTÁ-SE julgando, nos tribunais de Johannesburg, na África do Sul, um horrível processo intentado contra o dr. Edgar pela sua mulher.

Há dez anos, a senhora Edgar era uma encantadora rapariga, de sorriso bonito nos seus lábios e nos seus olhos de sonho.

Hoje, depois de um suplício que nem um autor do «Grand-Guignol» ousaria conceber, a senhora Edgar transformou-se numa velha, sem expressão, sem forças, e que conta o seu calvário com uma voz apagada, quasi indiferente.

É-nos impossível contar, pormenorizadamente, as atrozes etapas deste calvário.

O dr. Edgar, freneticamente ambicioso, julgou ter descoberto um soro contra a tuberculose. Injectou na sua mulher uma cultura de bacilos de «Koch» para, depois, ensaiar o seu soro. Basta dizer que o soro não teve a menor eficácia e que a senhora Edgar continua tuberculosa, agora em último grau.

Mas não pararam por aqui as experiências deste «bemfeitor da humanidade». Para avaliar a resistência do sistema nervoso, fazia tombar sobre o crâneo rapado da mulher gotas de água com intervalos de

Coisas e coisinhas

UM BOM RECLAMO

Liszt e Rubini—o pianista e o cantor—associaram-se para fazer uma «tourné» artística pelo norte da Europa.

No dia da estreia, só havia 30 pessoas na sala. Liszt e Rubini ficaram tristíssimos, mas deram o concerto. Ao findar a primeira parte, Liszt ergueu as mãos, pediu silêncio e disse:

— Senhores: basta de tanta música para tão pouco público. Agora, temos a honra de os convidar para ceiar.

Se bem que o convite fôsse bastante estranho, os espectadores aceleraram. Liszt teve de gastar 500 francos do seu bolso, com a ceia.

Mas no dia seguinte, o teatro estava cheio. A maioria, não ia para ouvir Liszt nem Rubini, mas para comer a ceia. Mas enganaram-se, redondamente...

cinco minutos. Este suplício não é original e dizem que torna os paedecentes loucos. Todavia, a senhora Edgar não enlouqueceu. Vivia enclausurada, presa pelo seu marido, sem a menor possibilidade de comunicar com o mundo exterior.

Passados dez anos de suplícios, conseguiu, por fim, fugir aos indescritíveis sofrimentos quotidianos e correr ao tribunal a denunciar o seu marido.

Os debates começaram agora.

COCKTAIL

Sabe quem foi Stradivarius?...



NÃO se sabe, ao certo, a data do nascimento desse grande mago que se chamou Stradivarius. Todavia julga-se que ele tivesse nascido em Crémone, na Itália, no ano de 1644, pelo que se comemoraria agora o seu tricentenário.

Crémone foi, desde a Idade Média, o principado dos artesãos da difícil arte de montar violinos.

Na Idade Moderna viveu em Crémone um grande artífice que se chamou Nicolo Amati, possuidor de um talento invulgar para construir violinos. Um dia apareceu nas suas oficinas um rapazola de 13 anos, António Stradivarius de nome, a pedir um emprêgo. E empregou-se. Rápidamente demonstrou grandes qualidades para a construção e montagem de violinos, a ponto de suplantar o seu mestre. Era como se Stradivarius possuísse um estranho dom nas suas mãos. A sua obra lembra a dos artesãos que trabalhavam nas catedrais. Dizia Stradivarius: «Um violino é um pequeno templo ou, pelo menos, tem em si qualquer coisa de grande e de misterioso que apetece adorar.»

À medida que a sua fama aumentava, Stradivarius enriquecia. Os seus violinos eram os mais caros do mercado, qualquer coisa como quatro ducados de ouro.

Durante toda a sua vida outra coisa não fez que construir violinos. Dedicava-se a eles com paixão, com volúpia. Aos 93 anos de idade construiu a sua última maravilha. O seu rosto está coberto de rugas, como velho pergaminho, mas ilumina-se enquanto as suas mãos, subtis, alongadas, quasi milagrosas, trabalham na última obra prima.

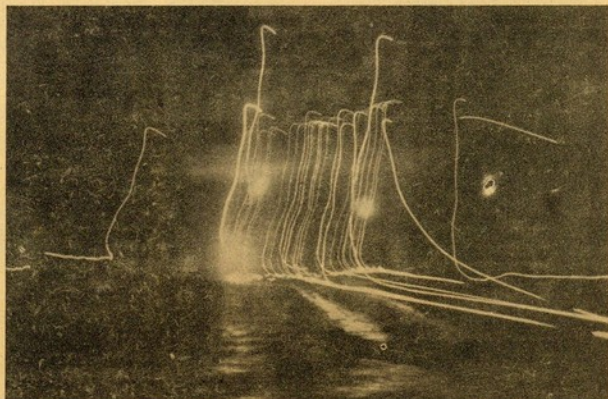
Guarnieri, outro grande mago de violino, preso não se sabe porque, fuge do cárcere para ir praticar com Stradivarius. Tornam-se grandes amigos, presos à mesma paixão: — o violino.

Theodore Hoffman, aquele escritor genial que o vinho matou, soube descrever, melhor do que ninguém, a operação de construir violinos. O conselheiro Krespel monta e desmonta o belo instrumento, tomado de tão grande amor e interesse que chega ao ponto de vender ao instrumento a alma de sua filha.

E aquêle virtuoso que foi Paganini, verdadeira personagem satânica, amante do jôgo, do dinheiro e das mulheres, que possuía um «Guarnieri» e um «Stradivarius» e que chegou a jogar e a perder o primeiro mas não ousou arriscar o «Stradivarius» à paixão que o dominava.

Amatti, Guarnieri, Stradivarius. Três nomes que não mais se esquecerão. Sobretudo Stradivarius, a sua obra, tem hoje, um valor incalculável. O segredo da construção dos violinos morreu com ele. Hoje, apenas os podemos admirar como uma das peças mais perfeitas que jamais saíram das mãos de um homem.

À sombra de igreja de S. Domingos, em Crémone, no ano de 1737, morreu Stradivarius, esse homem extraordinário, de mãos longas e misteriosas. Na fina madeira desses violinos, ao cabo de trezentos anos, viveram tantas melodias que, um pedaço delas, é mais rico do que a vida de um homem.



Parecem descargas eléctricas, raios, estrelas cadentes, numa chuva teórica, qualquer coisa de horrível e de nunca vista. E, sinceramente, ora já fosse coisa nunca vista. Pelo menos, o mundo viveria mais calmo, mais tranqüillo. Esses riscos luminosos que rasgam o céu são, nada menos, do que foguetes e balas de metralhadora disparados entre aviões inimigos, sobre o canal da Mancha.

Os Stichinis em Portugal



António Rafael Fortunato Stichini, quando tinha 56 anos.

A I por volta de 1878, graças a um concurso musical, para a apresentação duma sinfonia de homenagem ao grande compositor Marcos Portugal, surgiu no meio artístico lisboeta um jovem músico, de apelido estrangeiro, que ninguém conhecia.

De onde viera ele? E era italiano, como o seu nome parecia indicar, ou português?

Sabia-se que tinha vindo, pouco tempo antes, de Vila Nova de Constança, onde fôra regente da filarmónica local. Apesar disso, o rapaz — pois contava apenas 24 anos — tinha talento. O júri do concurso classificara a sua sinfonia em primeiro lugar.

A notoriedade que o seu nome alcançou, por esse facto, permitiu que se desvendasse logo a sua origem. Lourenço Rafael Plácido Stichini era português, por seu pai, tendo nascido em Setúbal, a 9 de Janeiro de 1854. Seu avô, um exilado político genovês, fugira para Portugal, em fins do século XVIII, acompanhado da esposa, que já em Lisboa teve um filho, a que deram o nome de Rafael Arcanjo Fortunato Stichini.

Ao rebrantar a Guerra Civil, o velho exilado alistou-se nas hostes miguelistas, nas quais encontrou a morte, pouco tempo lhe sobrevivendo sua esposa, minada pelo desgosto.

Que teria feito, até à maioridade, Rafael Arcanjo Stichini? E a que vida se dedicara?

Ignora-se completamente.

O que se sabe é que casou em Lisboa com Luísa Rosa Pereira, tendo ido, poucos meses decorridos, para Setúbal, onde se estabeleceu com uma pequena fábrica de fósforos, dos conhecidos, então, pela designação de «espera-galegos».

A sorte, porém, não o protegeu, e volvidos quatro anos, um incêndio, provocado por um descuido, no manuseamento dos produtos químicos, deu cabo da fabriqueta. Stichini ficou queimado nas mãos, e morreria no sinistro, se não tivesse o necessário sangue-frio de correr a um

bebedeiro de animais, para dentro do qual se atirou. Este inêxito descorçoou-o a tal ponto que resolveu deixar a cidade do Sado e regressar a Lisboa com sua esposa e o pequeno Plácido, que nascera em Setúbal.

Mas a má sorte perseguia-o. E enviou. Por esse motivo, resolveu ir para o Pôrto, onde se empregou numa fábrica de chapéus, conservando-se ali pouco tempo, para voltar a Setúbal.

Dos três filhos, restava-lhe apenas um — Plácido Stichini — que o acompanhara nas suas andanças. Foi na cidade do Sado que o rapaz aprendeu música com o compositor setubalense António do Nascimento, revelando desde logo invulgar inclinação para a divina arte.

Seu pai, Rafael Arcanjo, que se estabeleceu com uma pequena oficina de chapéus de chuva, tinha casado segunda vez, e porque a indústria não resultasse lucrativa, agravada com o facto da sua prole ir aumentando, as dificuldades urgiram, prenunciando maus dias futuros.

Plácido Stichini completara, com vinte anos, a sua instrução musical. E não querendo estiolar-se naquele meio acanhado, como era então Setúbal, abala de casa para aceitar o cargo de regente da filarmónica de Constança.

* * *

A notoriedade alcançada, quatro anos depois, em Lisboa, impô-lo como compositor de merecimento — merecimento que ficou provado no *Eco Musical*, de que foi fundador com João de Almeida Pinto, fotógrafo e jornalista, pai de Ângela Pinto.

O moço compositor, tal como os seus ascendentes, tinha, porém, um espírito irrequieto. Deixa então Lisboa e vai reger uma filarmónica de Alcácer do Sal. Mas Salvador Marques, empresário do Teatro da Rua dos Condes, convida-o, em 1888, para ir reger a orquestra daquela casa de espectáculos, de cuja companhia havia de fazer parte, no ano seguinte, a grande Ângela Pinto, que se estreara em Setúbal no Teatro-Chalet, da feira de S. Tiago.

Plácido Stichini tinha 35 anos, nessa altura, destacando-se no meio musical pela sua extraordinária actividade, compondo, sem descanso, inúmeras partituras.

São da sua autoria, as músicas das operetas *O moleiro de Alcaldá*, *O Polichinelo*, *Um sonho dum cidadão autor*, *O casamento da Nitouche*, *Marido na reserva*, *O reino dos Homens*, *D'Artagnan*, *A Filha de Tomé Feijoca e Nitouche*; dos «vaudevilles» *Nini*, *A doutora*, *Mam'zelle Diabrete*; das mágicas *Beijos do Diabo*, *A Cúmplice do Diabo*; da paródia tragicômica, ao «Otelô», *O Negro de Alcântara*; das peças fantásticas *Os filhos do Capitão Grant* e *Sonho de Ventura*; e das revistas *Lisboa em Camisa*, *Em pratos limpos* e *Cegarrega*, além muitas composições ligeiras, como valsas, polcas e mazurcas, que passados poucos anos haviam de ser destronadas, com a invasão de músicas estrangeiras, de ritmos esquisitos, sincopados.

Quando, em 12 de Setembro de 1889, se realizou no Coliseu dos Recreios um espectáculo à memória do grande António Pedro, uma numerosa orquestra executou a *Sinfonia Elegiaca*, de sua autoria, de elevada inspiração.

Plácido Stichini foi director das orquestras dos teatros da Rua dos Condes, Avenida, Trindade, Ginásio e Coliseu dos Recreios.

Tendo estado no Brasil duas vezes, faleceu no Pará, a 18 de Agosto de 1897, com 43 anos.

* * *

Se é certo que Rafael Arcanjo Fortunato Stichini não sabia música, nem mostrava qualquer tendência artística, do que não há dúvida é que seus descendentes mostraram inclinação para as artes, e até mesmo que possuíam idêntico espírito irrequieto e aventureiro.

Enquanto Plácido Stichini se dedicava à música, seu irmão António Eugénio, filho do segundo matrimónio, talvez porque não lhe fôsse dada esmerada educação artística, abraçou o teatro.

Depois de ter representado em várias casas de espectáculos da província, tanto públicas como particulares, organizou algumas companhias de que foi animador e ensaiador, que alternava com a profissão de operário da indústria conserveira.

Nem mesmo assim deixou de organizar «tournées» pela província, no intervalo das quais, ora fixava residência em Lisboa, ora em Setúbal.

Em 1891, veio para a capital, onde sua filha Ilda nasceu, a 25 de Novembro, na Rua do Almada (a Santa Catarina), 20, 2.º, tendo sido baptizada mais tarde na freguesia de Santa Isabel.

A primeira vez que Ilda pisou um palco foi em 1900 numa pequena Sociedade Recreativa, da rua do Alvito.

Poucos anos depois, António Stichini volta para Setúbal, onde em 1907 dirige o Grupo Dramático Almeida Garrett, que tinha um teatrinho privado na rua Bartissol, onde Ilda começou a trabalhar, entrando em todas as peças que ali se representaram.

Em 1909, organizada a sua Companhia Dramática Familiar, parte para o Alentejo e para o Algarve.

De «A Fôlha de Beja» de 15 de Março desse ano, respigamos o seguinte período, acerca de Ilda Stichini:

...distinta actriz, mais uma vez pôs em evidência o seu grande talento e os recursos de que dispõe.

Com o decorrer dos anos, a febre dos grupos de amadores decresce e António Stichini decide-se a regressar a Lisboa, para se entregar a vários misteres.

Chianca de Garcia um dia prometeu-lhe um «papel» de relêvo em determinado filme que tencionava realizar.

Para esse efeito, o velho amador dramático deixou crescer as barbas.



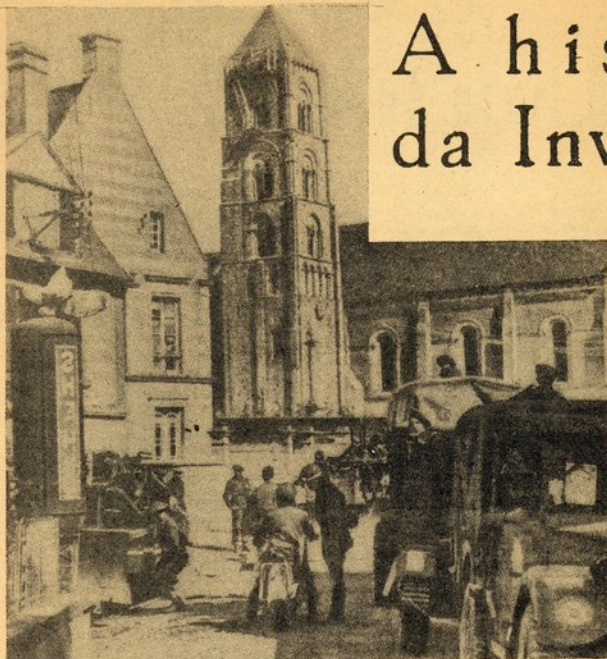
Dinah Stichini Santos hoje afastada da cena



Ilda Stichini, essa parece querer ficar pela América

(Continua na pág. 22)

A história secreta da Invasão da Europa!



Uma vila da França, que os exércitos aliados não deixam identificar senão por foto, é ocupada pelos ingleses e canadenses, que já dispõem, como se vê, de transportes blindados.

JUNHO tem sido o mês predestinado para a realização das mais importantes e decisivas operações da actual guerra.

Foi em Junho de 1940 que a Grã-Bretanha sofreu o tremendo choque da retirada de Dunquerque. Um ano depois, a Alemanha atacou a Rússia. Outro ano mais tarde, Rommel derrotou o 8.º Exército, inflou pela fronteira do Egipto e deteve-se a poucos quilómetros de Alexandria.

Mais outro ano se passou e de novo no mesmo mês se registou a conquista de Pantelária, pedra de toque da campanha da Itália. Novo circuito no calendário e, finalmente, a 6 de Junho de 1944, realizou-se a maior operação militar da história — a Invasão da Europa.

Como se chegou a esta fase da ofensiva anglo-americana? Quais as fases intermédias? Quais os motivos de tantos adiantamentos na célebre preparação e execução da «Segunda Frente»? E o que vamos tentar responder em termos resumidos.

Quando os chefes britânicos começaram a pensar na invasão da Europa, pela primeira vez, tal ideia não passava de um acto de fé, elevado aos pináculos duma confiança teimosa e quasi absurda que nada justificava, visto que, após a reti-

rada de Dunquerque, existia nas ilhas britânicas apenas uma divisão convenientemente equipada em frente da qual se erguia como monstro invencível e ameaçador o potencial completo do exército alemão.

Não obstante, a partir desse momento, todos os esforços para o treino e equipamento do exército e aviação da Grã-Bretanha eram baseados na convicção absoluta de que, mais tarde ou mais cedo, seriam encarregados de lançar a ofensiva contra o inimigo dentro da chamada fortaleza europeia.

Deztois meses depois, em fins de 1941, quando tanto a Rússia como os Estados Unidos da América foram forçados a entrar na guerra, a Invasão da Europa ocidental deixou de ser uma fantasia de realização duvidosa para se transformar numa possibilidade, senão de êxito garantido, pelo menos de resultados visíveis.

Partindo deste princípio, os chefes aliados iniciaram os estudos para a elaboração duma estratégia que obrigasse o Alto Comando germânico a retirar fortes contingentes da «Primeira Frente» da Rússia, no intuito de se oporem a uma nova ofensiva, cujo potencial e cuja frente de ataque todos desconheciam.

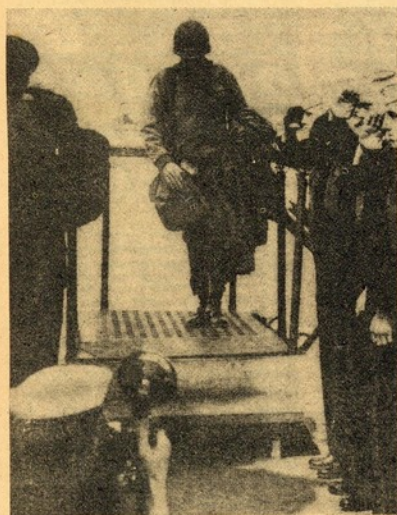
A missão de preparar os planos iniciais para a grande aventura foi entregue ao almirante Lord Louis Mountbatten, ao general Sir Bernard Paget e ao marechal do Ar Sir Sholto Douglas; mas, imediatamente, um grande e difícil problema se apresentou perante estes três oficiais.

Que deveriam eles fazer? Ajudar os russos que pediam auxílio insistentemente e fazer a Invasão o mais depressa possível com todos os recursos que pudessem concentrar, ou esperar até que tivessem equipado completamente e preparado metódicamente uma grande força expedicionária que tentasse a Invasão decisiva com 90 por cento de probabilidades de êxito?

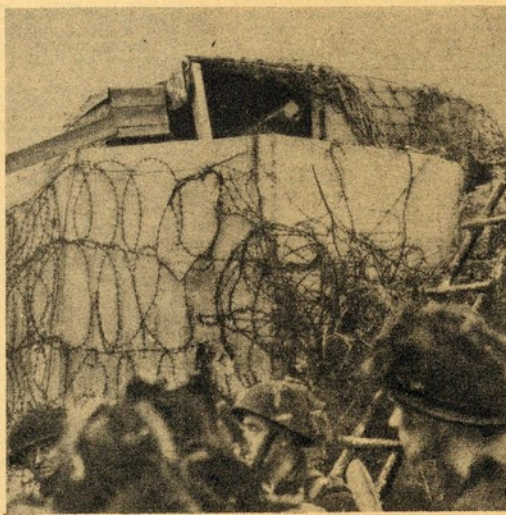
A resolução tinha de ser tomada com a maior rapidez e decisão.

Todavia, os oficiais do Estado-Maior eram unânimes e concludentes nas suas opiniões. Com os recursos disponíveis — asseguravam eles — era natural que pudessem conquistar algumas testas de ponte. Mas, punham dúvidas a que fosse possível defendê-las dos contra-ataques, e achavam ainda mais duvidoso que tais testas de ponte pudessem ser exploradas e ampliadas de modo a ter verdadeira influência nos acontecimentos e a provocar a retirada de apreciáveis forças alemãs da frente leste.

Em face destes conselhos e opiniões do Estado-Maior, que se fundamentavam em números e factos de significado indiscutível, Churchill



O general Omar Bradley, comandante das forças americanas em França, desembarca do «Augusta», navio almirante da esquadra comandada pelo almirante Kirk's.



Toda a península da Normândia acordou envolta na névoa artificial provocada pelos Aliados para proteger a invasão. Os obstáculos semeados pelo inimigo, para evitar o desembarque, foram dominados pelo invasor. Sobre a costa francesa, são os canadianos, como há meses havia sido prometido aos franceses e a eles próprios, canadenses — os primeiros a saltar.

(Continua na pág. 18)



Os alemães haviam erguido, ao longo da costa, fortins formidáveis, envoltos em arame farpado. Eis um desses elementos de defesa, tomado pelos Aliados, como se vê na foto.

Uma corrida sem interêsse

QUANDO na corrida de domingo, no Campo Pequeno, saíu à praça o primeiro touro, grande, de bom tipo, bem armado e verdadeiramente bravo, julgou-se que iria assistir-se a um espectáculo a que o curro do senhor José Infante da Câmara daria motivos bastantes para resultar brilhante a função. Isso, porém, não aconteceu porque os outros foram na sua maioria difíceis, de excessivo nervo alguns — revolendo-se rapidamente por forma a não permitir que os toureiros se «parassem» — outros «entendo-se» e fazendo estranhos, que justificando o receio dos lidadores lhes rouba o à-vontade necessário para que se confiem. Da qualidade de tais touros falam as colhidas numerosas que se verificaram, pois já não contando as de Gregório, que parece fazer por elas, estiveram em terra Gonzalez, Guisado e Saraiva. E não subemos se mais algum. Dito isto, e ainda que soprou um vento que nada consentia, deprende-se que a corrida, no conjunto, não agradou.

E não agradou não só por isto, mas ainda porque infelizmente a tarde foi fértil em motivos desagradáveis entre os quais não queremos deixar de referir um que já há muito tempo vem merecendo uma reacção severa: a maneira como certos «matadores» se dirigem aos seus subalternos, figuras simpáticas que tantas vezes jogam a vida, generosamente, para que o «espada» que servem veja suavizado o caminho que conduz às ovações. Um bandarilheiro como Pepe Guisado, modêlo de dedicação e oportunidade, de forma alguma pode merecer que publicamente se lhe façam reprehensões no tom de voz alguma que se lhe dirijam, quando é certo que o seu capote tem evitado mais grande número de dissabores ao seu «maestro». E Filipe Gonzalez teria tido a ganhar se se dirigisse a Sebastião Saraiva de maneira mais correcta, ao menos por um rudimentaríssimo principio de boa educação, pois já não queremos invocar os deveres de gratidão e cortezia que deve ter para com um país que tão bem acolhe os toureiros seus patrióticos. Bom é que saiba que o bandarilheiro referido, acido, não é, por si só, um touro, e que sabe perfeitamente o seu lugar durante a lide e possui educação suficiente para se manter com ordenas intempestivas de quem não mostrou valor para assim se lhe impor na arena.

Afinal, o que menos barulho fez, numa correção simpatíssima, que não teve gestos exuberantes ou palavras ásperas — nem mesmo quando lhe bandarilharam péssimamente o 6.º touro — foi, afinal, o único que respeitando-se a si próprio, e respeitando a primeira praça portuguesa, oferecendo-lhe um touro sério e tão brilhante quanto o seu capote tem evitado mais grande número de dissabores ao seu «maestro». E Filipe Gonzalez teria tido a ganhar se se dirigisse a Sebastião Saraiva de maneira mais correcta, ao menos por um rudimentaríssimo principio de boa educação, pois já não queremos invocar os deveres de gratidão e cortezia que deve ter para com um país que tão bem acolhe os toureiros seus patrióticos. Bom é que saiba que o bandarilheiro referido, acido, não é, por si só, um touro, e que sabe perfeitamente o seu lugar durante a lide e possui educação suficiente para se manter com ordenas intempestivas de quem não mostrou valor para assim se lhe impor na arena.

Com evitamento de apagar, Fernin teve lances à «verónicas» bellissimas e mandões, ofereceu-nos duas ou três magníficas «cruces verdicas» e um colossal «quebre» de «rodillas», bandarilhou com frescura e decisão e não podendo executar por completo a «fajana» do seu primeiro touro, que teve artes de espetar uma bandarilha na barbeta, deferrou-se no 6.º, que toureou muito bem com a «muleta», acabando por ouvir merecidas palmas e receber o prémio justo de volta ao redondo.

Gregório Garcia, que no primeiro inimigo, um tanto difícil, andou um pouco equivoocado, não teve a oportunidade absoluta de agradar a gregos e troianos, e deixou-a fugir incompreensivelmente. Tendo-se lido o primeiro «tercio» em magníficos lances de capote rematados com praça toureira e usando de uma valentia compreensível e admissível (foram admiráveis algumas «verónicas» e estupendas as «chucuilinas»), pegou em bandarilhas, e como o touro o alcançasse e derrubasse por culpa sua, não quis terminar o «tercio» com o excelente par a «quebre» que cravou frente ao 3.º e insistiu para deixar mais dois meios pares, evidenciando uma desorientação que havia de se tornar fatal depois. E assim, com o melhor touro para lide já e tendo principiado com excelentes passes de «rodillas» de que o touro saía sóto, insistiu em terrenos pouco recomendáveis, pelo que a breve trecho estava colhido com aparato. Quando a seguir ligou uma série de bons passes, julgámo-lo recomposto e serenado mas foi só de pouca dura porque novamente possuído de uma desorientação enorme, se deixou colher por mais duas ou três vezes. Com calma, o que Gregório fez de bom, nesse touro — teve detalhes colossais — ter-lhe-ia dado uma acção verdadeiramente boa e completa, a que ninguém teria que objectar. E tudo destruiu Gregório Garcia por um erro que deve corrigir quanto antes, erro que consiste em se zangar com os touros que o colhem, quando em boa verdade deveria zangar-se consigo próprio.

Ninguém mais do que nós gostaria que Gregório estivesse bem, nós que acreditamos que se ele quisesse...

Filipe Gonzalez não se mostrou como seria para desejar. É certo que não teve touros que lhe permitissem ir muito longe, mas a verdade é que agarrando em «quites» mostrou-se menos apetrechado que os companheiros, e com a «muleta» evidenciou pouco mais que boa vontade. Com bandarilhas teve um par que o recomenda como bom bandarilheiro.

José Casimiro, toureando o primeiro — um touro verdadeiramente bravo — fez-nos lembrar aquêl tempo em que, amador ainda, imprimia à lide uma alegria que se comunicava ao público de maneira irresistível. E foi o que aconteceu, resultando disso uma ovação grande com volta e saída aos «medios». No segundo, um manso, fez o que lhe foi possível. Esse pouco, porém, foi bem feito, e assim vai o simpático José dia a dia ganhando louros para um nome que tem que usar com a mesma galhardia que foi apañado dos que o lançaram no mundo tauromáquico.

Rodes Sérgio, Alcobia e Abreu executaram duas excellentíssimas pegas de cernelha.

Pepe Guisado, incansável e acertado na brega, e Saraiva sempre útil quando abriu o seu capote. Deligentes «Alé» e «Alfitero», e muito trabalhador Gorjão.

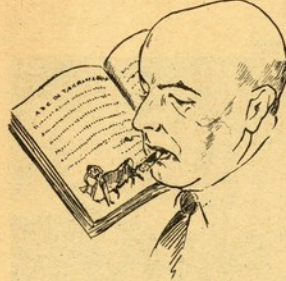
Manuel dos Santos dirigiu, o melhor que lhe foi possível, tão desinteressante espectáculo.

JAIME DUARTE DE ALMEIDA



Um par de bandarilhas de Gregório Garcia

O livro de Rogério Perez



ROGÉRIO Garcia Perez, que sob o pseudónimo de «El Terrible Perez» vem assinando excelentes crónicas tauromáquicas há cerca de vinte anos, teve a amabilidade de nos enviar, com uma dedicatória que estamos longe de merecer, o seu último volume «A. B. C. da Tauromaquia», o que gostosamente registamos e sinceramente agradecemos pois que, o referido livro fica assim na nossa estante, valorizado com o autógrafo do autor. E como em devido tempo prometemos aos nossos leitores falar sobre a obra, logo que nos fôsse possível lê-la com atenção, aqui estamos para cumprir a promessa com a franqueza e lealdade que sempre procuramos imprimir a tudo quanto escrevemos.

«A. B. C. da Tauromaquia» é um bom livro, que esclarece e entretém mas que tem um título a nosso ver impróprio.

Ele diz-nos dum tratado elementar destinado a iniciar no conhe-

cimento da corrida de touros e das sortes do toureiro, aqueles que preferem agora a ver o espectáculo sem nada saber dele. Ora quer-nos parecer que a obra tal como se apresenta, só muito difficilmente conseguirá desempenhar essa função, pois o autor, conhecedor profundo da técnica tauromáquica, fala muitas vezes com à-vontade do mestre brilhante dum curso superior, mas muito raramente com o cuidado do professor de primeiras letras. Chega até a estabelecer doutrina, como todas discutíveis, mas posta com muita sinceridade e cópia de argumentos — o que aumentando o interêsse da obra, a afasta mais ainda do fim que o título parece indicar ter estado em vista. De resto, por muito respeitáveis que sejam as opiniões, num «A. B. C.» tem que referir-se tudo o que ao toureiro diga respeito, velho ou novo, quer se considere bom ou mau, sob pena do jóvem afccionado pensar que aquilo que vê na arena é produto de inspiração de momento. Garcia Perez passa sobranceiramente por certos modernismos, prezo a preconceitos muito razoáveis, é verdadeira, mas que só podem interessar a afccionados já feitos; como, porém, destes, muitos são os que ainda necessitam de ser orientados, a utilidade do livro não se perde e até resulta absoluta pois que raros haverá quem com a sua leitura nada aproveitem. Assim e em resumo, diremos que «A. B. C. da Tauromaquia» é um volume que se recomenda a todo o afccionado, pois néle encontrará muitas coisas interessantes, desde os mais curiosos apontamentos históricos até à aneddotica graciosa e leve que tantas vezes retrata não só o espírito de um toureiro como também as características duma época — tudo escrito num estilo corrente e certo, o que torna a leitura extremamente agradável.

CAPOTAZOS

NÃO SERIA POSSIVEL



Luiz Mazantini foi um toureiro incompletissimo que conseguiu colocar-se ao lado dos melhores da sua época, apenas pela forma de estoquear, o que levava «Guerrita» a dizer que o seu mérito era grande, sobretudo porque matava os touros quando «verdes», ao passo que os outros os estoqueavam «maduros». Com isto queria o grande Rafael dizer que Luiz não toureava e portanto dava a estocada sem ter dominado os touros.

Certa tarde, na feira de Bilbao, tendo saído para Mazantini um excelente touro, acercou-se este de «Guerrita» e pediu:

— Rafael; empresta-me uma das «muletas» para ver se consigo tourear como você?

E Rafael Guerra, com aquela sinceridade que só conseguiu inimigos, respondeu:

— Leve a «muleta» que quiser, mas como eu nunca conseguirei tourear... mesmo que se encoite a «Lagartijo»...

NÃO HÁ RAZÃO PARA ESPANTOS



O facto de Carlos Arruza ter saído em ombros da praça do Campo Pequeno, depois da extraordinária «fajana» com que fêchou a corrida do dia 4, parece ter causado a certas pessoas tão excessiva como inexplicável surpresa. Houve quem do caso pretendesse fazer

«blague», lembrando uma solução para a crise de transportes — no anti-pático costume de brincar com uma coisa cuja seriedade só desconhece quem nunca viu touros senão da bancada — e outros afirmaram ser caso inédito, o que não é verdade. Se a memória nos não traíço, o primeiro toureiro que saiu em ombros daquela praça foi o mexicano «Armillita» (Juan) por ocasião das corridas de apresentação de Cañero. Depois, o mesmo «Armillita» e Faustino Barajas, quando pela primeira vez se mataram touros e no passado ano, Gregório Garcia. Não sabemos se mais algum teve essa honra. Seja porém como for, não nos parece caso para se julgar que vai estabelecer-se moda e sobretudo pensamos que aos verdadeiros afccionados só podem agradar tais manifestações do entusiasmo popular, que é afinal o que mantém a festa.

SÓ FALTA UM



De todos os toureiros mexicanos que se encontram entre nós, apenas um, Leopoldo Ramo s, não deu boa conta de si. A sua apresentação foi porém tão incaracterística que a critica foi unânime em considerar que não podia retratar com fidelidade o valor do toureiro. Justo é, pois, que se lhe proporcione ocasião de nos dizer a sua última palavra. Rogério Perez, no «Diário de Lisboa», já emitiu idéntica opinião e é com prazer que o acompanhamos, pois sabemos perfeitamente quanta vontade o simpático mexicano tem de mostrar que não é um toureiro vulgar.



Há em Lisboa uma costureira que é cantora de ópera!

A vida é assim mesmo. Grande parte dos nossos sonhos não se chegam a realizar. E os que se realizam custam muito sacrifício, muito esforço, muita tenacidade...

Conhecemos Carolina Maria, há bem pouco tempo, no S. Carlos, pelas réclitas extraordinárias da «Inez de Castro» e do «Cristal». A sua voz lá estava, vibrante e melodiosa, sobressaindo entre as vozes do côro. E alguém que se encontrava a meu lado, murmurou, convicto: «Repare nela. Podia ser uma grande cantora, uma vedeta da Ópera... E sabe o que ela é hoje? Apenas uma costureira. Tudo por causa dum grande amor».

Foi o bastante para espicaçar a nossa curiosidade. Quisemos imediatamente falar com Carolina Maria, essa rapariga para que trocara a glória pelo amor... E assim surgiu esta reportagem.

A MENINA DIANTE DO FUTURO

A história começou all, em Póvoa de Alcobaca, por entre pomares e quintas floridas e regatos murmurantes, quando nasceu uma linda menina, gorda e rosada, a que puseram o nome de Carolina Maria Alexandre.

Já pequenita, Carolina Maria tentava imitar as cantigas das moçilas da sua terra, fazendo uma chilreada de avezinha contente. E de depressa a família constatou, meio curiosa, meio surpreendida — que a menina revelava uma decidida vocação para o canto. Cresceu. E a sua voz cresceu com ela, desenvolveu-se com ela, tornou-se bonita e atraente como ela se tornara.

Em Póvoa de Alcobaca, Carolina Maria não tinha igual, nos seus trindados e nos seus garganteios. As raparigas olhavam-na de lado, roídas um pouco pela inveja. E os rapazes disputavam nas festas a honra de bailar com a dona de tão formosa voz.

Carolina Maria, às vezes, dava o seu passeio até Lisboa. E encontrava-se na cidade, cheia de prédios altos, de ruas largas, de vida trepidante. Em casa das pessoas amigas que visitava, não se fazia rogado para exhibir os dotes da sua voz. Sentia-se cantora, desde que nascera.

E, um dia, certo rapaz conhecido apresentou-lhe um senhor, cujo nome deixou Carolina Maria trémula e emocionada. O senhor era o famoso Maestro Coadvilla e quis ouvi-la, também. Tinha ela dezóito anos. Hoje tem trinta e cinco. Mas ainda não se esqueceu — nunca poderá esquecer — esse dia em que cantou de propósito para o Maestro Coadvilla. Como, também, não poderá esquecer mais as palavras de louvor que elle lhe disse, a coragem que lhe deu, o futuro deslumbrante que lhe profetizou como cantora.

Tinha dezóito anos e formou um sonho. Um sonho grande. Quería ser primeira figura da ópera. A menina

estava diante do futuro e sentia-se com força e com entusiasmo e com talento para vencer...

MAS O AMOR É CEGO...

Triste verdade, a da canção. O amor é cego. O amor destrói os sonhos e delta por terra muitas vezes a certeza das grandes vitórias...

Durante cinco anos, Carolina Maria recebeu lições particulares do Maestro Coadvilla, então director da Sociedade Coral Portuguesa. Elle apreciava-a imenso, sinceramente, e queria que a sua voz se educasse. Aos vinte e um anos, Carolina Maria, entregue ao sonho de glória, trocou Póvoa de Alcobaca por Lisboa. Só em Lisboa poderia triunfar. Não permitiram que ela entrasse para o Conservatório, porque lhe faltava o exame de instrução primária — como se a sua voz não bastasse. Ela não desistiu, porém. — E daí a dois anos dava o primeiro passo para a realização do sonho: Entrou no Côro da Tóscia numa récita dada no Colisseu em homenagem a José Rosa.

Defrontou o público — a safu triunfante. A sua voz impressionou. Viu-se rodeada de aplausos. E Mestre Coadvilla, o bom amigo, afirmou-lhe como profeta: «Quanto mais idade tiver, melhor será a sua voz». Ela sentia-se radiante. O sonho havia de ser realidade!

Mas, precisamente nessa altura, entrou mais alguém na sua vida. Um homem de olhos meigos e de palavras sedutoras. Carolina Maria apaixonou-se. Era jovem, estava sedenta de felicidade, o seu coração cedeu facilmente. Toda a sua vida então se resumiu nesse enorme amor. E porque elle não gostava — ela renunciou ao seu sonho de glória e desistiu das lições e obviou a ambição de ser uma grande cantora. Apenas, para a consolar, elle permitiu que ela entrasse no Côro das Óperas. Ah, nesses instantes todo um mundo de emoções sacudia a alma de Carolina Maria. Mas o amor era mais forte.

O Secretário e Director de Cena de festeiros Casella convidou-a a ir para Itália, com condições vantajosas, lições gratuitas e lugar assegurado nos melhores palcos. E ela não aceitou. Foi classificada em primeiro lugar no exame de vozes para a ópera portuguesa «A Serrana» e podia aproveitar-se desse ensejo para subir. Mas não se aproveitou. Consolava-se unicamente em cantar nos Coros. Matava assim as saudades, lludia assim a vocação que a dominava.

E tinha o seu amor. O amor dele, do homem de olhos meigos e de palavras sedutoras. Afinal, durou cinco anos apenas, a sua felicidade, essa felicidade que parecia eterna. Tinha um vivido como noivos, intellos um para o outro — mas um dia elle fugiu para casar, por conveniência, com uma senhora rica. Carolina Maria esteve como louca, durante dez dias e dez noites, sem comer, sem dormir, gritando e chorando. Os médicos salvaram-na, mesmo contra-

As três pancadas

Joaquim Paço de Arcos reapareceu no teatro com um assunto de largo interesse: «O ausente», que se chamou primeiro «Direito de opção». Depois de «O cumplice», em que o brilhante romancista de «Viagens de Pedro Manuel» dava mostras de não desmerecer a sua obra de ficção, o público e a critica esperavam d'ele peça que constituísse o êxito da primeira. E, diga-se desde já: Joaquim Paço de Arcos combateu em si o romancista, para impôr o dramaturgo. A luta há-de ter sido violenta — mas não se pode dizer que qualquer dos dois que vive em si tenha saído desprestigiado da refrega.

O melhor elemento da peça de Joaquim Paço de Arcos é, sem dúvida, o assunto. Pode mesmo dizer-se que a peça é quasi exclusivamente o assunto. Mas, teria elle sido devidamente aproveitado — isto é, teatralizado? Aqui expressamos a nossa dúvida. Toda a acção do 1.º e 2.º actos cabiam no primeiro. No segundo, podia ter-nos dado a vida dos escriptorios, o homem com a sua vida soffrendo o choque brutal com a sociedade, em vez de nos dar aquêle serão burguês de gente ociosa. Assim, Paço de Arcos teria comunicado um interesse teatral que por vezes faltou nos dois actos em questão. Por que teria preferido falar-nos indirectamente da cena em que o pai chamaladão ao filho, diante dos empregados? Não se teria aí perdido um bom momento teatral?

O último original português desta época não teve montagem digna do bom gosto de Amélia Rey Colaço, principalmente nos actos com que abre e fecha o espectáculo. Mas Joaquim Paço de Arcos pode sentir-se satisfeito por ter no desempenho da sua peça — o desempenho da peça, note-se, porque, a peça é elle — o grande actor Alves da Cunha. Ninguém, entre nós, comporia melhor a figura torturada e alucinada daquele pobre farrapo humano...

Amélia Rey Colaço e Maria Lalande foram as duas figuras femininas da peça. E como elas souberam defender o seu nome e o seu papel!

vontade dela. Contudo, era uma vida desfeita, arrazada, desgraçada...

Vida que ella tem vindo a refazer, sacrificio sobre sacrificio, esforço após esforço. Hoje, está, de novo, diante do futuro. Não, não odeia aquêle que a fez matando, aquêle que destruiu os melhores anos da sua vida. Mistérios do coração, sabem-lhe o que quiserem, mas ella não o odeia...

«HEI-DE GANHAR DINHEIRO PARA VOLTAR A ESTUDAR!»

Falámos com ella e a sua primeira afirmação foi essa mesmo:

— Trabalho agora o mais que posso. Sou costureira, mas não me importo... Hei-de ganhar o dinheiro sufficiente para poder voltar a estudar!

E sentimos a verdade, a vontade que essas palavras emanam. Ella é jovem ainda. Está no meio da vida. Os seus olhos escuros, intelligentes, vivos, os seus cabelos negros, a sua testa larga — mostram-nos um desejo imenso de vencer, custe o que custar. O sonho voltou, mais forte e mais sincero. Agora, ella sabe-o porque os mestres o dizem, a sua voz é mais bela do que nunca — conforme a profecia do bom Maestro Coadvilla.

Carolina Maria está disposta a lutar. A reconstruir a sua vida.

Diz-nos as suas preferências: Lauri Volpi, Alcaide, Alexander Zillanne, Tito Schipa.

— E de óperas?

— Como soprano lírico, a Tóscia... Como soprano ligeiro o Rigoletto!

Retirámo-nos, deixando-a entregue ao seu trabalho pesado. Debruçada sobre uma máquina de costura, Carolina Maria ganha o pão de cada dia. É o seu calvário. Oxtal, que realice o sonho de menina, que consiga juntar dinheiro para poder estudar, que ainda vejamos o seu nome em letras gordas nos Teatros de Ópera. Oxalá! Ela tem soffrido o bastante, para ter direito a isso!

REPÓRTER DOIS

PALMIRA BASTOS HÁ 37 ANOS

Nesse tempo, estreou-se no D. Amélia, uma peça fantástica, de grande espectáculo, intitulada «Viagens de Gulliver». O Visconde de S. Luis Braga deu o mais arrojado passo dessa época: de facto a montagem da fantasia superiorizava tudo o que se tinha feito até então.

E, entre os intérpretes, um nome avultou, desde logo: Palmira Bastos. «Viagens de Gulliver» foi uma das suas maiores corças de glória. Eis a brilhante artista em três das suas prodigiosas intervenções.

E isto passou-se há 37 anos...



ACTUALIDADE

Para um mundo melhor

SOB palavra que não sou feminista, nunca fiz propaganda a favor das reivindicações da mulher, nunca defendi os seus direitos, nunca a considerarei menosprezada pelo poder do homem, nunca pensei que o seu lugar fosse fora do lar nem imaginei um mundo melhor com o acesso da mulher a todas as funções só permitidas aos senhores da Terra. Não. A este respeito não tenho idéias — mas exemplos. Porque a mulher não deve conquistar leis para ocupar lugares — mas lugares que a levem a vencer as leis. Não sei se me faço compreender: a mulher não tem ainda formação mental, moral nem psicológica nem física para ocupar quantos lugares lhe estão defesos — o que não quer dizer que não haja inúmeras filhas de Eva dignas de competir em tudo com os digníssimos descendentes de Adão. Uma lei generalizada implica sempre com uma avalanche de acessos — e isto, só por si, implica, por sua vez, uma avalanche de incompetências e desvio de elementos para funções que não lhes vão a caráter. A mulher que vive toda entregue à administração do lar e à educação dos filhos é tão excelente elemento social como aquela que dirige um grande departamento público — desde que ambas estejam dentro da sua vocação. E, do mesmo modo que não há leis que autorizem a mulher a ser dona de casa, seria de compreender que não houvesse para admitir a sua presença em certos departamentos do Estado.

«Chacun a sa place...» — e conforme as aptidões o impelir...
De que vale, por exemplo, o direito a voto — se a mulher não souber os porquês, as razões por que vota e por quem vota?

Por outro lado, se alguém demonstra capacidade de trabalho, inteligência e cultura, a ponto de ser tanto melhor elemento com atribuições públicas — por que lhe há-de ser negado o direito de desempenho, pelo facto simples de ser mulher?

Penso que o mundo não se desequilibrará por isso. Pelo contrário: com isso — ou com essa presença — o homem sentirá o estímulo para se superar a si próprio e à mulher. E, porque ela, mesmo no desempenho de certos cargos, não perde o seu poder fluido de mulher — o ambiente de trabalho adquirirá outras virtudes de amenidade e docura.

Isto que fica exposto e que tem sido dito e contradito, não é, portanto, novo nem sequer tem a virtude de ser tudo. Ainda há dias conversando com um polaco, espírito culto e fino de diplomata, estas palavras foram alargadas num sentido e num ambiente verdadeiramente catastróficos para os muitos bilhões de homens que estão a ser governados, e para os outros milhões que estão a governar...

Na Inglaterra, uma mulher está na pasta do Trabalho — reconstruindo, portanto, quanto os homens destroem; na China, uma generalíssima, que é esposa e mãe, cimentou o amor dos homens à quem e além fronteiras; nos Estados Unidos, uma deputada, lavada em lágrimas, negou-se a assinar a declaração de guerra ao Japão...

Evidentemente, isto é só pra citar alguns exemplos, entre os muitos que existem e que levaram o polaco em referência a dizer convictamente:

— O mundo só será pacífico quando as mulheres conquistarem o governo dos povos. Em milhares de anos históricos, o homem tem dado provas de tenaz incapacidade e feroz incompetência. As suas intransigências, contra outras intransigências, é que o têm lançado nas grandes e infernais hecatombes. Ozalá a mulher seja a primeira triunfadora desta guerra. Porque, se assim for, tenho a certeza de que o mundo caminhará melhor.

Enfim, e isto aqui para nós, que ninguém nos owe: outra utopia desta guerra — outro problema do após-guerra, porque a gente bem sabe como elas se guerream umas às outras!...

MANUELA DE AZEVEDO



Concursos de canto da Emissora Nacional



Terminaram, na Emissora Nacional, as provas de canto, para o prêmio «Luís Todiv». Dos vinte e dois inscritos, apenas seis se apresentaram a concurso. Aqui damos quatro desses seis concorrentes, entre os quais a vencedora do concurso, sr.^a D. Maria Teresa Diniz Sampaio, que é a segunda, a contar da esquerda.

FALA-SE ESTE SEMANA

Leal amiga

A propósito da declaração do sr. Eden e dos termos da nota oficiosa do Governo português, sobre as exportações de volfrâmio, um jornal inglês intitulou de «Allada Leal» o comentário em que dava expressivo destaque às afirmações culminantes dos estudos e negociações realizadas pelos dois países. E, de facto, bem se pode dizer que Portugal, hoje como sempre, se tem mostrado um aliado leal da Inglaterra, muito longe de atitudes servís, e cada vez mais dentro de um pé de igualdade que tanto honra e convém a ambas as partes em questão.

Portugal, dentro da política da guerra, e para cumprimento de um propósito de neutralidade, que tanto nos agrada a nós como aos próprios beligerantes, tem percorrido uma trajetória longa e penosa, nestes últimos quatro anos e tal de guerra, afim de salvaguardar os interesses da nação, sem quebra de neutralidade em relação a um dos lados, nem quebra de aliança em relação a outro dos lados em luta. A posição, temos de convir, era — e é — perigosa e incômoda. Mas, acima de tudo o mais, estava a nossa consciência de povo obreiro e pacífico, a re-fazer-se e a querer ter o direito de não ver as suas vidas destruídas e os seus lares submersos pela metralha.

Muitos, mais precipitados ou entusiastas, há-de ter bastas vezes abaido lenta a evolução dos factos e dúbias a posição das idéias. O tempo, porém, que em tudo é o grande mestre, tem-se encarregado de demonstrar que a razão estava do lado de quem media serenamente o valor das palavras e dos sentimentos, não se deixando influenciar pelos favores ou azares do momento. E a prova, mais provada ao ferro dos impulsivos, aí está coronada pelas palavras da nossa leal amiga que, como papa, responde aos papistas, dentro de um sentido verdadeiramente desvanecedor para quem, através da guerra, dirigiu a nossa política externa. Portugal, país aliado e amigo da Inglaterra, provou, sempre que foi chamado ao cumprimento dos deveres estipulados na Aliança, que era Estado e povo de um só brto e uma só palavra. Agora, mais uma vez, Portugal mostrou-se fiel à aliança que há 500 anos o liga à Inglaterra. Por sua vez, não o duvidamos, a Inglaterra há-de mostrar-se fiel à aliança que, há 500 anos, a liga a Portugal. O fim da guerra aproxima-se e, com ele, um tremendíssimo encargo cairá sobre os responsáveis da nação portuguesa, em relação aos problemas internacionais — não foi anunciado que os neutros terão a sua função no após-guerra? — e em relação aos próprios problemas nacionais. A innumeração desses problemas torna-se desnecessária. Vivem na consciência de cada um de nós e não devemos fludir-nos a respeito da sua tremenda acuidade. Nessa hora, porém, a Inglaterra, nossa aliada de sempre, há-de estar a nosso lado, para que, da outra costa atlântica, não realicem a sua política e as suas intenções de leal amiga. O aliado leal — saberá, mais uma vez estar ao lado da leal amiga e fundir num só os interesses comuns e independentes, porque só num pé de reciprocidade — e que se tem mantido — será possível não desmerecer da honra que nos legaram os antepassados de ambos, fundando os laços de uma amizade e compreensão seculares.

MARIA DE FIGUEIREDO



Maria de Figueiredo, que já nos tinha dado tantos livros amorosos para crianças crescidas e pequenas, escreveu agora «Isabelinha» — um romance delicioso, humano e, ao mesmo tempo, imaterial, pelo delineado das figuras, pela pureza dos seus actos e pela graça do estilo em que o livro está escrito. Assim, Maria de Figueiredo não tem razões para descer do êxito que «Isabelinha» irá colhêr junto das suas leitoras — as crianças senhores e as senhoras crianças, principalmente, para quem, acima de todos, o livro de almas boas se destina.

DR. RIBEIRO COUTO



Não se pode dizer que constituisse surpresa a eleição do Dr. Rui Ribeiro Couto, diplomata, poeta e escritor, para a Academia das Ciências de Lisboa: o merecimento dessa honra dava a todos a certeza de que o ilustre brasileiro viria a ser um ilustre acadêmico português. E, porque a sua eleição constituiu não só um acto de justiça mas também um atributo de valor para quem propôs e votou essa eleição — não houve quem, como nós, se não regozijasse e não elogiasse a entrada de Ribeiro Couto para a nossa mais alta câmara literária, onde passa a ocupar uma cadeira vaga de sócio correspondente, na classe de letras.

EDUARDO SCHWALBACH



«A lareira do passado» — assim se intitula o último livro de Mestre Eduardo Schwabach, dramaturgo, jornalista e escritor dos mais nobres e brilhantes do nosso tempo. É um livro de evocações — talvez não lhe possamos dar o nome terminológico de memórias — em que o notável homem de letras e de acção revive épocas que são de ontem, não obstante viverem ainda em nós avivadas pela mais subtil recordação. A energia mental e intelectual de Mestre Schwabach deu-nos agora mais esta prova de resistência, erguida ao mais alto sentido da palavra e do pensamento.

A distribuição do TRABALHO

NÃO há dúvida que a vida corre agora numa vertigem e que os homens se gastam mais que nunca.

Mas, a que é devida esta mesma corrida, esta vertigem que precipita os povos para a beira de um desgaste espantoso?

Será a vida ou o próprio homem? Naturalmente, conjugarão-se os elementos para impelir a polve e frágil humanidade a esta precipitação. A mecânica da sociedade exigiu múltiplos e novos requisitos a que o homem correspondeu com um esforço entusiástico. Mas, passado tempo, verificou-se, como na sabedoria das nações, que esse mesmo homem era trágico pela mecânica mestra que realizara. Assim, os homens do nosso tempo, tendo recebido dos pais o pesado encargo de gerir o mundo — viram-se a braços com a complexidade da máquina montada. E, porque dos muitos do nosso tempo, nem todos se encontram aptos ao desempenho das funções de técnicos — aí está porque aumentou assustadoramente a legião dos sem afazeres e dos sem aptidões, enquanto outros tiveram que se multiplicar em actividades, para ocorrer às necessidades da engenharia social... e da própria bolsa. Quere isto dizer que, enquanto há milhões de indivíduos votados a uma vida secundária, porque não foram preparados para as exigências do seu tempo — outros milhões esfalfam-se a trabalhar, para que a máquina funcione e o pão esteja garantido mais ou menos. E essa sobrecarga pesa, claro, sobre os novos. A sua vida é dura, brutal, apegada ao trabalho, correndo do emprego para os biscatos, entrando de manhã cedo na oficina ou escritório — e prolongando o trabalho pela noite fora em desdobramentos por conta dos padrões adventícios ou habituais, trabalhando até, às vezes, por conta própria.

Ganâncias? Desejo de enriquecer, vertigem do ouro?

Trata-se apenas de ocorrer às necessidades da vida — incluindo

as próprias... Sem concorrência certa, porque os especializados não são tantos e o trabalho tem que se fazer — o homem é impellido para o trabalho extenuante e mal remunerado, afim de cumprir deveres sociais e não baixar o nível de vida para que foi projectado pelo diploma, pelo engenho ou pela boa estrela.

Há professores de música que são amanuenses, executantes de orquestra que exercem funções de empregado público, jornalistas que estão empregados em escritórios, pintores que são guarda-livros ou arquivistas, comerciantes que cantam na rádio, advogados que fazem negócios e dão explicações a alunos de liceu...

Enfim, não há descriminação possível. As profissões, as ajudas de vida, tudo isso se busca e consegue à custa de duros sacrifícios humanos. O que se ganha no emprego indicado no cartão de identidade mal chega para não morrer de fome. De modo que o homem, sabedor da existência de um conforto útil e moderno, tudo faz para o obter.

Triste aventura, porém! O homem esfalfa-se, gasta-se para ter um rádio, um «maple» um esquentador eléctrico, uma cama fofa — mas morre quando tem tudo isso — gasta as energias no trabalho, até à última reserva... A sorte dos novos é dura, duríssima e madrastra. Ontora ganhava-se honestamente a vida com pouco trabalho. Hoje, porém, o trabalho aumentou e o dinheiro diminuiu em valor. A corrida para o bem-estar e para a conquista do pão torna-se, assim, cada vez mais inglória — porque com ela fenecem as virtudes físicas da raça.

Seria, pois, necessário que o trabalho tivesse uma melhor distribuição e um «consumo» mais regular e uma remuneração mais adequada ao padrão de vida dos povos. Assim, o homem seria reconduzido à sua função de ser vivente e não vegetativo e o prestígio do trabalho aumentaria consideravelmente.

NOTAS RÁPIDAS



O sr. Presidente da República, com o sr. ministro da Educação e Subsecretários da Assistência e das Obras Públicas, inaugurou a Escola Técnica de Enfermeiras do Instituto Português de Oncologia. Ao acto inaugural assistiram, ainda, altas individualidades que percorreram e elogiaram a valiosa iniciativa da Fundação Rockefeller, da Liga Portuguesa de Luta contra o Cancro e do Instituto Português de Oncologia.



Lupi, o nosso valeroso campeão de xadrez fêz, há dias, uma notável exibição na Sociedade de Geografia. Aqui o vemos a jogar com cinquenta tabuleiros de xadrez — nada menos, meus senhores!...



No Palácio da Independência foi concedida posse ao novo director dos Serviços Culturais da «M. P.», sr. dr. Rodrigues Cavalheiro. A posse foi-lhe concedida pelo Prof. Dr. Marcelo Caetano, numa cerimónia simples a que assistiram muitas entidades ligadas àquela organização da juventude.



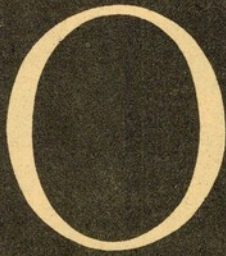
As antigas e actuais alunas do liceu Filipa de Lencastre, bem como as professoras que ali prestam serviço, homenagearam, há dias, a Dr.ª Maria das Dores Mota Aites, que foi recentemente nomeada reitora do Liceu Carolina Michaelis, do Porto. Foram-lhe oferecidas flores e prendas, durante um chá que se efectuou naquele Liceu, trocando-se afectuosos cumprimentos.

Uma exposição de Korrodi



Ernesto Korrodi, um suíço apaixonado por Portugal e, dentro de Portugal, um amoroso das coisas de Leiria, onde trabalhou e morreu, teve a sua consagração póstuma na Casa do Distrito de Leiria que apresentou a Lisboa um conjunto de obras interessantes de mérito absoluto. Quem percorreu com os olhos os desenhos, pedra trabalhada, esculturas e projectos saídos do espírito criador de Korrodi, recebeu uma benéfica lufada de arte, de técnica e bom gosto.

Afonso Lopes Vieira e o dr. Afonso Zuquete, falaram da arte e da personalidade de Ernesto Korrodi, recebendo muitos aplausos as suas palestras a iniciativa da Casa do Distrito de Leiria.



VINHO DO PORTO

tem o
sêlo de garantia



DO INSTITUTO DO VINHO DO PORTO

A maravilhosa formação das emoções na criança

SEGUNDO Buffon, a criança, quando nasce, é o «mais nu dos filhos de mamíferos». O filho do homem é o escravo das coisas e dos seres que o rodeiam. Respira e mama, e pode dizer-se que durante os três primeiros meses da sua vida, serão estas as únicas manifestações da sua actividade vital.

As funções de nutrição aparecem, desde o início, com uma perfeição que contrasta com a indigência das outras funções. Aos movimentos de agitação irregular dos membros no espaço opõem-se os movimentos complexos e rigorosamente coordenados que a criança executa quando mama. São a consequência de um reflexo com ponto de partida nos lábios e na boca, com produção de uma sensação de bem-estar limitada ao funcionamento do tubo digestivo.

A «respiração», a princípio, não tem quaisquer relações com o psiquismo, mas, pouco a pouco, caminha para uma sensibilidade tão grande que se tornará um dos «tests» mais vigorosos da alegria, da surpresa, do medo, da cólera. Esta sensibilidade é, por vezes, tão grande que ocasiona verdadeiros espasmos respiratórios de gravidade.

O «grito» faz parte da respiração. O primeiro grito marca o primeiro movimento respiratório. Ligado a este acto durante as primeiras semanas, torna-se, depois, voluntário; primeiro rendimento da palavra e o único modo de expressão das sensações profundas das crianças.

Por volta do 3.º mês constitui uma verdadeira ginástica muscular que não se deve reprimir e enche de satisfação o pequenino ente. É neste momento que ele toma consciência do espaço exterior e do seu próprio movimento.

Todavia, estas manifestações só dão sensações elementares. As reacções do organismo, que servem de base ao comportamento do indivíduo, são despertadas por outras sensações: o ouvido, a vista, a sensibilidade geral. A «audição» é a primeira sensação que fornece percepções à criança, algumas semanas ainda antes da vista. Na 3.ª semana, a voz humana está ligada à vontade de mamar. O mesmo desejo anda ligado ao ruído de passos, ao de abrir e fechar uma porta. As impressões auditivas correspondem à passividade da criança.

A «vista», pelo contrário, é um sentido activo. Desde o nascimento os olhos reagem à luz. Mas apenas no segundo dia a criança fixa e atenta numa determinada mancha luminosa. Repare-se bem: a criança tem sensações luminosas, mas ainda não vê, isto é, não percebe qual o conteúdo da mancha luminosa.

As aquisições pela vista começam, apenas, por altura da 11.ª semana. Só nesta altura os olhos seguem um objecto que se desloca. A partir do 5.º ou 6.º mês, atenta no «espaço próximo». Para além do 6.º mês, a criança interessa-se, pouco a pouco, pela contemplação dos objectos que vê.

A «sensibilidade» fornece à criança ensinamentos de primordial importância para a formação da personalidade. Não sómente a sensibilidade íntima lhe transmite as sensações tomadas nos seus próprios órgãos, mas existe, também, uma sensibilidade proprioceptiva, pertencente ao labirinto do ouvido, aos músculos, às articulações, que parecem ter uma influência considerável sobre as disposições e os estados psíquicos.

A sensibilidade pelo tacto é tardia. Nos primeiros meses, picadas de agulha bastante profundas para fazer brotar uma gotícula de sangue, não ocasionam reacção pela parte da criança.

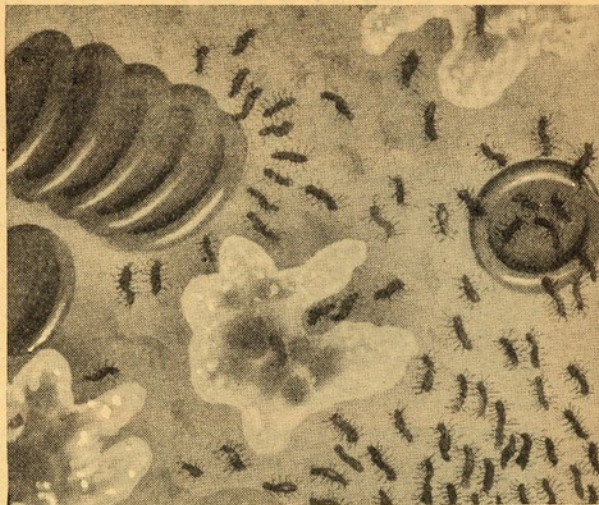
A última fonte de que o recém-nascido tira as excitações que vão produzir emoções, é a «sensibilidade afectiva». A alegria e a tristeza parecem constituir estado consciente a partir do 3.º mês. A alegria e a sua manifestação exterior — o sorriso — é a primeira marca da personalidade humana.

Eis aqui, pois, as fontes das emoções que, repetindo-se, vão criar, na criança, uma maneira de ser, reactividade que será a dominante do seu carácter.

FANTASIAS DA NATUREZA



PARECE uma fantasia artística, mas é apenas um insecto. Certos insectos, como este, estão conformados de tal maneira que se confundem com o meio que os rodeia. Não devemos atribuir um propósito qualquer nesta semelhança. A verdade é que o número de insectos homocrómos é muito restrito, relativamente ao meio milhão de espécies existentes. Pode-se afirmar, sem escrúpulos, que as semelhanças são devidas apenas ao acaso. Basta dizer que muitos insectos imitam um meio que não é o seu. A gravura mostra a *Kallima*, borboleta javanesa imitando uma folha seca.



Embora o sangue pareça ter um aspecto uniforme, é complexo. Num líquido fundamental ou plasma, que é uma solução aquosa de numerosas substâncias, existe uma parte sólida: — os glóbulos. Há três espécies de glóbulos: os vermelhos (5 ou 4 milhões e meio por milímetro cúbico de sangue, conforme se trata de homem ou mulher); os brancos (6 a 8 mil por milímetro cúbico); as plaquetas (200 a 500 mil por milímetro cúbico). A variação das quantidades destes componentes é um precioso indicio sobre várias doenças. Os glóbulos têm importantíssimas funções. Uma das funções dos glóbulos brancos é a destruição de micróbios. Na gravura vemos, na corrente sanguínea, glóbulos brancos englobando e destruindo terríveis germes. Também vemos glóbulos vermelhos, alguns dos quais empilhados como moedas.

Como os peixes nadam

SOB a direcção do professor James Gray, em Cambridge, têm-se feito durante vários anos investigações sobre a mecânica e a fisiologia do movimento nos peixes. No laboratório zoológico lá existente empregam-se túneis aerodinâmicos e cinematografia de alta velocidade, com o fim de estudar a vida dos peixes, e contruíram-se modelos mecânicos capazes de reproduzir tão exactamente quanto possível as acções da natção.

A natção do peixe não é acompanhada de uma sacudida de rabo, mas sim dum movimento ondeado contínuo que passa ao longo do corpo, começando pela cabeça. Seria mais acertado comparar o movimento com o dum hélice, do que com um barqueiro remando um bote pela pópa.

Outra ilusão popular é de que o peixe se governa usando o seu rabo como leme. Na realidade o movimento da mudança de direcção, como a natção, é iniciado na extremidade da cabeça. A superfície do rabo serve para manter a extremidade posterior num curso recto até que o resto do corpo tenha realizado a curva.

O ritmo contínuo do movimento do corpo é mantido, por um mecanismo mais ou menos automático, no sistema nervoso central; é modificado por acontecimentos externos, da mesma maneira indirecta como o movimento dum navio é modificado pelo capitão na ponte de comando.

Muitos peixes podem nadar perfeitamente bem sem o «captão», isto é, sem o cérebro e os órgãos dos sentidos, e podem até mudar o ritmo natatório, respondendo a certas formas de estímulos na superfície do corpo.

A acção curativa das larvas das moscas

OS observações relativas aos efeitos curativos das larvas das moscas, nos ferimentos com pus, não são recentes. Foram-no desde as primeiras verificações levadas a termo por Ambroise Paré, no séc. XVI. Vaez, em 1829, teve o mérito de aplicar esse método na cura das osteomielites crónicas, conseguindo óptimos resultados. Quem conhece a duração, particularmente longa e a facilidade das recaídas, nas osteomielites, só tem motivos de regozijo por esta descoberta, que só agora atinge um valor seguro.

Usam-se só as larvas de moscas do grupo das «callifora eritrocéfala». A cultura das moscas faz-se em galoias especiais, e as larvas resultantes dos ovos depositos vão para uma máquina esterilizadora, onde ficam prontas para entrar em contacto com os tecidos de qualquer ferimento. Os laboratórios americanos já fornecem as larvas em bolões, seleccionadas e prontas para a aplicação.

Como é que a larva da mosca age, ao penetrar nos tecidos do ferimento? Baer pensou que se tratava duma acção digestiva dos tecidos lesados e duma consequente modificação do ambiente fisico-químico.

A cura de formas rebeldes de osteomielites (exceptuando as de carácter tuberculoso) faz-se em pouco mais dum mês, desde que não surjam outros factores complicando o quadro clínico.

Por mais que tais fenómenos pareçam surpreendentes, as recentes estatísticas atribuem ao método da aplicação das larvas o primeiro lugar na percentagem de curas de osteomielites.

TALVEZ NÃO SAIBA

1—Que não se devem tomar remédios em jejum, porque, neste caso, é mal digerido ou mesmo ataca as paredes do estômago e intestinos, em virtude das suas substâncias (ferro, creosoto, etc.).

2—Que no organismo humano também existe cobre. Os principais fornecedores deste mineral no nosso organismo são os moluscos, os crustáceos, o chocolate, o feijão e a avelã.

3—Que, como alimento, o peixe equipara-se às outras carnes. As suas proteínas assemelham-se, em valor nutritivo, às dos outros animais.

4—Que o mel, ao contrário do açúcar, não exige digestão. É logo

assimilado e lançado na corrente sanguínea.

5—Que um homem normal, pesando 70 quilos, possui mais ou menos 30 quilos de músculos, o que vem provar a necessidade do esforço físico.

6—Que ferver o leite lhe destrói todas as vitaminas. Por isso, no caso das crianças, se deve completar o leite com sumo de laranja ou de tomate.

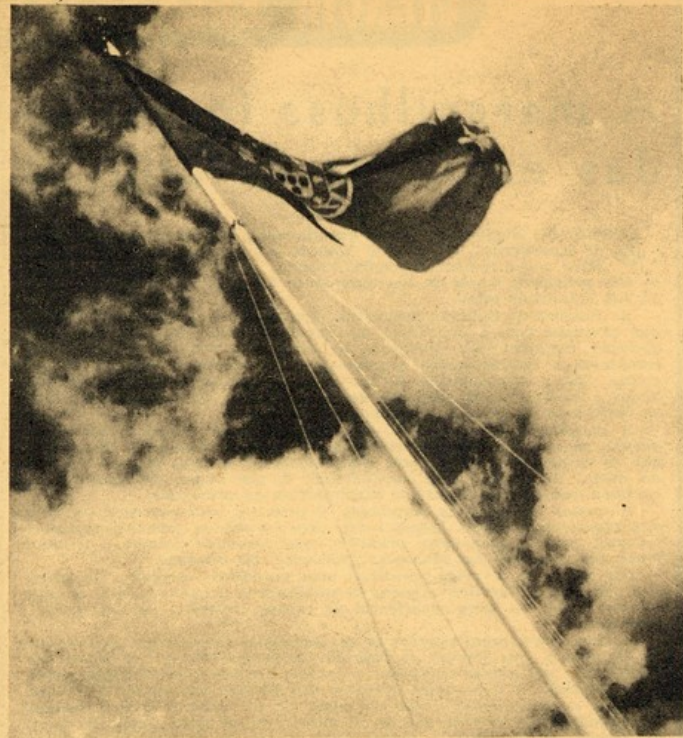
7—Que há mais de 2 milhões de glândulas de suor no corpo humano. A pele segrega 30 a 60 gramas de suor por hora, e esta transpiração serve para regular o calor interno.

Inaugurou-se o Estádio Nacional

INAUGUROU-SE o Estádio Nacional. Lisboa — Portugal, o mundo inteiro — tem hoje ao serviço do desporto, da força da raça e da grandeza do homem, um magnífico documento. As forças que damos nestas páginas falam mais alto do que quanto possamos aqui acrescentar. Quando o mundo poisar as armas de guerra e vir que esta lhe destina a obra da inteligência ao serviço da força humana, há-de olhar para o Estádio Nacional, acabado de fazer e pronto a receber os homens de todo o mundo,

como um exemplo de trabalho e um instrumento de cultura e paz. Temos um Estádio, temos uma organização desportiva. É preciso que o povo saiba quanto valem essas duas forças que são fontes de energia, criando em cada qual disciplina, amor pelo desporto, prestígio para o desporto.

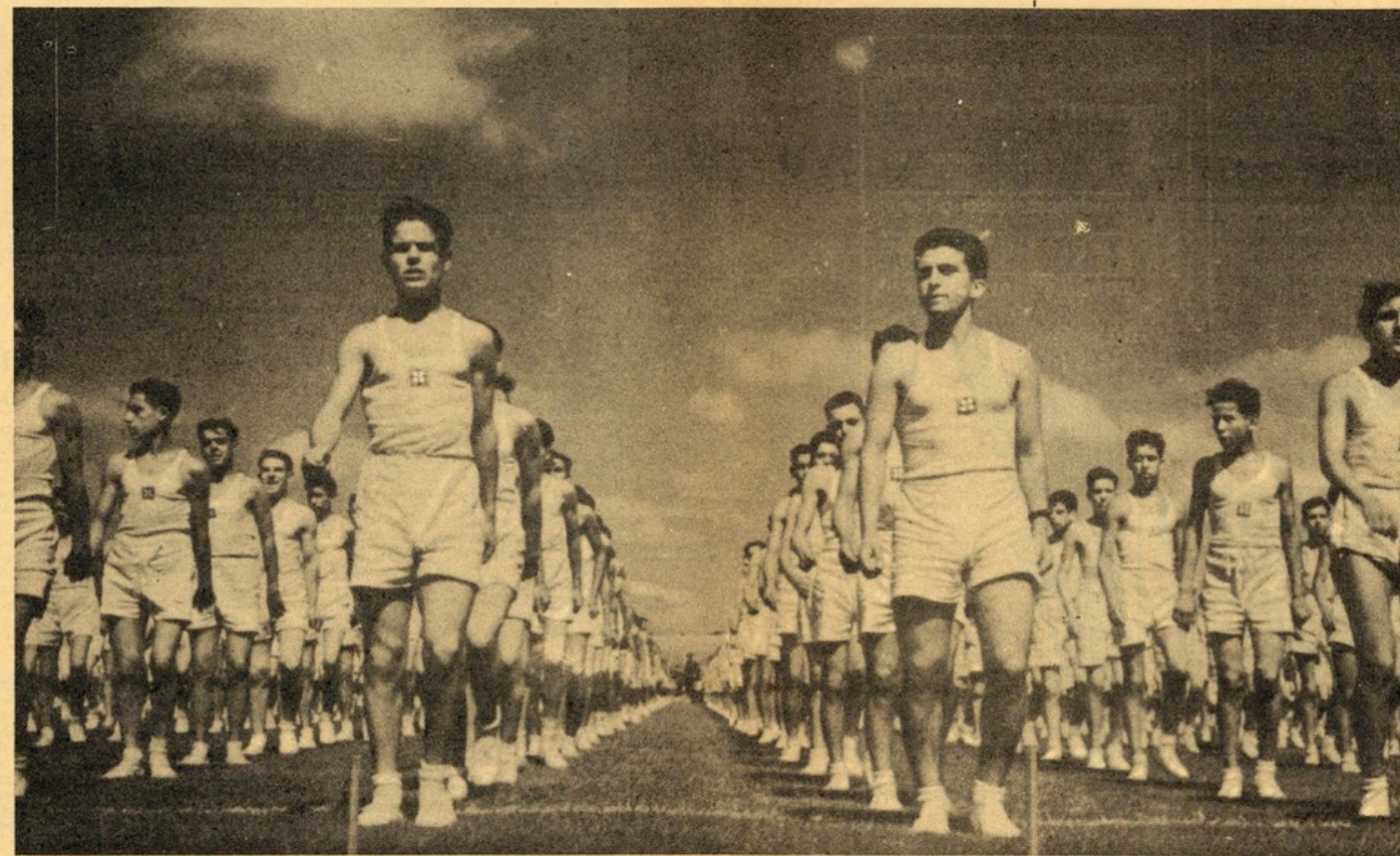
Atletas — rapazes e raparigas de Portugal! É preciso que todos sejam dignos da obra que Duarte Pacheco vos legou, como a melhor e mais alta expressão das directrizes marcadas pelo governo presidido por Salazar!



No mastro de honra, sobe como um símbolo de energia e de certezas, a bandeira da Pátria — que é agora a maior de Portugal.



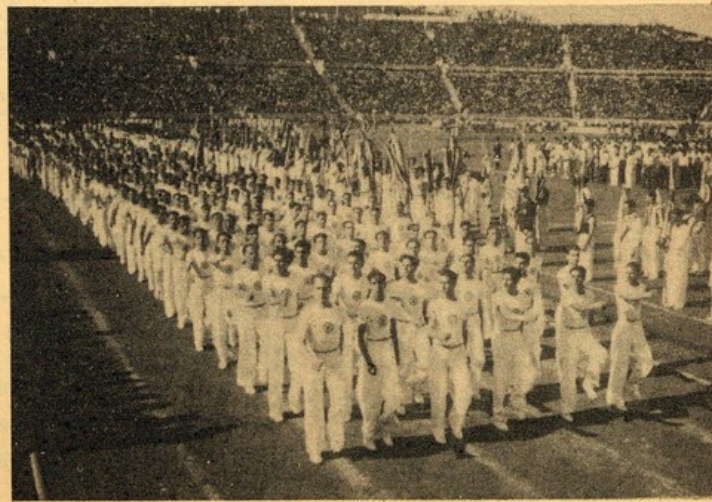
A tribuna, nas suas linhas severas, sobreleva-se a toda a multidão. E qualquer coisa de austero e de maciço que nos lembra a própria realidade.



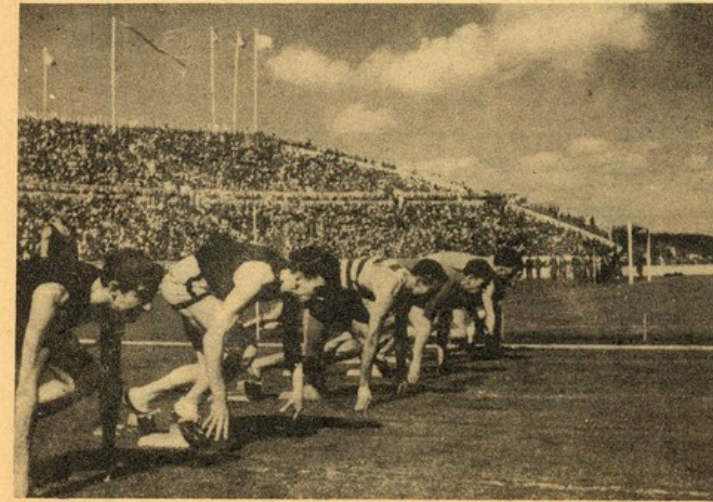
A Mocidade Portuguesa desfila, garbosamente representada pelas suas classes de ginástica. Eram milhares de rapazes, numa parada formidável, numa afirmação notável de vigor!



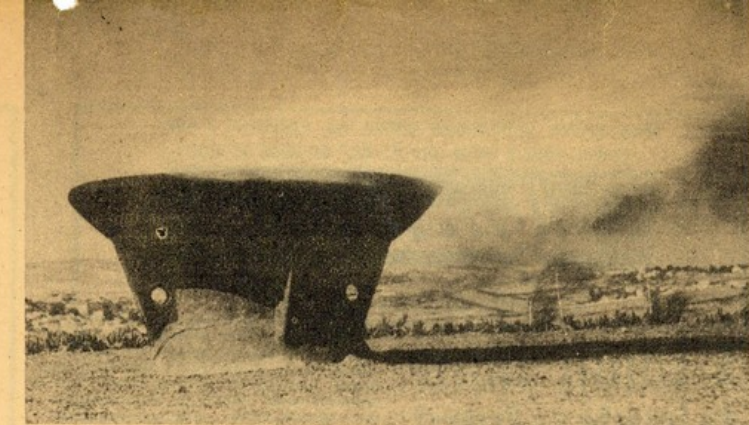
Cá fora, quando no mastro grande subiu a bandeira bicolor, estralejaram os morteiros e as girândolas dos foguetes. Eles lá sobem no ar, lembrando romarias!...



A Parada Atlética fez reboar no ar salvas vibrantes de palmas. A multidão, de resto, foi um dos melhores elementos colaboradores da grandiosidade do espectáculo.



Atenção! Atenção ao sinal! Vai iniciar-se a corrida dos 100 metros. Os rapazes estão nervosos, mas todos eles creem nos seus músculos.



Lá em cima, no cabeço arredondado da colina, onde outrora giravam as brancas de moinhos, arde agora o Facho Olímpico, símbolo de tantas virtudes desportivas.



Na tribuna de honra, o Governo, representado por todos os ministros, e o sr. Presidente da República, ladeado por Salazar, olham o magnífico espectáculo que é obra de todos — e sua, principalmente.



Não só os homens necessitam de boa ginástica. As raparigas — as da F. N. A. T., empregadas de fábricas e escritórios, na sua maioria — também lá estiveram. Aqui vemos um desfile de finalistas.



Outro desfile da Mocidade Portuguesa — os homens que amanhã darão a Portugal uma certeza de força e de poder.

Uma defesa permanente contra as bactérias e uns dentes sãos e belos terá V. Ex.ª na boca se usar:

Sulfadentina

A 1.ª Pasta Dentífrica com Sulfamida

A história secreta da Invasão da Europa!

(Continuação da pág. 9)

e Roosevelt decidiram, não sem desgosto, durante a conferência de Washington, realizada no verão de 1942, que a invasão do ocidente europeu deveria ser adiada até melhor oportunidade e que, portanto, seria estrategicamente mais seguro limpar, em primeiro lugar, o teatro de operações do Mediterrâneo e do Médio Oriente.

As divisões anglo-americanas disponíveis foram conduzidas da Grã-Bretanha para o Egipto, com a missão de reforçar o 8.º Exército e tornar possível o avanço de El Alamein a Tunis.

Porém, o estudo dos planos para a grande invasão prosseguia incessantemente, apenas com a diferença de estes já não constituírem uma simples diversão de auxílio aos russos, mas sim para gerarem a maior operação anfíbia da história.

Em princípios de 1943, os chefes aliados reunidos em Casablanca chegaram à conclusão de que se se quisesse que a invasão da parte ocidental do continente tivesse um máximo de probabilidades de êxito, não poderia realizar-se antes de 1944. E foi então decidido que, durante 1943, os exércitos anglo-americanos se ocupariam da frente do Mediterrâneo com a intenção principal de abater o poderio da Itália e provocar o seu colapso político-militar.

Com base na indicação de que o

desembarque na Europa se faria algum dia, indeterminado do ano de 1944, e na posse duma lista dos recursos prováveis, que estariam disponíveis nesse momento, foi nomeado um Estado-Maior anglo-americano, chefiado por um general britânico, que principiou a preparar os planos pormenorizados das futuras operações.

Estes foram, finalmente, aprovados por Churchill e Roosevelt, em Agosto do ano passado, durante a conferência de Quebec. Nessa mesma reunião, fixou-se até a data aproximada da operação e o Governo russo foi informado de tudo quanto se passara.

Em Janeiro, o general Eisenhower foi nomeado comandante supremo das Forças Expedicionárias Aliadas, e instalou-se, em Londres, com a fina-flor do seu Estado-Maior. Deram-se os últimos retoques e, mais uma vez, o plano foi revisto de ponta a ponta, para lubrificar convenientemente a complexa coordenação dos movimentos da aviação, exército e marinha numa operação de tal envergadura.

Faltava escolher o dia e a hora. Como todos já hoje sabem, estes dois factores estavam sujeitos a todos os adiantamentos da última hora. Finalmente, quatro anos e dois dias depois do Corpo Expedicionário Britânico ter sido escurraçado das praias de Dunquerque, de novo os soldados da Grã-Bretanha, acompanhados pelos seus camaradas dos Estados Unidos, num alarde de força até hoje quasi inconcebível e que muito os honra, desembarcaram precisamente na costa donde tinham sido expulsos pelo seu adversário.

JOSÉ CORREIA RIBEIRO
(Sobrinho)

P A P Y R U S

PAPYRUS — O melhor papel para escrever

PAPYRUS — O melhor papel para imprimir

PAPYRUS — O melhor papel para Títulos de Crédito

PAPYRUS — O melhor papel para Apólices, etc.

PAPYRUS — Os melhores livros comerciais

PAPYRUS — Os melhores sobrescritos

PAPYRUS — O melhor papel para cartas

À venda nas Papelarias e Tipografias

Depósito geral:

Amador A. Dominguez & C.ª (Filho)

Rua dos Correios, 70

LISBOA

End. telegráfico PAPIRO — Telefone 2 5854



FOTOGRAVURA
TIPOGRAFIA
OFFSET
LITOGRAFIA



Fornecedores
do Estado
Português

TRAV. DA CONDESSA DO RIO, 27
P. B. X. 2 13 68 - 2 12 27

EM TERRA, NO MAR OU NO AR

USE

RAILCO

LA CHAUX DE FONDS · SUISSE



MODELO Nº 338.294 - ESC. 450.00

MOSTRADOR LUMINOSO

RELOJOARIA

MAURY

RUA AUREA 202 - LISBOA

Outros modelos desde 300\$00

Composição / Mentolum 8 grs. - Methylum Salicylicum 8 grs.
Lanolinum Anhydricum 16 grs.



Dr. BENGUE, Farmacêutico de 1.ª classe
pela Faculdade de Paris

O mais antigo Analgésico
de resultados seguros

Um medicamento que deve existir em todas as casas.
Alívio rápido, após a primeira aplicação.

À venda em todas as farmácias do País. — Escudos: 15\$00

EI-LO!...

A história de duas figuras do atletismo mundial

O BOMBEIRO GUNTHER HAGG
O PROFESSOR ANNE ANDERSON

OS "INCRÍVEIS" 1.500 METROS!...

O atletismo é um dos desportos de mais popularidade na Suécia. Esta nação, de resto, é uma das primeiras entre todas, que dedicam um culto especial à cultura física.

Pátria de Ling, criador da chamada ginástica sueca, tem à frente dos seus destinos, um verdadeiro desportista, o rei Gustavo V, fervorosamente apaixonado do ténis, que ainda hoje pratica com assiduidade, não obstante os seus oitenta anos!

Quantos afeccionados do jogo da raqueta não recordam o famoso «Senhor G», que há poucos atrás tomava parte nos concursos internacionais de Nice, ocultando sob este pseudónimo a sua personalidade real?

Com um rei desportista não é de estranhar que os suecos sejam convictos praticantes dos desportos.

Os documentários cinematográficos dão-nos a miude provas elucidativas de como, entre o estrondo que ecoa pelo mundo, a Suécia, remanso privilegiado de paz, mantém o culto pelo desporto, criando e mantendo uma juventude forte e sã.

* * *

Dois corredores de «fundo» vieram trazer novos títulos de glória à Suécia. Dois campeões de excepção. Especialistas dos 1.500 e 5.000 metros. Gunther Hagg e Anne Anderson, conseguiram uns «tempos» de assombro, inferiores aos que os técnicos mais autorizados consideravam como limite das possibilidades do homem, correndo a pé.

Hagg é bombeiro em Goteborg. Revelou-se em 1942 nas pistas do clube dos bombeiros daquela cidade, melhorando, nesse ano, sete marcas mundiais.

Apreendeu e assimilou a técnica de correr de Anne Anderson, com o qual estabeleceu sólida amizade. E sucedeu, como tantas vezes no historial desportivo, que um belo dia o discípulo bateu o próprio professor.

Anne Anderson é professora de instrução primária, num distrito rural. Conta-lhe que os seus conhecimentos de anatomia e fisiologia, aplicados aos métodos de treino, o ajudaram a aperfeiçoar o seu estilo, levando-o a obter as marcas que os entendidos classificam de extraordinárias.

Em período áureo, Gunther Hagg foi convidado pelos norte-americanos para defrontar os melhores especialistas dos Estados Unidos.

A digressão do bombeiro no país dos arranha-céus, foi breve mas triunfal. Venceu os mais cotados nomes da América do Norte.

Entretanto, sem sair da Suécia, Anne Anderson, depois de uma meticolosa preparação, lograra bater a quase insuperável marca mundial dos 1.500 metros, pertença de Hagg.

Reacendeu-se a rivalidade entre o professor e o discípulo, dois grandes amigos. No momento em que escrevemos, ainda ignoramos o resultado da luta que ambos iam travar, logo que Gunther regressasse da América, luta essa que na Suécia se ia designar pela «corrida do século», o que significa esperar-se que o já fantástico tempo de 3 m. 45 s. e 2/10, nos 1.500 metros, seria ainda abalada!

* * *

Hagg e Anderson são dois rapazes joviais, delgados e fortes, com a es-

tampa característica dos grandes corredores de «fundo».

Não os embriagaram os triunfos. Num país como a Suécia, onde se observam rigorosamente as leis do amadorismo, Hagg e Anderson dividem o seu tempo pela prática dos desportos e as suas ocupações profissionais.

Um dia, um jornalista perguntou a Gunther Hagg em que ocasião havia corrido com mais gosto. Resposta:

— «Foi num dia em que, com a minha brigada de bombeiros, acudi a um incêndio num armazém, onde havia também enorme quantidade de pólvora, e de repente se deu a ordem de retirada por perigo iminente de explosão...»

Com idêntica franqueza, Anderson, explica o segredo dos seus êxitos desportivos:

— «Devo-os à minha mulher e à minha escola. Minha mulher preocupa-se com o método e disciplina da vida. Em solteiro, comia sempre a deshoras. Agora, minha mulher elabora cuidadosamente as refeições, dá-mas em quantidades precisas e à hora exacta. Por outro lado, procura que a vida me corra tranqüila, sem contratempos. A escola proporciona-me a paz espiritual e satisfação íntima, que me permitem descer à pista com um absoluto equilíbrio de nervos.»

* * *

Um bombeiro e um mestre escola chamam a atenção dos desportistas de todo o mundo para a Suécia, país onde o desporto atingiu tão elevada posição que nem nestes tempos de guerra, tão pródigos em notícias sensacionais, se conseguiu desterrar o velho hábito dos jornais mais importantes, dedicarem exclusivamente aos desportos as primeiras páginas das suas edições de segunda-feira, com absoluta preferência sobre qualquer notícia de transcendência que diga respeito ao conflito que assola a Europa!...

DAQUI E DALI

UM jornal de Vila Real de Trás-os-Montes, «Ordem Novas», apreciando o resultado do jogo do clube da terra com o Estoril-Praia, na «final» do Nacional da II Divisão, afirma que com um ambiente mais favorável, os vilarealenses teriam ganho!...

Diremos, como nas revistas: boa piada!... Não se teriam os transmontanos apercebido de que a hostilidade toda, convergia para o Estoril Praia? Sobre essa hostilidade, já pusemos até a nossa opinião no penúltimo número. Ambiente ainda mais favorável? Confessamos a nossa incompreensão.

* * *

...Todavia, talvez «Ordem Novas» não chegue bem a saber o que quer!...

É certo que as leis actuais que regem o desporto, especialmente o futebol, não permitem aos clubes os «sonhos» de antigamente, quando se aproximava o fecho das temporadas. No período de defeso, faziam-se as «combinações» todas com os nomes a adquirir. E no começo da nova época, os «recrutados», alguns, atíds, com a «escola» toda, apareciam envergando cores diferentes.

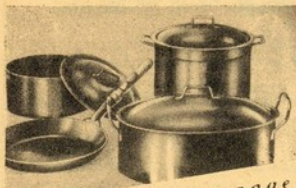
Apesar dos obstáculos de agora, quis que podemos garantir uma ou duas surpresas sensacionais, para a futura temporada!...

MODÉLOS

Gaby
COUTURIER

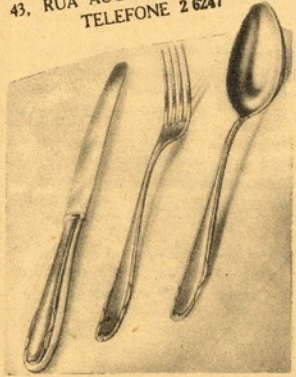
RUA BRAAMCAMP, 6, R/C. D.
TELEF. 4 9735 — LISBOA

PÁGINA DAS UTILIDADES



Artigos para menage
**CUTELARIA
e UTILIDADES**

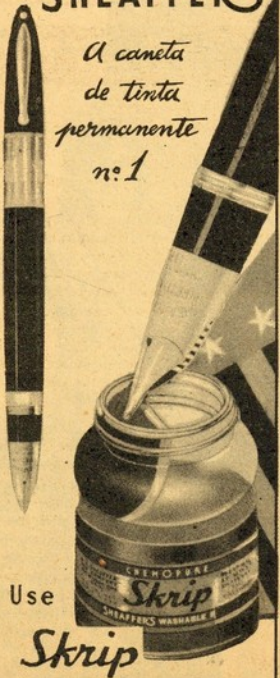
Horácio Alves, L.^{da}
43, RUA AUGUSTA, 51 — LISBOA
TELEFONE 2 6247



Preferiam

SHEAFFER'S

A caneta
de tinta
permanente
n.º 1



Use

Skrip

O SUCESSOR DA TINTA

Todas as vantagens
de qualidade e preço



Foto Central

Cópias e ampliações perfeitas
Record de rapidez (em 5 horas)

MATERIAL FOTOGRÁFICO IMPECÁVEL
RUA DA PALMA, 37 — LISBOA
TELEFONE 23716

**Carrinhos e cadeiras
para bebés**

Elegantes e económicos



A pronto e com facilidades
de pagamento

J. Costa & Silva, L.^{da}
RUA ARCO BANDEIRA, 79-1.º
LISBOA — TELEFONE 2 6713



**SEDA LIQUIDA
DE "NOSEL"**

Um penteado mo-
derno e elegante com
o cabelo brilhante,
bem ondulado e de
fixação perfeita.

NOSEL, LD.^s, Calç. de Santos, 9
LISBOA
TELEF. 60092



MOBILIAS
ESTOFOS
DECORAÇÕES



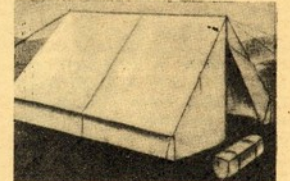
PARA UMA DECORAÇÃO DE BOM GÓSTO
CONSULTE JOAL
AV. ALMIRANTE REIS, 233-B, r/c. e 1.º andar
(ob. Arieiro)
TELEFONE 4 4033 — LISBOA



Tudo para um belo lar
no **LARBELO**

195, RUA DA PRATA, 197 — LISBOA

O CAMPISMO É SAÚDE
E ALEGRIA



TENDAS E TUDO PARA
CAMPISMO

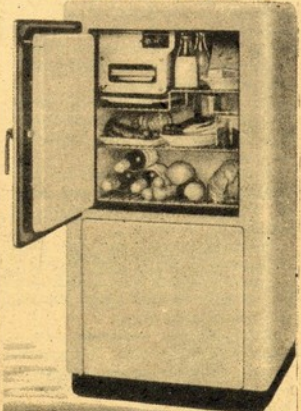
VIEIRA CAMPOS

(ANTIGA CASA FIGUEIREDO)

215 — RUA DA PRATA — 217
TELEFONE 27606

Frigoríficos Domésticos

Therma



CASA CAPUCHO

121, RUA S. PAULO, 139 — LISBOA
139, R. MOUSINHO DA SILVEIRA, 103 — PORTO

Antes de fazer as suas compras consulte esta página



Os «excêntricos do ritmo» vão reorganizar-se Por causa dos casamentos desfez-se um grupo radiofónico...

QUEM não se lembra dos «Excêntricos do Ritmo», esse grupo radiofónico que trouxe novos ritmos à nossa rádio? Constituiu-se em 1939, por meia dúzia de rapazes estudantes, o Aleixo Fernandes, o Fernando Freitas da Silva, o Francisco Próspero dos Santos e o Nerenio Fernandes. Estavam cheios de entusiasmo e de projectos. Porém, faltava uma coisa: dinheiro para adquirir os instrumentos. Não conhecem o ditado que diz que a «graxa do estudante é o cuspo»? Foi isso, mais ou menos, o que eles fizeram. Não tinham dinheiro, ninguém flava. Pois bem: toca a inventar os instrumentos. Um deles, descobriu na cozinha duas aças de lenha, bateu uma na outra, produzindo um som esplêndido para as rumbas. Af estava o primeiro instrumento. Depois, passa à dispensa, esvazia um côco, enche-o de arroz e consegue nada menos do que uma «maraca».

Outro membro do grupo, arma uma viola em guitarra hawaiana. Outro, remexe na cozinha, para trás, para diante, experimenta as janelas, à procura de um som «possível», até que topa, por fim, com um espanador-escova que vai servir, à maravilha, de «vassoura de jazz».

Por seu lado, Aleixo Fernandes inventa o «contra-baixo-excêntrico», que havia de se tornar célebre na Emissora Nacional, e que não passava de um simples e corriqueiro tambor a bater numa caixa de ressonância.

E pronto: nascia os «Excêntricos do Ritmo» que, nessa altura, se chamava «Grupo Americano». A sua estreia fez-se numa noite primaveril desse ano de 1939, nos microfones da Emissora Nacional.

Mas pode-se dizer que foi Nuno Gonçalves quem descobriu e divulgou o grupo, juntando a ele e trazendo para o seu seio Júlio Gonçal-

ves e Herculano de Almeida. O segundo espectáculo, o primeiro com o nome de «Excêntricos do Ritmo», realizou-se no Teatro da Trindade, integrado no programa de variedades da E. N.

Mas os «Excêntricos do Ritmo» teve o seu momento histórico quando Nerenio Fernandes apresentou ao grupo uma rapariga que disse chamar-se Maria da Graça e gostar de cantar «sambas». Ouviram-na. Na verdade, essa menina bonita tinha uma voz de encanto e deliciou todos os que a escutaram. Estreou-se numa data que não mais esquece: 5 de Janeiro de 1940.

Mas os êxitos dos «Excêntricos do Ritmo» não ficaram por aqui. Apareceu, também, um outro novo, Curado Ribeiro, que havia de ser, depois, galã do cinema nacional. E lançou ainda Miss Nazie ou seja Maralzinha de Oliveira, irmã de Maria Paula, cantora de música norte-americana.

Os «Excêntricos do Ritmo» tornaram-se conhecidos. De toda a parte vinham convites, pedidos para colaborar em festas. E tudo foi muito bem até que... Já repararam que, no nosso país, os casamentos são contrários às manifestações artísticas? Cantam, tocam, dançam — mas aparece um marido e, «záz!», passa tudo à categoria de «doméstico».

Com os «Excêntricos do Ritmo» aconteceu o mesmo. Um dia casou um, mais tarde outro, depois outro ainda e, por fim, o grupo ficou tão desfalcado que teve de suspender as suas emissões. Tal foi a história triste dos «Excêntricos do Ritmo» que se desfez por culpa dos casamentos...

Agora, porém, chega-nos a notícia de que o grupo se vai reorganizar. Um dos componentes dos «Excêntricos» está diante do repórter.

— Que pensam fazer?
— Começar de novo! — é a res-

E já na próxima segunda-feira, 19, à noite, que se realiza no S. Luiz a nossa grande festa de arte

Um notável filme e uma grande parada de artistas

E' já na próxima segunda-feira, dia 19, à noite, que se realiza no elegante cinema S. Luiz a anunciada festa de arte de «Vida Mundial Ilustrada». Espectáculo variado de cinema e de variedades, deverá constituir o que poderá desde já chamar-se um grande espectáculo. Corresponderá assim à grande expectativa e ao grande interesse com que está sendo esperado pelo público.

Era nosso desejo e nossa intenção publicar neste número o seu programa. Como, porém, êste ainda não está definitivamente organizado, só será publicado, com todo o desenvolvimento, nos jornais diários de Lisboa, de domingo próximo.

Podemos, no entanto, informar os nossos leitores que o nosso espectáculo constará de duas partes: será exibido um grande filme, dos mais grandiosos que o cinema americano tem produzido até hoje: «Maria Antonieta», uma espantosa criação da lindíssima Norma Shearer, e uma das mais notáveis produções da Metro-Goldwyn-Mayer.

A parte de «music-hall» será constituída por uma verdadeira parada dos nossos mais distintos artistas da rádio, do teatro e do cinema. Cada um deles apresentará uma das suas criações mais populares.

Duas grandes orquestras abri-

lhantarão o espectáculo: uma delas será a magnífica orquestra Sousa Pinto.

Durante um dos intervalos será feito, como temos anunciado, o sorteio dos prémios do nosso concurso «Qual a vedeta mais popular da nossa rádio?». Esse sorteio será feito na presença de todo o público, e a êle convidamos a assistir todos os que votaram nos seis premiados do concurso e de entre os quais devem sair os contemplados com os nossos valiosos prémios.

Este grande espectáculo — que vai resultar, queremos crer, um dos grandes acontecimentos de Lisboa — é realizado com a valiosa colaboração da Caixa de Previdência dos Profissionais da Imprensa, para cujo fundo de assistência reverterá a receita líquida desta festa. Terá assim não só o interesse de uma grande manifestação de arte como um simpático objectivo de assistência social.

Os bilhetes para o espectáculo do S. Luiz encontram-se à venda, desde hoje, na bilheteira deste cinema. Como a procura de bilhetes é grande, sendo já bastantes as marcações pedidas, aconselhamos o público a adquiri-los quanto antes.

Qualquer informações poderão ser pedidas para «Vida Mundial Ilustrada», Rua da Emenda, 69, 2.º, telefone 25844.

posta entusiasta. — Temos isto no sangue!

— Com os mesmos elementos?

— Com quasi todos. Mas temos uma grande revelação... segredo, por enquanto...

Pensam exhibir-se nos princípios de Outubro, na E. N. Agora estão a gravar discos.

— E o género, é o mesmo? — pergunta o repórter.

— Elc responde com um sorriso: — Evoluímos um bocadinho. O contra-baixo é a sério e as guitarras hawaianas e a viola serão eléctricas.

Al está a notícia. E cá ficamos à espera da primeira emissão, em segunda série, dos «Excêntricos do Ritmo»...

REPORTER UM

Á ESCUTA

SERIA PUBLICIDADE?

O Rádio Peninsular transmitiu, há dias, uma secção chamada «Impressões de Teatro». Ao que parece, pretendia-se fazer uma crítica teatral, ou coisa que o valha, a uma peça em cena, mas resultou, apenas, um comprimido e estafado réclame à mesma peça. E o pior é que talvez não tivesse sido essa a intenção. Mas quere-nos parecer que «críticas» e «impressões» sobre qualquer actividade, seja artística ou não, devem ser feitas, exclusivamente, por pessoas entendidas, que não confundem a sua opinião com o desejo de ser gentil ou de ficar bem.

CONTINUA...

Temos falado, nesta tão atacada secção, e tornaremos a falar, insistindo, repizando, na necessidade de «experimentar» os discos antes de os mandar para o ar. Desta vez, foi a própria E. N., que, nisto, como em tudo, devia marcar como exemplo. Mas o disco lá estava, «impróprio para consumos». Tão impróprio que não passava do mesmo sítio — até que o resolveram trocar por outro...

VOZES A MAIS...

Acontece, às vezes, estar-se a ouvir um pôste qualquer e simultaneamente com a música escuta-se mais qualquer coisa: vazes, no estúdio, entretidas em amena cavaqueira. Não poderiam ter mais cuidado e evitar essas pequenas-grandes coisas que ficam tão mal?...



PERGAMINHOS

(Continuação da página 32)

serável das espôsas, para ser a mais amorosa das «amoreuses»...

— Meu Deus, Maria Isaura! Repara no que estás a dizer. Tu és casada, não o esqueças...

Há exaltação nas suas palavras. Há lágrimas nos seus olhos, lágrimas na sua voz, lágrimas ardentes, soluços mal contidos de revolta, de desespero!

— Sim, casada com um marido que não escolhi, com um marido que é nobre e rico. Está cumprida a vontade da família. Mas vai sendo tempo de eu procurar ser feliz, vai sendo tempo de eu fazer também a minha vontade. Eu que podia hoje ser a sua mulher; eu que vivia só para ele, que ainda hoje vivo só para ele. Eu que teria sido uma espôsa exemplar...

— Maria Isaura, não des o mau passo. Isso seria o pior caminho que trilhasses. Tenta conseguir que ele case contigo, depois de te divorciares. Ainda podes ser feliz, honestamente.

E ela pondera então, num olhar feito de desalento, vergada ao péso da fatalidade:

— Não, Lena. Eu já não posso ser feliz honestamente...

E depois, num arrebatamento:

— Mas hei-de ser feliz de qualquer maneira.

— Ah! pobre Maria Isaura! Como tu podias ter sido feliz! Como tu o terias feito feliz! O que tu eras, o que tu és!

— Tens razão! Despedaçaram-me a vida inteira e amanhã, quando me virem passar, hão-de apontar-me a dedo

e não deixará de haver quem não queira olhar-me com medo de córa! Lena, vai ver-me muitas vezes para que possamos falar d'êlo, imaginar o que a minha vida podia ter sido, se eles tivessem deixado. Leva os teus filhos para que eu os possa conhecer. Disseste-me que tinhas uma filha. Ouve, Lena, nunca a contraries quando ela pensar casar. Aconselha-a! E esse o teu dever de mãe. Se de facto a sua escolha te parecer desastrosa, tenta fazer-lhe ver os inconvenientes do seu acto, mas como amiga, como aliada! Sobretudo, nunca a obrigues a abandonar a pessoa de quem ela gostar. Depois de a teres aconselhado, deixa-a seguir o seu caminho. Ela tornar-se-á responsável pelo seu próprio futuro. Se fôr feliz, terá que agradecer-te sempre, quanto mais não seja porque lhe deste a vida; se fôr infeliz, muito infeliz, será ela e só ela a obreira da sua própria fatalidade. Adeus, Lena! E espero que até breve.

A Maria Isaura seguiu Chiado abaixo e desapareceu perdida na multidão, e eu fiquei perguntando a mim própria porque é que os homens hão-de compreender que todos têm o direito de ser felizes, quando é que hão-de acabar com essas desigualdades hierárquicas se todos são iguais, quando é que finalmente se lembrarão de inventar uma lei que os possa beneficiar, em vez de lhes complicar a vida, para acabar com esses dramas que já não são do nosso tempo, mas que ainda encontramos a cada passo...

Os Stichinis em Portugal **SABE ALGUMA COISA DE CINEMA?**

(Continuação da pág. 8)

Infelizmente, Chianca ficou no Brasil para sempre e Stichini acabou por deitar as barbas abaixo, para não se resignar a um sebastianismo forçado...

Entretanto, a vida continua. Para Chianca e para Stichini—mas para este pior, forçado ou não forçado ao trabalho inglês de governar a vida...

* * *

Entretanto, Ilda Stichini, tinha-se imposto pelo seu talento à admiração da crítica e do público lisboeta, enfileirando no primeiro plano dos nossos melhores artistas de teatro. E embora afastada do nosso meio artístico—ela está nos Estados Unidos—pode considerar-se ainda uma das nossas primeiras artistas.

Além de Ilda, suas irmãs Dinah e Lubélia deram também ao teatro a sua valiosa colaboração, a primeira como actriz de declamação e a segunda como artista coreográfica, por ventura uma das melhores que tem aparecido nos nossos palcos.

Embora retiradas da cena e recolhidas tranquilidade dos seus lares, é justo destacar os seus nomes, por terem mantido durante alguns anos a chama artística dos seus antepassados.

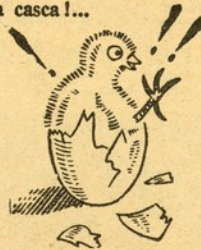
E. M. M.

(Continuação da página 28)

Elas a solução das perguntas formuladas na nossa página de cinema:

- 1—Canadá.
- 2—Cantor da rádio. Fazia parte da Orquestra de Tommy Dorsey.
- 3—Brigitte Helm.
- 4—Na Alemanha («Barcarola»).
- 5—Dolores del Río.
- 6—Charles Laughton.
- 7—Charles Chaplin.
- 8—Larry Semon.
- 9—Ramon Novarro.
- 10—Abel Gance.

Suja-se o fato mal se sai da casca!...



Mas não faz mal porque o

CASULO Limpa-Fatos

elimina com perfeição o LUSTRO, as NÓDOAS, o MAU CHEIRO e TORNA OS FATOS COMO NOVOS E MAIS DURÁVEIS.

Uma fórmula inimitável de 6 substâncias químicas inofensivas que só custa 2\$00.

Em todas as drogeries

REVENDA:

SCHROETER & ALMEIDA

Rua da Madalena, 128, 2.ª — LISBOA

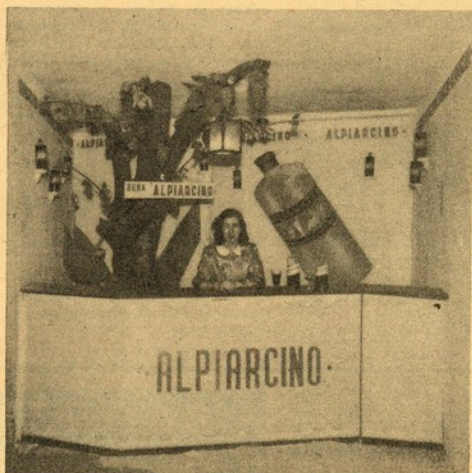


VISITE

M OS MELHORES



«Stand» da RECONSTRUTORA METALURGICA, LIMITEDA
Rua Palmira, 35-B — LISBOA



«Stand» ALPIARCINO
«ALPIARCINO, A BEBIDA AGRADÁVEL E PREFERIDA
Produto natural com sumo dos melhores uvas de Alpiarça e finos aromas de frutos.»

STANDS DA

FEIRA POPULAR



«Stand» da VULCANIZADORA DE COIMBRA, de José Custódio Gomes



Os nossos inquéritos semanais

6.º Inquérito: Os filhos no lar!...

Série B

CONTINUAM a chegar à redacção, mais respostas ao nosso 6.º inquérito. Seguem as cinco escolhidas para a série B.

«Acho que uma família normal deve ter, pelo menos, 3 filhos. Toda a família onde não houver 2 filhos para substituir o pai e a mãe e um terceiro para as faltas é uma família que contribue para a despoção do País.

Um ponto há em que os esposos devem respeitar religiosamente o plano de Deus: Uma vez posto o acto criador da vida, nada, absolutamente nada, permite atentar contra a existência do ser vivo em germe; é preciso deixar a natureza seguir o seu curso.

Por isso, não sou de opinião do filho único, pois acho quâsi impossível que toda a mulher só, só possa dar ao mundo um só filho e sendo assim, toda aquela que evitar ter mais que um, pode-se-lhe chamar sem medo, mãe homicida.

MARIA HELENA — Coimbra

«Um casal em boas condições económicas, devia ter muitos filhos. Nada mais encantador que uma família numerosa num lar onde reina a harmonia e... a abundância — razão fundamental da vida.

Um filho único não pode ser educado nos princípios da solidariedade e fraternidade dentro do lar, como o seriam dois ou mais. Ele será o lídimo representante do egoísmo dos pais.

E, se a implacável morte no-lo roubasse quem nos consolaria da sua perda? (Que o coração das mães dá-se inteiro a cada um dos filhos e, quando um deles morre...).

Mas, um filho único, só por infelicidade.

MARIA DOS TOJOS — Espinho

«Um lar sem crianças, não pode ser feliz; falta nêle qualquer coisa que é vida, inquietação e ansiosa esperança — o sorriso infantil!

As crianças, são mercês sublimes que Deus concede aos mortais, são

portanto mercês que devemos aceitar reconhecidamente, que devemos acarinhá-las com o melhor da nossa ternura e da nossa inteligência, num inquebrantável desejo de bem formar as pequeninas almas que nos foram confiadas.

Eu creio que qualquer mãe se sentirá venturosa com uma ninhada nessas avezitas inocentes, que mais tarde serão a força e talvez a glória da Pátria e da Família. Um filho apenas, é ténue esperança... pois é tão frequente Deus chamar a si as criancinhas! No Céu devem fazer muita falta Anjos que supliquem Paz para as almas revoltas dos que se martirizam na terra!...

MARIA-ROSA

«Os filhos são seres indispensáveis num lar, onde a alegria reina. São êles que, com os seus risos infantis, afugentam para bem longe a monotonia quotidiana. Assim, um casal não deve ter um filho único. Pelo menos devem ser dois, os filhos; pois se o primeiro for, causa de desgostos, os pais esperam sempre que o segundo os compense dando-lhes maiores alegrias. E se por fatalidade o Destino lhes roubar um dos seus tesouros, a dor desses pais será em parte atenuada se tiverem um outro filho a quem possam dedicar os seus corações magoados».

MI-FA

«As crianças são a alegria de um lar. Elas têm uma influência extraordinária na vida de um casal. Tem-se visto frequentíssimos casos em que, um grande desgosto, uma terrível desluzida ou um gravíssimo revés de fortuna, alteram de tal modo o aspecto pessoal de um casal que só a ternura dos filhos consegue apagar e levar para o esquecimento.

Se cada casal — de nível de vida regular — tivesse quatro filhos, seria fácil ao homem, dar beleza, equilíbrio e serenidade ao mundo, em vez da desolação em que o mergulham; dos maus pensamentos, ladrões de toda a alegria e saltadores da felicidade humana.

E DELWEISE — Porto.

PAGINA FEMININA

SEGREDOS DA ALMA INFANTIL!



E' ainda um problema de difícil solução o desvendar os segredos da alma duma criança. Porém, vários nomes consagrados têm já feito curiosos estudos — como Gross, Spencer, Hall, Pestalozzi, Freud e outros. As conclusões a que chegaram são interessantíssimas. E dessas conclusões, surge uma afirmação dum discípulo de Freud que vem contrariar o parecer de muitos pais: «Sempre que seja possível, deve-se satisfazer o desejo da criança na compra de determinado brinquedo.

Para os pequeninos é bem diferente do nosso. Vivem num país encantado de surpresas e coisas lindas!

Um das vezes, é o pai que lhes mostra um objecto insignificante — não o vá êle partir — e lhe diz com ar convencido: «repara, que bonito, hein? Pega-lhe, brinca, é tão lindo, não achas?». E a criança, vivendo como vive, nesse mundo de maravilhas, olha o objecto insignificante e vê-o tão lindo, tão belo, tão diferente, como a voz do pai queria que êle visse! Noutros casos, é a mãe que lhe diz: «Olha o que estás fazendo à boneca coitadinha, não lhe faças mal, depois ela chora!...». E a criança olha-a constrangida, como se na realidade tivesse feito sofrer a boneca que tem nas mãos e acaricia-a por fim.

Daí, o mundo irreal em que vivem as crianças. Sem ambições? Decerto, não. Não há mundo sem ambições. E no delas, nesse mundo visto pelas crianças, são os brinquedos as mais belas ambições! Nada mais desejam!

Mas, uma vez, é aquele carrinho de lata, outro o burrinho de pasta, outras ainda a boneca de lindos caracóis alourados, dormindo na caixa de papelão!... Como elas desejam aqueles bonitos que as fascinaram! Como elas os desejam! E imaginem o grande contentamento se êsse desejo se transforma em realidade! Imaginem, leitoras amigas, por vós próprias. Dentro do vosso mundo, suponham que um dia sentiam um enorme desejo de possuir uma bonita vivenda, um bom automóvel, uma boa biblioteca, enfim, de fazer uma grande viagem, qualquer coisa que, de facto, muito as entusiasmasse. Comunicavam o vosso desejo e — como por encanto — viam-no realizado! Que bom, não era? Que felicidade! Pois a vivenda, o automóvel, a viagem, a biblioteca ambicionadas por vós, para os vossos bebés não são mais do que o cavalinho de pau, a boneca de porcelana, o automóvel de lata! Eis as suas grandes ambições, os seus ardentes desejos, o segredo do seu contentamento! Mas tendo cuidado, de facto, com o automóvelzinho que o bebé ambicionou e não outro, mesmo que seja mais bonito!

Digo isto, porque me lembro dum caso passado comigo própria. Era então pequenina, tinha talvez uns cinco anos. Um dia fui passear à Baixa — e lembro-me tão bem dêsse dia!... Tenho mesmo a impressão de que me lembrarei sempre!... Passeava aborrecida, indiferente, perguntando de vez em quando porque andava a mamã com tantos embrulhos dum lado para o outro não iam para casa. De repente, olhei para uma porta. A minha atenção prendeu-se imediatamente ali. Maravilha! Brinquedos, muitos brinquedos! Fiz força com a mão e arrastei comigo a minha mãe para ver melhor todos aqueles bonitos. E logo à entrada da loja fui descobrir — sabem o quê? Ainda hoje sorrio ao recordar-me — um carro do lixo, todo em madeira, com uma campainha e puxado por um pobre cavalito de papelão.

Pronto! Fiquei rendida. Para mim, todos os outros brinquedos ficaram ofuscados. Só aquele existia, só aquele!...

A minha mãe zangou-se: «Agora não pode ser, filha. Outro dia! Aquilo não presta, é feio! A mamã dá-te outra coisa mais bonita».

Eu choraminguei e não tive outro remédio se não ir-me embora. Passados dias, porém, encontrei com surpresa o bonito que a minha mãe prometera em troca: uma linda boneca com pestanas, cabelos, faces rosadas e um grande chapéu de palha. Era linda aquela boneca, mas... intimamente, enquanto a olhava, pensava com tristeza no pobre carro do lixo e no seu cavalinho cinzentão!...

Passaram-se anos. Um dia — já andava no liceu — alguém de família presenteou a minha irmã, mãe nova sete anos. E sabem com quê? Com um carro de madeira — o célebre carro do lixo e o seu pobre cavalinho! Tinha, então, treze anos! Treze anos! Uma mulherzinha! Pois dei-me todos sinceramente admirados quando me atreli ao brinquedo numa alegria louca, como se tivesse encontrado alguém a quem muito quisesse e não visse há muito tempo!

E o brinquedo da minha irmã, passou a ser meu. E, facto curioso — quando há poucos anos fui visitar o Algarve, ao ver inesperadamente um daqueles carros de lixo usado na provincia, não pude deixar de me sensibilizar. — Ali estava em ponto grande o brinquedo que tanto ambicionara nos meus tempos de menina!

Estou certa de que Freud ou o seu aplicado discípulo explicaria isto muito bem. Para mim, continua a ser um dos grandes segredos da alma infantil!

MARIALIA

A RECEITA DA SEMANA

DADOS DE AMENDOAS

PISAM-SE cinquenta gramas de amendoas torradas e juntam-se-lhes um côco de rum, cento e vinte e cinco gramas de açúcar e quatro ovos. Amassa-se tudo e junta-se mais cem gramas de farinha — preferência trigo — e setenta e cinco gramas de manteiga derretida. Leva-se a mistura ao fogo lento e bate-se com um batedor. Quando a massa estiver bem batida e cozida, forra-se um tabuleiro com manteiga, polvilha-se com amendoas torradas e molda à máquina, despeja-se nêle a massa e leva-se ao forno brando a alourar, durante meia hora. Depois de pronta tira-se do forno, deixa-se esfriar, corta-se em quadradinhos que se passam em «glacé» colorido e depois de secos dispõem-se em pirâmide num prato de cristal.

PRODUTOS DE BELEZA

Rainha da Hungria

O ENCANTO NATURAL DA MULHER QUE QUERE CONSERVAR A SUA BELEZA!

3 ETAPAS NA VIDA DE UMA MULHER!



AOS TRES ANOS...



AOS 13 ANOS...



AOS 23 ANOS...

LITERATURA

A literatura, laço de compreensão entre os povos

A CABAMOS de ler num jornal de Argel, um curioso artigo, transcrito do «Jornal Egípcio», que se intitula: «O Egípto reclama livros franceses».

Como se sabe, os livros escritos em francês formam, por assim dizer, a base da cultura universal: são os compêndios de matemática e ciências positivas, são os tratados de Filosofia e Direito, são os compêndios de literatura comparada — é todo um mundo de ciência e arte, porque um povo nunca pôde considerar-se culto, desde que na sua cultura não entrasse o método divulgado ou introduzido pelo idioma de Voltaire.

Pois, esta guerra estúpida — assim a consideram todos, beligerantes e não beligerantes — levantou um terrível e insuperável obstáculo à importação de livros franceses, destinadas às nossas Universidades e es-

A gracinha da senhora condessa

EM 1844, quando Balzac, que tinha 47 anos, passava encostado à sua bengala. De repente, começa a cair uma chuva diluviana e o escritor vai abrigar-se no vão de uma porta. Mas Balzac fica muito admirado: uma cortina, no mesmo prédio, mas num ângulo fronteiro, ergue-se de repente e uma fina mão de mulher bonita sorri-lhe deliciosamente. Daí a pouco, aparece uma «soubrette» que lhe leva um guarda-chuva «da parte da senhora condessa».

Balzac fica muito sensibilizado, agradece, retira-se e, no dia seguinte, sente-se na obrigação de devolver o guarda-chuva que fora objecto de delicadeza da senhora condessa. O escritor é conduzido a um salão elegante. Agradece e manda perguntar por escrito se, depois daquela deliciosa circunstância, não terá a honra de ser apresentado à senhora condessa. Mas esta responde-lhe apenas: «Não, senhor. Mandei-lhe o guarda-chuva porque esperava uma pessoa das minhas relações e não queria que a vissem entrar. Enviando-lhe o guarda-chuva, obriguel-o a ir-se embora e, portanto, a deixar livre a passagem da pessoa que eu esperava».

Balzac compôs o seu melhor sorriso, curvou-se diante do emissário que o acompanhou à porta e foi-se embora a mastigar a gracinha da senhora condessa...

colas de ensino secundário. E, como nós, e em relação aos livros franceses, queixam-se outros, em relação, até, a outros povos. Assim, por exemplo, o Egípto — e não nos esqueçamos da sua posição favorável, em relação aos Aliados — não recebe livros franceses — o mesmo não se podendo dizer das obras inglesas que ele está em condições de fornecer até aos países vizinhos. Não obstante existirem ali bons e numerosos jornais escritos em francês — desses muitos que divulgaram ao país a cultura universal da França e os puseram em contacto com o Mundo, sem deixar de os ajudar na preservação de direitos, no xadrez da política internacional — a verdade é que o Egípto se queixa da falta de livros franceses. E, a propósito, os jornais do Norte de África queixam-se de que Sainte-Beuve, Taine e Descartes não estão ainda traduzidos em árabe, como melhor medida de difusão da cultura francesa. Sugere-se, por outro lado, que seja desde já solicitada das entidades anglo-americanas autorização para serem editados livros franceses, tal qual estão a ser editados os ingleses.

Na verdade, não há cultura que possa prescindir da palavra dos sábios franceses, dos seus poetas e dos seus estetas.

A Inglaterra e a América podem ser portadoras das mais belas, generosas e inteligentes mensagens para os povos intelectuais do mundo. Mas a França, quando não pudesse ser mais nada — continuaria a ser uma cultura viva para os povos de todo o mundo e, em especial, do mundo latino...

De qualquer modo, porém — e disto é que não há dúvida — a literatura é o grande laço de compreensão entre os povos. Só é pena que nem todos assim o compreendam. E aqui estamos nós, com um Império, uma cultura e um idioma riquíssimos, às voltas — sem nos lembrarmos de que temos províncias ultramarinhas, pelas quais precisamos de lutar. De que modo, como e quando?

A resposta seria tão complexa pelo mesmo, como o problema de que não deve andar desligada a actividade do autor e do editor...



O MELHOR *Caton*

RAPIDE
CREME DE BARBEAR

SEM PINCEL
E
SEM SABÃO

Porquê?!

Esta interrogação confunde muita gente quando não se encontra resposta plausível e imediata.

Porém se lhe perguntarem porque é preferível comprar tudo a prestações na casa Pinheiro Lopes, L.ª, da Rua do Crucifixo, 31, encontra facilmente a justificação a dar e que se baseia no seguinte: Porque é uma casa especializada há 16 anos e com provas prestadas;

Porque na sua sede, na Rua do Crucifixo, 31 (telef. 21442), possui grande variedade de artigos de utilidade e vestuário, adquiridos nas fábricas;

Porque na sua sucursal HELVECIA, na rua dos Fanqueiros, 164 (telef. 25768) mantém grande sortido de jóias, ouro, pratas, carrilhões, pêndulas, despertadores e relógios, sendo importadores directos dos excelentes relógios «Optima» e «Diamantino» de fabricação suíça;

Porque na sua sucursal DANDY, na rua do Telhol, n.º 74-C — 74-D, se encontra o mais completo «stock» de sapatos de homem, senhora e criança, para venda aos preços da tabela oficial, assim como chapéus de homem, guarda-chuvas e sombrinhas e também camisas, cuecas, pijamas e gravatas.

Faça a sua vilegiatura, sortindo-se devidamente nas melhores condições em Pinheiro Lopes, L.ª.

Porque esta casa conserva o firme propósito de servir bem os seus estimados clientes e mantém o seu lema de «Res, non verba». TUDO A PRESTAÇÕES — Rua do Crucifixo, 31.

A BOLSA DO LIVRO

Praça de D. João da Câmara, 4-4.º
LISBOA TEL. 2 8470

compra, vende troca,
empréstimo e leilão
livros em todo o país.

Informações bio-bibliográficas, etc.

Única organização
no seu género



Sob o signo da precisão

ULTRA MODERNO
com grossos cordões
de seda

LONGINES

REGISTERED

AJA
DENTAL
CREAM

A pasta dentífrica

AJA

recomenda-se

*pela sua esmerada
preparação e pelas suas
propriedades antisépticas*



OUVIR UM *Luxor*
é um sonho!

Casa José Costa ~ Rádio Luz
Rua de S. Paulo 11-13 — Lisboa Tel. 2 4888

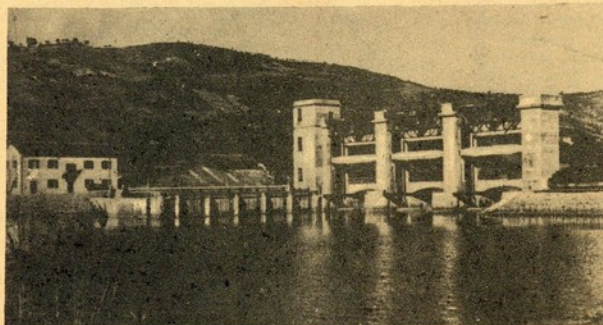
NOTAS DE GUERRA



Desde a queda de Roma, que o Príncipe Humberto é o rei de Itália. Seu pai, o rei Victor Manuel, cumpriu a palavra dada. Aqui vemos o novo monarca, numa das suas mais recentes fotografias, conversando com elementos civis italianos, nas vésperas da queda de Roma que o faria rei.



O dr. Goebbels tem agora na sua frente todo o panorama da grande responsabilidade que pesa sobre os trabalhadores do Reich. Mais do que nunca, as forças morais e materiais têm que estar alertas neste momento supremo em que a Alemanha joga tudo por tudo. A foto dá-nos aquêl ministro do Reich, quando há pouco convocou os chefes da Frente Alemã do Trabalho.



Este é o pórtio de Pescara, um dos mais imediatos objectivos dos Aliados em Itália. Depois da queda de Roma, Pescara, naturalmente, tornou-se muito mais acessível às forças do 5.º e do 8.º exércitos. Nada nos surpreenderá, portanto, se quando esta foto aparecer em público, a grande cidade do mar Adriático estiver na posse dos Aliados.

FIGURA DA VIDA MUNDIAL



MAJOR-GENERAL OMAR BRADLEY — Quando o general Patton foi desviado do comando das operações no Norte de África, os Estados Unidos designaram para o substituir o major-general Bradley, especializado em táctica de artilharia e infantaria. Aí, no Norte de África, Bradley cobriu-se de glória e, à medida que ia impelindo as tropas do Eixo para o Mediterrâneo, construía, ao mesmo tempo, o caminho que o levaria a Londres, como um dos comandantes das forças invasoras. Hoje, o nome, a acção e as idéias de Bradley estão ao serviço das Nações Unidas na Europa, pois é ele quem comanda, presentemente, as unidades terrestres. De Bradley vão, por certo, os jornais falar muito. Chamar o seu nome para esta galeria de figuras internacionais é, portanto, de toda a actualidade.

(Caricatura de SANTANA)

HISTÓRIA DA NOVA GUERRA MUNDIAL

* por Carlos Ferrão *

Capítulo XXV - A campanha africana



O major-general Klopfer que tinha à sua responsabilidade a defesa de Tobruk.

A QUEDA DE TOBRUK

A Luftwffe intensificou os seus ataques às forças britânicas, em retiro e às posições britânicas, o que era sinal evidente de que Rommel se propunha explorar a sua vitória até às últimas conseqüências. No dia 17 de Junho, o general Ritchie tinha conseguido fazer retirar o grosso das forças do seu comando para leste de Tobruk, deixando nesta cidade uma guarnição que se considerava suficientemente forte para repetir a manobra realizada por Wawell em 1941.

A decisão de defender Tobruk e de fazer desta praça forte o pilar da resistência britânica, no curso futuro das operações, era transparente. Dentro da cidade haviam sido concentrados efectivos que totalizavam algumas dezenas de milhares de homens. As obras defensivas haviam sido adaptadas às novas exigências da luta no deserto e poderosamente reforçadas. Um grande combóio, cuja viagem se não pudera completar sem sacrifícios apreciáveis, tinha descarregado, há pouco, no porto, material de guerra em grandes quantidades e equipamento diverso e moderníssimo.

Uma guarnição de mais de trinta mil homens, uma fortaleza de primeira ordem e material abundante e moderno tais eram as realidades que, na sua marcha vitoriosa, Rommel ia encontrar. Essa marcha teria de se deter, a não ser que a fortaleza fosse dominada, o material apreendido e os homens prisionados. Entretanto, o grosso das forças britânicas abandonara, como vimos, as posições de El Adem e Sidi Rezegh para se ir concentrar e reagrupar ao longo da fronteira do Egipto, desde Sollum ao longo duma linha de cerca de sessenta quilómetros.

As rectaguardas britânicas, na sua retirada, procuravam deter o avanço dos alemães e perturbar as suas colunas móveis. Rommel parecia não se incomodar muito com estas acções de retaguarda, a principal das quais se desenrolou próximo de Gambut. Dir-se-ia que se estava reservando, embora a actividade da sua aviação indicasse claramente que a batalha estava longe de ter atingido o seu termo. E que também ele precisava de proceder ao reagrupamento de forças e à sua reorganização, ao mesmo tempo que lhe era indispensável concentrar na nova frente de batalha o armamento indispensável à execução dos seus projectos.

O ASSALTO À CIDADE

Esta situação prolongou-se ao longo de três dias, entre 17 e 20 de Junho. Na madrugada de 20, Rommel iniciou o assalto à cidade que demorou apenas algumas horas. A operação iniciou-se por uma poderosa barragem de artilharia combinada com o ataque de dezenas de bombardeiros de voo a pique. Estes últimos concentraram a sua acção contra as baterias de artilharia, que defendiam a cidade, e contra os campos de minas que a circundavam. Testemunhas desta fase da luta, que conseguiram fugir por mar, afirmaram que as minas rebentavam em conseqüência do ataque aéreo conduzido com grande pericia por especialistas.

Com o campo aberto por esta operação preparatória, a infantaria e os carros tinham o caminho aberto para o seu avanço que não se fez tardar. Um serviço de informações aturado dera conta ao comando alemão de que, no perímetro defensivo, existia uma posição particularmente fraca, cuja guarnição era constituída por um batalhão de infantaria ligeira de mahrattas. Foi contra estes que se encarniçou a infantaria alemã, levando-os facilmente de vencida e dominando, com uma rapidez incrível, a sua resistência. Os «tanks» puderam assim assegurar aos alemães a posse da cidade.

A 11.ª brigada de infantaria indiana não resistiu ao peso do assalto que se seguiu e, com a sua rendição, a retaguarda da 2.ª divisão sul-africana ficou em risco eminente de ser cercada e dominada. A luta prolongou-se ao longo daquele dia, mas a sua decisão desde os primeiros momentos não podia oferecer dúvidas. Uma tentativa para fazer sair audaciosamente uma parte da guarnição pelo meio do inimigo malogrou-se, sendo prisionados os efectivos que fizeram essa tentativa. Verificada a impossibilidade de quebrar o anel de aço que os alemães haviam constituído em volta da cidade, só restava para o general Klopfer,

comandante da praça, e para a sua guarnição solução de se renderem se não preferissem morrer. Foi a primeira a solução que adoptaram.

A RENDIÇÃO DA CIDADE

Na madrugada do dia 21, um domingo, o general Klopfer rendeu-se e com ele toda a guarnição da cidade onde se tinha registado um número insignificante de baixas. Os alemães fizeram trinta mil prisioneiros e apreenderam muito material de guerra, centenas de canhões, muitos «tanks» e material ligeiro variado.

Entre os prisioneiros figuravam a 2.ª divisão sul-africana, a 4.ª e a 6.ª brigadas sul-africanas, a 20.ª brigada motorizada britânica, a 32.ª divisão blindada, a 11.ª brigada de infantaria indiana, formações de artilharia anti-aérea e anti-tanks, tropas auxiliares, quasi todas elas do Reino Unido. Com estas forças foram prisionados os respectivos estados maiores. Só uma pequena parte da guarnição, umas escasas centenas de homens, entre os quais um regimento de Worcester, conseguiu fugir e alcançar a fronteira do Egipto reunindo-se às tropas de Ritchie.

Ao contrário do que gerilmente acontecera em casos idênticos, não foi possível aos defensores da cidade, dada a rapidez com que o ataque foi conduzido e coroado de êxito, proceder a destruições de material de grande vulto. Quasi todo aquêle que se encontrava no interior da cidade caiu nas mãos dos atacantes que, assim, puderam melhorar a sua posição para operações futuras. Esse material revelou-se efectivamente de grande utilidade nas semanas seguintes em que Rommel procuraria executar os seus projectos de invasão do Egipto.

Da guarnição da cidade poucos foram também os que puderam escapar-se pelo mar, pois a aviação alemã passou a exercer nos dias seguintes uma vigilância aturada ao longo de todo o litoral, evitando assim a fuga daqueles que esperavam utilizar esse meio de fuga. Praticamente toda a guarnição da cidade, que devia impedir o avanço das forças do Eixo em direcção ao Suez, ficou aprisionada.

CONSEQÜÊNCIAS DA QUEDA DE TOBRUK

As conseqüências da queda de Tobruk iam revelar-se duma importância capital, não apenas no decurso imediato das operações em África, mas no con-

junto da guerra, dadas as suas repercussões e o momento crucial em que se produziu. Se ela não tivesse sido seguida duma resistência do general Auchinleck na posição fortificada de Alamein, os alemães teriam alcançado o Suez, e com o desenvolvimento da campanha da Rússia, era-lhes fácil encerrar a possibilidade, temível para os Aliados, de fazerem a junção das suas forças, vindas de oeste e do norte, no pátamar estratégico do Próximo Oriente, dando um curso inesperado à guerra.

Com a queda de Tobruk, a Grã-Bretanha perdeu uma parte valiosa do seu exército de África, que tão penosamente fora constituído depois



Depois da batalha de Marsa-Matruk, os prisioneiros britânicos são assim interrogados.



Esta foi uma das primeiras fotografias tiradas na ocasião da ocupação de Tobruk. Foi feita no cabeço de um pequeno monte, quando a infantaria e a artilharia alemãs atacavam a forte posição aliada.

da chegada do Afrika Korps, à custa de sacrifícios e dificuldades enormes. Perdia, simultaneamente, a melhor parte do material e equipamento que havia sido enviado para o continente africano no meio de riscos extremos e com prejuízo de outras necessidades. Os envios de material anglo-americano para a Rússia, que era geralmente considerada a frente de batalha mais importante na guerra de coligação em que aqueles três países figuravam como aliados, foram sacrificados às exigências das operações em África. Uma grande parte, possivelmente a melhor parte desse material caíra em mãos inimigas na altura em que a campanha da Rússia ia assumir, para este último país, uma feição catastrófica com o avanço alemão sobre Estalinegrado e o Cáucaso.

Mas as próprias consequências imediatas na guerra de África eram de tal maneira evidentes e essenciais que a Grã-Bretanha teria de rever imediatamente o conjunto da situação, procurando remediar, na medida do possível, os inconvenientes gravíssimos que resultavam da queda de Tobruk. A ameaça sobre o Egipto surgia imediatamente, com os seus reflexos na opinião pública deste país. E a ameaça sobre o Próximo Oriente e as posições britânicas nestas paragens embora mais distante não deixaram de se reflectir igualmente sobre o sentimento das populações locais, com grave prejuízo para o prestígio da Grã-Bretanha.

O AVANÇO SOBRE O EGIPTO

Rommel tinha que proceder com rapidez para não permitir que a defesa do Egipto se organizasse convenientemente, como não consentira que se organizasse convenientemente a defesa de Tobruk. Para tratar da sorte dos prisioneiros e do destino do despojo apreendido, ficou o mínimo de pessoal especializado nas tarefas administrativas ou técnicas. O grosso das forças germano-italianas encaminhou-se em direcção à fronteira do Egipto, intensificando a perseguição às forças britânicas em retirada.

Um comunicado especial alemão de 21 de Junho anunciava a queda de Tobruk. Um outro comunicado especial de 23 anunciava que as primeiras forças do Eixo tinham atravessado a fronteira do Egipto. Os ingleses tinham que renunciar à defesa da linha que haviam procurado estabelecer ao longo da fronteira egípcia desde Sollum até Halfaia. Só lhes restava o recurso de se estabelecerem em Marsa Matruh que ficava duzentos quilómetros para o interior do país. Mas para isso era indispensável que o avanço alemão lhes consentisse uma paragem, mesmo ligeira, e Rommel parecia cada vez menos disposto a fazer essa concessão.

Na noite de 23 para 24, grandes efectivos alemães e italianos atravessaram a fronteira egípcia entre Maddalena e Omar. Estas forças em dois dias, entre 23 e 25, percorreram no interior do Egipto cerca de cento e cinquenta quilómetros, colocando-se assim à distância de cinquenta quilómetros de Marsa Matruh. O deserto não detinha Rommel, como o não detivera a resistência britânica em Tobruk e na fronteira.

Era necessário encarar novas soluções para a situação que não deixava de se agravar. Essas soluções deviam ser encontradas e os Aliados depunham as suas últimas esperanças num momento gravíssimo e que ia esforçar-se por honrar essas esperanças dando remédio a uma situação em que a sua responsabilidade não se encontrava directamente envolvida.

A RETIRADA BRITÂNICA

Seis dias depois de haver conquistado Tobruk, três dias depois de haver penetrado na fronteira do Egipto, Rommel estabelecia contacto com a linha defensiva preparada pelos ingleses em Marsa Matruh. Era evidente que as possibilidades de resistência nesta linha eram mínimas e Auchinleck decidira-se, desde logo, a abandoná-la.

Mas operar uma retirada, que se não liquidasse pelo cerco ou pelo extermínio das suas forças, o comando britânico era obrigado a conduzi: uma vigorosa acção de retaguarda em volta daquela posição fortificada, afim de permitir que o grosso das forças britânicas pudesse organizar uma nova linha de resistência e agrupar-se nela. Para essa missão de sacrifício foram designados os neo-zelandeses, que já se haviam distinguido em Creta e na Grécia, reafirmando a reputação com que haviam saído da conflagração de 1914-18.

Em Marsa Matruh travou-se, durante dois dias, uma batalha feroz entre os neo-zelandeses e as forças especializadas e excelentemente equipadas que Rommel designara para dominar aquela posição. A defesa era principalmente realizada com o auxílio de artilharia, pois os «tanks» de que o comando britânico dispunha haviam sido quase inutilizados no decurso da luta. Os comunicados do Eixo referiam-se à retirada britânica, à perseguição de Rommel e à extensão do avanço realizado.

Vinte e quatro horas depois de se ter estabelecido o contacto, a luta tomava proporções épicas, em volta de Marsa Matruh, cuja ocupação só pôde fazer-se na manhã de 29. O comunicado que dava conta deste acontecimento, dizia: «Marsa Matruh foi conquistada esta manhã. Quebrada a resistência dos forças blindadas do inimigo, as unidades do Eixo continuam o seu avanço para leste. Durante os duros combates travados para a ocupação de Marsa Matruh, fizesmos seis mil prisioneiros e destruimos e capturámos trinta e seis carros de combate, bem como um grande número de veículos».

A luta ia agora desenvolver-se noutras condições, luta de vida ou de morte para o Império Britânico e para o seu futuro.

(CONTINUA)



WALT DISNEY

BEMFEITOR DA HUMANIDADE

ESTEVE há dias em Lisboa o sr. Edmundo Lassale, delegado de Walt Disney e enviado especial à Europa. Não é uma pessoa banal, um vulgar agente de negócios, ou um caixeiro-viajante de produção cinematográfica, como tantos outros que cruzam o Atlântico, em missão comercial. Professor da Universidade de Washington, apaixonado dos assuntos ibero-americanos, inteligente e culto — o sr. Edmundo Lassale, que pensa fazer duas conferências sobre «Walt Disney e a sua arte», no regresso de Espanha, veio até nós inteirar-se da aceitação dos filmes de desenhos animados no mercado europeu e preparar o caminho para apresentar as películas culturais e educativas que os estúdios de Disney estão produzindo sob os auspícios dos governos da América do Norte e do Sul, e sob sua exclusiva responsabilidade financeira.

Noventa por cento da produção dos estúdios de Disney obedece hoje ao imperativo da guerra. O Pato Donald, Mickey, Goofy e todas as personagens célebres do mundo dos bonecos animados ensinam os «secrutas a montar e desmontar metralhadoras, esclarecem-nos sobre as vantagens de ter as armas bem limpas, mostram-lhes o interior dos «tanks» e dos canhões — numa demonstração brilhante e «radiográfica» das peças complicadas da maquinaria que urge identificar e conhecer.

Foi a «Vitória pela Força Aérea» — esse filme admirável tão mal tratado pelo público e pela crítica — que revelou as extraordinárias possibilidades dos desenhos animados, no campo cultural e didático. A tese do major Sevversky — árdua defesa de princípios estratégicos — encontrou na arte e engenho de Disney uma exposição clara e impressionante, que a tornou acessível a todos os sectores do público e a todas as mentalidades. Mas, além disso, Disney demonstrou que era possível fazer um espectáculo com elementos que, normalmente, não o favoreciam.

A clareza da exposição de «Vitória pela Força Aérea» e ao mesmo tempo a possibilidade de fazer «o ensino pela alegria», através de um espectáculo, levou o governo americano a encomendar aos estúdios de Disney os filmes necessários ao esforço de guerra, a que atrás nos referimos.

De idéias em idéias, contou-nos o sr. Lassale, Walt resolveu-se a realizar películas pedagógicas e didáticas. A primeira intitulou-se «A Praga Mal-dita». É o problema da malária e do sonezismo, apresentado através da necessidade de combater o agente transmissor dessas doenças: o mosquito «anofeles». Disney descreve o perigoso insecto alado, mostra-nos o aparelho bucal, e em seguida explica a forma como ele ataca, os perigos da infecção no sangue, etc. E, por fim, a parte prática: «Como nos devemos de livrar dos mosquitos?». E vemos então os sete andes de «Branca de Neve», na sua casa, em luta contra «a praga mal-dita», até seu completo extermínio. Depois deste filme, Walt Disney produziu «Água que mata», «O milho» e a «Defesa do Corpo Humano», com idéias características e finalidades. Estas produções são exibidas gratuitamente nas três Américas. E Lisboa vai vê-las, possivelmente, na época que vem.

Tudo isto nos contou o sr. Edmundo Lassale. Mas acrescentou mais alguma coisa — que supomos inédita, como notícia. Walt Disney está a estudar seriamente a possibilidade de realizar uma série de filmes para ensinar as crianças a ler. E teríamos, assim, o cinema votado à sua mais bela missão!

Os estúdios de Disney estão mobilizados. A percentagem de filmes recreativos não excede 10 por cento da produção total. Mas quando vier a Paz, o Sonho e a Fantasia voltarão a ocupar a posição perdida e a guerra terá revelado mais uma faceta brilhante dos desenhos animados — ao serviço da educação.

E Walt Disney não ficará apenas como o maior poeta da Tela, mas como um verdadeiro Bemfeitor da Humanidade — pela parte do sonho que emprestou à vida e pela sua obra em prol da cultura e da civilização.

FERNANDO FRAGOSO

Quando as galãs são mobilizadas

Três galãs célebres vestem hoje a farda de soldados. Da esquerda para a direita: o comandante Robert Montgomery, o capitão Clark Gable e o tenente Robert Taylor conversam com Spencer Tracy sobre o que viram, durante as suas viagens na Europa e no Pacífico. Os dois primeiros participaram de acções várias na Europa. Robert Taylor fez parte da guarnição que desembarcou nas Aleutas. Quando a guerra acabar, os três famosos galãs voltarão ao cinema, para alegria e satisfação das suas admiradoras.



Sabem como se rebama esta nova «estrela», uma das loiras mais sensacionais da Cinelândia? Tem um nome fora do vulgar — Vicki Styles. E foi certamente por isso que adoptou esta postura, um novo «style» de tirar retratos...

SABE ALGUMA COISA DE CINEMA?

LOIRAS OU MORENAS? Quais as favoritas dos soldados americanos?

SABE de cinema? Quere avaliar as suas possibilidades cinéfilas? Tente encontrar as respostas certas para as perguntas que damos a seguir:

- 1 — Deanna Durbin nasceu...
 - ...nos Estados Unidos.
 - ...no Canadá.
 - ...na Irlanda.
- 2 — Frank Sinatra, o ídolo da América, era, até há pouco...
 - ...um pianista célebre.
 - ...um cantor de rádio.
 - ...um jogador de «base-ball».
- 3 — A vedeta do «Metropolis» foi...
 - ...Brigitte Helm.
 - ...Marlene Dietrich.
 - ...Paula Wesselly.
- 4 — Charles Boyer interpretou o seu primeiro filme falado...
 - ...em França.
 - ...na América.
 - ...na Alemanha.
- 5 — Lolita Dolores Asunsolo é o verdadeiro nome de...
 - ...Lupe Velez.
 - ...Dolores del Río.
 - ...Margot.
- 6 — Elsa Lanchester é casada com...
 - ...Bing Crosby.
 - ...Ramon Novarro.
 - ...Charles Laughton.
- 7 — Stan Laurel, o famoso «Estica» trabalhou, nos primeiros tempos da sua carreira, na mesma companhia de que fazia parte o grande cómico...
 - ...Buster Keaton (Pamplinas)
 - ...Charlie Chaplin.
 - ...Harold Lloyd.
- 8 — «Pencudo» foi o nome com que se popularizou entre nós o actor...
 - ...Harry Langdon.
 - ...Charley Chase.
 - ...Larry Semon.
- 9 — O protagonista do filme de Lubitsch, «O Príncipe Estudante», foi...
 - ...Ramon Novarro.
 - ...Gilbert Roland.
 - ...Lars Hanson.
- 10 — «Napoleão» foi realizado, em França, por...
 - ...René Clair.
 - ...Abel Gance.
 - ...Jean Renoir.

HOLLYWOOD está a produzir um filme — «Abroad with two yankees» — que nos conta as aventuras sentimentais de dois soldados americanos — William Bendix e Dennis O'Keefe — na Austrália.

Até aqui, a notícia nada tem de extraordinário. E a complicação surge a partir do momento em que o produtor — Edward Small — se lembrou de escolher, para eleitos do coração daqueles soldados, raparigas que representem, na realidade, a imagem das mulheres que o soldado americano da segunda grande guerra mundial considera como sendo o «tipo ideal».

Em 1916-1918, os americanos batiam-se sómente em França e as noivas e namoradas de Armentières eram todas morenas. Agora, os exércitos dos Estados Unidos distribuem-se pelo mundo inteiro. E qual é o tipo de mulher que representa, para eles, «a noiva sonhada»?

Para averiguar, com o maior escrupulo, este particular, Edward Small, o produtor, mandou organizar um inquérito em todos os corpos expedicionários, inquérito que está sendo levado a cabo pelos órgãos de Imprensa, privados de cada um deles.

Poderá dizer-se que o caso não tem uma importância transcendente para o agrado do espectáculo — e para o prestígio da Arte cinematográfica. Mas a popularidade do cinema é feita destas pequenas coisas. E Hollywood não perde de vista essa realidade...

Mais de oito respostas — denota invulgar competência; mais de cinco e menos de oito — razoável cultura cinematográfica; mais de três e menos de cinco — que o leitor não é totalmente ignorante da matéria; menos de três — que é preferível não tentar a sorte noutro «test» cinematográfico. (Ver as respostas na página 22).

Como se apanha um criminoso

NA sétima Avenida de Chicago, o automóvel de Lúcio Beldonní estacou junto do grande prédio cinzento. Beldonní desceu e meteu-se, rápido, no elevador que o levou ao 25.º andar. Afé procurou a porta dos alojamentos de Tony Roco, o «Cara Ruíva».

Tony Roco esperava por ele. — Ainda bem que vieste, Beldonní... Quero conversar contigo sobre um negócio sério...
O outro olhou-o de soslaio. Durante anos tinham sido rivais. Agora, mesmo, Beldonní acabara de entregar à polícia Rex Muller, o braço direito de Roco, acusado de assassínio. Por isso, tudo lhe parecia um pouco estranho.

Mas o «Cara Ruíva», sorrindo, estendeu-lhe um copo de «whisky». E Beldonní bebeu-o, dum trago, com sofreguidão.

— Bem — disse «Cara Ruíva» — podemos conversar... Eu sei que mataste o velho Lerston e que acusaste Muller de ter sido o assassino...

Beldonní riu-se por sua vez. — Estás à espera que eu confesse alguma coisa?

— Sim! — retorquiu «Cara Ruíva», mostrando-lhe um frasquinho. — Vés este frasquinho? Tem veneno para matar cem traidores como tu...

— Mas...
— E o «whisky» que bebeste tinha metade de líquido deste frasquinho...

Lúcio Beldonní pôs-se pálido e olhou o outro, com olhos esgazeados. Depois, a testa cobriu-se-lhe dum suor repentino. Mas foi só um momento. Recompôs-se.

— Eu devia ter desconfiado... Mas não faz mal... Direi à polícia que matei o velho Lerston... e que tu me envenenaste. Assim, Muller será sóto... mas tu terás o brinde da cadeira eléctrica!

E, num repêlo, apanhou o telefone e ligou para a esquadra mais próxima.

Quando daí a momentos chegaram os Detectives, Beldonní confessou tudo.

— Sim, fui eu que matei o Lerston e preparei a armadilha para Muller ser acusado... Querem a prova? Aqui está o revólver!... Mas não vale a pena prenderem-me... Este camarada envenenou-me traiçoeiramente... Morreré dentro dum ou dois minutos... E é, ofereço-o, a cadeira eléctrica. Só então, o esperto «Cara Ruíva» o interrompeu:

— Não façam caso... Ele é um tólo... Mostrei-lhe um frasco de aspirina e pensou que era veneno... Acreditou em tudo que eu disse... Mas pode estar certo de que a cadeira eléctrica será para ele, por assassínio do velho Luston.

E na história da polícia americana este é um dos seus episódios mais curiosos, em que um «gangster» obrigou um outro a confessar-se assassino, apenas por esperteza...

PROBLEMA N.º 3

O enigma de Maria Morel

CONTINUAMOS com esta a série de problemas policiais que tanto interesse despertaram entre os nossos leitores. Pedimos, porém, que sejam concisos nas suas deduções sem, contudo, deixarem de explicitar as razões porque acusam...

E vejamos quem descobre o assassino da linda Maria Morel — o nosso terceiro problema. As soluções deste caso podem ser enviadas para a nossa redacção, até ao dia 20 do corrente.



Maria Morel, uma jovem 1 cuja beleza é considerada irresistível, pela maior parte dos homens, defende-se desesperadamente do ataque dum das muitas mulheres cuja felicidade arruinou para sempre. A luta prossegue até que um tiro faz tombar Maria Morel para não mais se levantar. A assassina compõe o vestido rasgado durante a luta e pensa para consigo própria: «Tenho de eliminar o factor tempo — o único perigo que me poderá apouquentar». E sai, rapidamente...

Dezanove horas e cinco 2 minutos. Eis um trecho da conversa telefónica entre Cort e Lucille Tudor.

LUCILLE — Viste hoje a Maria Morel?

SUE CORT — Vi-a, sim... Há cerca de meia hora, level-lhe a casa um frasquinho com a minha loção para as mãos... Olha, ali vai Lida, a criada dela... E tu, viste a Maria Morel?

LUCILLE — Sim, sim... Level-lhe um livro, esta tarde!



Logo que o cadáver de

3 Maria Morel é descoberto, o inspector encarregado do caso, fixou a sua atenção nas pé-gadas encontradas sobre a neve que rodeava a casa de Maria Morel. Ele recorda-se que o vento que varrerá a neve caída durante o dia — parará de soprar abruptamente afé pelas sete horas. E para o inspector não há dúvida alguma: uma série de pé-gadas pertencem a Lida, a criada; as restantes são de Sue Cort, amiga de Maria Morel...

O inspector, porém, faz um gesto de silêncio e diz perentóriamente: «Já sei quem é a culpada!» E olhou severo para uma das três mulheres...
Quem foi a criminosa? Qual a dedução do inspector?

(Veja a solução no próximo número).

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 2

Não havia lama nos sapatos brancos de Fern, quando ela foi encontrada morta. Além disso, o par de sapatos enlameados que foram trazidos de casa e comparados com as pegadas na enseada, provava conclusivamente que ela não fora assassinada ali — porque depois de voltar da enseadadura de sapatos...

Assim, a acusação de assassino caiu sobre Miller, o qual depois de muito instado acabou por confessar o seu crime.

Ele dissera que tinha ficado em casa durante todo o dia. Por isso vira Fern regressar, após o seu passeio com o amigo. Há muito tempo que ele procurava encontrar-se a sós com Fern. Aproveitou a ocasião mas a rapariga desistiu aos seus desejos. Num acesso de furor, Miller estrangulou-a e, de seguida, transportou o corpo para o bosque, esperando que Todd fosse acusado do crime.

O indício dos sapatos sem lama, porém, revelou a principio da verdade. Fern devia ter sido morta em casa, depois de voltar da enseada. E era Miller que estava em casa!

Quadro de mérito policial dos solucionistas do problema n.º 1

- Agente Inghinho (Lisboa).
- Alberto Machado Saraiva (Amoreira).
- Antónia Graça (Lisboa).
- Arnsé Lupin (Lisboa).
- Carlos B. Mendes Paulos (Lisboa).
- Carlos Plácido de Sousa (Lisboa).
- Detective Otho de Goraz (Lisboa).
- Fernando Edgar Trigo (Ermezinde).
- G. Man F. C. (Pôrto).
- Jorge M. R. Bettencourt (Lisboa).
- Israel Ferreira (Lisboa).
- João Alberto Gouveia (Lisboa).
- José Maria Cordeiro (Alcobaça).
- Leiria Dias (Lisboa).
- Mário Augusto L. de Mascarenhas (Lisboa).
- Mário Cunha da Silva Pettz (Pôrto).
- Mário de Oliveira Gomes (Coimbra).
- Natércia R. Pereira Lette (Lisboa).
- Rapsag (Setúbal).
- Rutra Erbon (Lisboa).
- Telmo Ferosso (Lisboa).
- Zirteba (Lisboa).

Satisfaz-nos imenso o bom lote de solucionistas do Problema n.º 1. Muito bem.

Informamos A. Rebocho Pais (Lisboa), Nove de Ouros (Lisboa), Guilhermino Rodrigues (Lisboa), José Lopes Brito (Olhão), e Luiz de Campos Leal Diogo (Vila Franca de Xira), que descobriram o verdadeiro culpado mas não apresentaram deduções absolutamente certas e lógicas.

A Natércia Dias (Lisboa), Regina Ferreira (Lisboa), e Maria Beatriz Lombo (Chelas) — comunicam que não basta dizer quem é o criminoso. Têm que apontar e demonstrar as razões da acusação.

Quanto aos outros — e foram bastantes... — erraram desta vez. Mas não faz mal. Continuem!

REPORTER MISTÉRIO



A nova fórmula de «FIXINA», criada em 1944, fixa, dá brilho e não seca. Exija «FIXINA» 1944. Durante o mês corrente será ofertado a todos os compradores de «FIXINA» um lindo espelho mágico.

FIXINA
O fixador de cabelo das pessoas distintas

Botão maior, 15\$00
Botão menor, 10\$00

Vende-se nas boas drograrias, barbearias e outros estabelecimentos. Laboratórios Rudi — Rua S.º Ildelfonso, 28, Pôrto — Representantes em Lisboa: Agência Comercial F. V. F., Ltd. — Rua dos Fanqueiros, 135-3.º, Dt. — Telef. 4 8582.

SUISSE

Mondia

relógio

TITAN

SUISSE

DUAS MARCAS
QUE MARCAM CERTO



EMISSÕES DOS ESTADOS UNIDOS
EM LINGUA PORTUGUESA

(RECORTE ESTA TABELA PARA REFERÊNCIA FUTURA)

12,45	WRUS	30,9	WRUA	25,45	WKLJ	30,75		
13,45	WRUS	19,83	WRUA	25,45	WGEO	19,56		
14,45	WRUS	19,83	WRUA	25,45	WRUW	25,58	WBOS	19,7
17,45	WRUS	19,83	WRUA	25,45				
18,45	WRUS	19,83	WRUA	25,45	WRUL	19,5		
19,45	WRUS	19,83	WRUA	26,9				
20,45								
a				(Meia hora de programa especial)				
21,15	WRUS	19,83	WRUA	26,92	WGEA	25,3	WGEX	25,4
21,45	WRUS	19,83	WRUA	26,92	WGEO	19,5	WGEX	25,4
22,45	WRUS	30,94	WRUA	39,6	WRUL	25,58	WKLJ	30,77
23,45	WRUS	30,94	WRUA	39,6	WKLJ	30,77		

«A VOZ DA AMÉRICA» em português pode ser também escutada por intermédio da «B. B. C.» das 19,45 às 20

EMISSÕES DIÁRIAS

OIÇA a VOZ da
AMÉRICA em MARCHA

APRENDA
LÍNGUAS



Com os cursos completos em

DISCOS

O ensino mais rápido, perfeito e económico

Milhares de pessoas têm seguido este método com absoluto êxito. Não há outro que permita em curto espaço de tempo, com pouco esforço e despesa mínima, adquirir pronúncia impecável, vocabulário abundante e prático para falar e escrever correctamente.

DETALHES E DEMONSTRAÇÕES

— NOS —

EST. VALENTIM DE CARVALHO

Rua Nova do Almada, 97



CONTEM TODOS OS ELEMENTOS
MODERNOS NECESSARIOS AO RE
JUVENESCIMENTO DO SEU ROSTO

Instituto Virel
RUA DA SAUDADE, 2 A * LISBOA, TEL. 20472
PACO

PASSATEMPO

DIRIGIDO POR AUGUSTO TEIXEIRA MARQUES

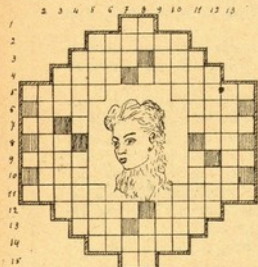
TODA A CORRESPONDENCIA DEVE SER DIRIGIDA A R. MARQUEZ SÁ DA BANDEIRA, 108-3.º — LISBOA

PALAVRAS CRUZADAS • DAMAS • XADREZ • CHARADAS

PALAVRAS CRUZADAS

PROBLEMA N.º 32

Por José Rodrigues Correia
(Viséu)



ENUNCIADO

HORIZONTAIS: 1 — Perverso. 2 — Patrânhas. 3 — Desajar; filho de Neptuno. 4 — Épocas; cansar. 5 — Deusa dos pastos; porventura. 6 — Progenitor; nome de mulher. 7 — Compreendi; comilão. 8 — O mais; batráquilo. 9 — Serra portuguesa; porco. 10 — Protecção; aia. 11 — Afelto; actuação. 12 — Fungo parasita da vinha; vaidade. 13 — Reza; remas para trás. 14 — Famoso doutor judeu do século V antes J. C. 15 — Grito de dor.

VERTICAIS: 2 — Selvagens que habitam as margens do rio Arinos, no Estado de Mato Grosso, Brasil. 3 — Pronome pessoal; povoação do concelho de Tondela, Viséu. 4 — Maluquice; ósso do ante-brço. 5 — Adoras; pessoa que se embriaga. 6 — Chefe etíope; seguias. 7 — Imensidão; oferece. 8 — Aspecto; duas consoantes e uma vogal. 9 — Arredores; vaso de pedra para líquidos. 10 — Frecha; altares. 11 — Enlaçar; cidade portuguesa. 12 — Redrar; grita. 13 — Partir.

PROBLEMA N.º 31

Evolução

HORIZONTAIS: 1 — Mercê. 2 — Adiar. 3 — Cigarra. 4 — Sa; mó. 5 — Fora; rio; aras. 6 — Acaro; arara. 7 — Jam; leves; cal. 8 — Arame; aluir. 9 — Lata; com; Elsa. 10 — To; la. 11 — Serraria. 12 — Atido. 13 — Raros.

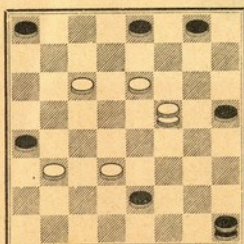
VERTICAIS: 1 — Falal. 2 — Océra. 3 — Gramata. 4 — Ar; má. 5 — Mais; olé; tear. 6 — Edgar; corta. 7 — Ria; invio; rir. 8 — Carmo; miado. 9 — Erro; asa; aros. 10 — Ar; lé. 11 — Oráculo. 12 — Arais. 13 — Saira.

DAMAS

PROBLEMA N.º 35

(Concurso)

Por Domingos António da Silva
(Lisboa)



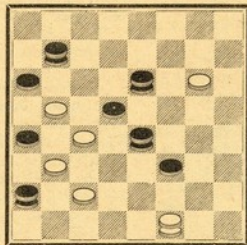
Jogam as brancas e ganham.

PROBLEMA N.º 36

(Concurso)

Por José António Reis Martins
(Caminha — Minho)

(O autor dedica este seu trabalho a Joaquim Rosa Nobre, de Pernes).

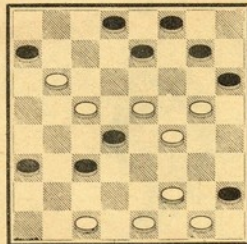


Jogam as brancas e ganham.

PROBLEMA N.º 37

(Concurso)

Por Edmundo Sant'Ana de Moraes
Vidigal (Lisboa)



Jogam as brancas e ganham.

PROBLEMA N.º 34

(Concurso)

Solução

10-14 26-29 29-12 2-17 g.
18-11 17-3 16-7 P.

FINAL DE JOGO N.º 9

(Concurso)

Solução

Hipótese única
9-13 13-18 18-22 22-26 (*)
28-23 23-20 20-16 16-12
7-16 16-20 20-23 10-14
15-11 11-6 6-3 3-10
14-19 32-28
10-6 P.
ganham.

Observação — O segredo da solução consiste em não fazer «damas» senão mais tarde, porque se a fazemos logo, consentimos no empate. Ora como a tendência do jogador é fazer imediatamente «damas», o presente final, em regra, empata-se quasi sempre.

(*) Se continuar: 27-31, 11-6; 31-13, 6-2; 10-14, 2-11; 13-18, 11-15; 18-27, 15-24; 14-19, 24-28; 27-23, 28-31; 23-32, 31-18; 32-28, 18-31; 28-24; 31-18; 19-23, 18-14 e 14-18 empata.

ATENÇÃO

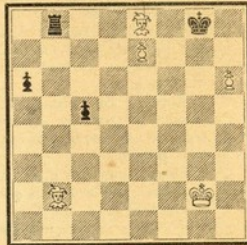
Neste final de jogo (n.º 9) e por baixo do diagrama faltou publicar a seguinte nota:

As pretas conseguem o empate, com simples facilidade, as primeiras tentativas, mesmo manejas por «damistas» de competência reconhecida. É uma posição com limitado número de peças e, portanto, de simplicidade aparente, trabalho que temos a honra de dedicar aos «damistas» de Lisboa.

XADREZ

ESTUDO N.º 7

Por L. Salkind



As brancas jogam e ganham.

UMA PARTIDA

Abertura espanhola

Ataque Worall

Brancas	Lances	Pretas
KERES		SÄMISH
P4R	1.º	P4R
C3AR	2.º	C3AD
A5C	3.º	P3T
A4T	4.º	C3AR
O-O	5.º	A2R
D2R	6.º	P4CD
A3C	7.º	P3D
P3A	8.º	A5C
P3T	9.º	A4T
P3D	10.º	D1A
A5C	11.º	C4T
A1A	12.º	P3T
A x C	13.º	A x A
P4TD	14.º	C3A
D3R	15.º	C1D
C3T	16.º	O-O
P x P	17.º	P x P
C2T	18.º	A4C
D3C	19.º	A5A
D4T	20.º	A x A
TR x A	21.º	A x C+
R x A	22.º	C3R
C2A	23.º	D1D
D3C	24.º	D4C
D x D	25.º	P x D
P4D	26.º	P3A
P3AR	27.º	R2A
R3C	28.º	T(1A)1D

Empatado.

(Ajedrez Español)

CORRESPONDENCIA

Filipe Alistão Reis Teles Moniz Corte-Real (Vila Teixeira da Silva, Balundo-Ángola) — Logo que receba a revista é favor mandar-me dizer. Se puder confeccionar algum ou alguns problemas de palavras cruzadas pode remetê-los na mesma ocasião.

Francisco A. Henriques (Almeirim) — Brevemente daremos por terminado o concurso. Aguardarei depois o seu relatório.

Albino Pais (Nelas) — Já deve ter recebido bilhete meu.

Capitão Evaristo A. Borges (Pórtico) — Todos os seus problemas e finais já estão publicados.

E. Oliveira Aguiar (Carvalhos — Gaia) — O mesmo que para o capitão Evaristo A. Borges.

Artur Mário da Mota Miranda (Faro) — É favor enviar-me mais alguns trabalhos da sua autoria.

Vitorino de Sousa Valverde (Nazaré) — Um dos seus problemas de «damas» mais fracos saiu no semanário o «Domingo», de 11-6-94.

Marcelino Pécurto (Vila Viçosa) — O mesmo que para V. S. Valverde.

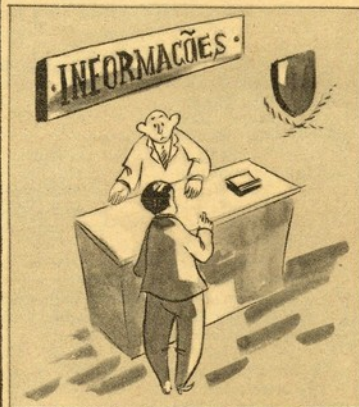
Jorge Galamba Marques (Castanheira de Pera) — Dentro de meses organizar-se-á um torneio de «damas» por correspondência. Conto com a sua inscrição.

António Lopes (Ovar) — Na redacção perderam-me a fotografia do campeonato de «damas». Não haverá meio de me arranjar outra? Agradecia essa gentileza.

Mais 3
do Ventura...
Por ZÉCO



— Para não me roubarem o automóvel, deixo sempre a minha mulher lá dentro...
— Também eu fazia o mesmo... e um dia roubaram-me o automóvel e a mulher!...



— Estou a substituir o empregado que foi almoçar... Eu não sei coisa alguma...



— Que grande «galo» V. tem na cabeça! Quem lhe fez isso?
— Foi uma senhora caridosa que me atirou com uma moeda de escudo do 5.º andar...

PERGAMINHOS

Conto de Fernanda de Carvalho e Silva

Desenho de Fernando Bento

SANTO Deus! Mas será possível que aquela mulher que eu encontrei hoje em pleno Chiado fôsse a Maria Isaura, a nossa Maria Isaura de outros tempos, a alegria do nosso colégio? Que é feito dos seus versos, das suas cantigas, das paródias aos professores?

Meu Deus! Como tu consegues modificar os nossos destinos!

E certo, bom Deus, muitas vezes escreves direito por linhas tortas, mas creio que, no que respeita ao destino da Maria Isaura, escreveste torto por linhas mais tortas ainda.

Em boa verdade, porque a não deixaste ser feliz? Porque lhe deste tudo o que ela não quer e só lhe negaste o que ela te pedia?

O seu sumptuoso casaco de peles e as suas joias caras dizem tão mal com a alma simples daquela rapariguiinha que foi minha colega nos tempos de colégio e que respirava alegria por todos os poros.

E algum tempo depois, quando se quis empregar e que saía todos os dias a caminho do Banco, que bem lhe ficava o seu «tailleur» cinzento de linhas muito simples; como eu gostava de a encontrar subindo a Avenida, plena de alegria e felicidade, de braço dado com ele, com o homem de quem ela gostava, de quem ainda gosta mas com quem não casou, com quem a não deixaram casar.

Nunca, nunca mais esquecerei a sua angústia, a forma como me falou, como me disse o que era a sua vida.

Eu subia o Chiado, ela descia, com um ar vagamente etéreo, uma profunda ruga ensobrando-lhe o rosto:

— Lena!

— Mas és tu, Maria Isaura?!

— É verdade, sou eu! Há que séculos! Quási nem me conhecias!

— É que estás um pouco mudada, sabes?

— Um pouco?! Porque não dizes a verdade?

Porque não dizes que eu estou muito, muitíssimo diferente do que era?

Há na sua voz um tom desconhecido, repassado de amargura. Impressiona-me e por isso tento enveredar desastradamente por outro caminho, pelo caminho que é, finalmente, a base de todo o seu drama:

— Sabes, casei!

Ela sorri vagamente num mixto de ironia e de desolação:

— Sei. E és feliz?

Há lágrimas nos seus olhos, há lágrimas na sua voz.

— Sou feliz! Sou completamente feliz. Tenho dois filhos, um rapaz e uma rapariga.

Um breve silêncio. A nossa volta, o redemolinho da gente que vai e vem não consegue despertá-la da sua quási momentânea letargia. Depois diz-me finalmente:

— Sabes, eu também casei.

Não ousou perguntar-lhe se casou com «ele», tenho medo da sua resposta e contudo, eu apenas desconfio, mas não sei nada.

Ela continua:

— Sim, casei; o meu marido é verdadeiramente um «gentleman», bem vestido, bem calçado, bem falante, um autêntico fidalgo a quem não falta sequer o anel com braço.

Tôda ela vibra, mas eu noto que o seu metal de voz soa falso, levemente enrouquecido, muito, muito irónica, quási sarcástica.

— Vivemos num grande palacete ali para as

avenidas novas; o meu marido tem dois automóveis e uma dezena de criados. Antes da guerra, ia à Monte-Carlo todos os anos, mas agora, nem pensar nisso. Tem uns dedos muito gordos e muitos anéis com brilhantes.

Enruga-lhe os lábios um ritus de amargura:

— A minha família é finalmente feliz, porque eu continuei cumprindo a norma dos meus avós fidalgos, casando com um homem rico e afidalgado.

Agora já compreendi. Os pergaminhos amarrotados, a estupidez da família! A eterna história de um braço enfarruscado e de um nome com partícula!

Eu continuei sem dizer palavra e como a fito com um olhar triste, ela sorri vagamente e pergunta-me:

— Não achas interessante a minha história?

Que posso eu dizer-lhe? Animá-la? Impossível! Lamentá-la? Para quê?

E muito no fundo da minha alba, egostamente — desculpa Maria Isaura! — vou repetindo baixinho o nome de meu marido e os nomes dos meus filhos.

De repente, ela pergunta-me:

— Tu estiveste em África, não estiveste?

— Sim, estive, cheguei o mês passado.

Como soubeste?

— Tudo se sabe nesta cidade pequena onde ninguém tem que fazer e onde todos se metem na vida uns dos outros. Mas, diz-me, não «o» viste?

Ela não se explica mas eu compreendo; Aquê «o» é «ele».

— A África é muito grande, filha.

— Está bem, eu sei, mas ele está em Lourenço Marques.

— Não, não o vi. Nem sabia sequer que ele estava lá.

Bailam-lhe nos olhos duas gótas de água.

— Partiu pouco antes do meu casamento. Creio que de lá me escreveu a sua última carta mas que, tal como a primeira, nunca me chegou às mãos.

— Escuta, Maria Isaura, tu deves ser muito infeliz?

— Muito!

— Mas ouve: Porque não resististe até ao fim como resististe de princípio? Porque não lutaste até vencer?

— Lena! Tu não sabes o que é ter uma

mãe moribunda que nos repte a cada momento, que nos ordena: Casa-te! Tu não sabes o que é ter a família gritando-nos ao ouvido a culpa da morte da nossa própria mãe. Foi isto que me aconteceu! Minha mãe quando adoeceu quis à viva força que eu me casasse, mas não consentiu que me casasse com ele. Eu tive medo que ela morresse! Tive medo do remorso que me envenenaria a vida inteira. Casei e casei com outro. Hoje estou ligada a um homem que detesto, um homem que também não é feliz e que vai procurar lá fora aquilo que eu lhe não dou em casa. Quanto a ele, está longe! Continua a sua vida de artista e dizem que ainda gosta de mim.

Como eu desejaria poder fazer alguma coisa por ela! Pobre amiga. Muito fracamente, tento ainda aconselhá-la:

— Mas tu não podes pensar nêle...

— Eu não posso deixar de pensar nêle, e se ele ainda quisesse...

É preciso desviar aquela mulher do abismo, do precipício para a borda do qual a família a empurrou:

— Maria Isaura, lembra-te que és uma mulher casada. Para todos os efeitos, és casada. É certo. Não tens satisfações que dar a ninguém. Hoje a sociedade está desmascarada e já não pode pedir satisfações seja a quem for. Mas podes ter filhos um dia. E esses podem querer saber como te conduziste sempre. Dize. Se ele ainda quisesse o que aconteceria?

— Se ele ainda quisesse, eu seria a mais mi-

(Continua na pág. 22)



VIDA MUNDIAL ILUSTRADA

DIRECTOR: JOSÉ CANDIDO GODINHO

EDITOR: JOAQUIM PEDROSA MARTINS

PROPRIEDADE DE VIDA MUNDIAL EDITORA, LIMITADA
REDACÇÃO E ADMINIST.: RUA DA EMENDA, 69, 2.ª - LISBOA — TEL. P.B.X. 2 5844

Composição e impressão: Oficinas Bertrand (Irmãos), L.ª — Trav. Condessa do Rio, 27